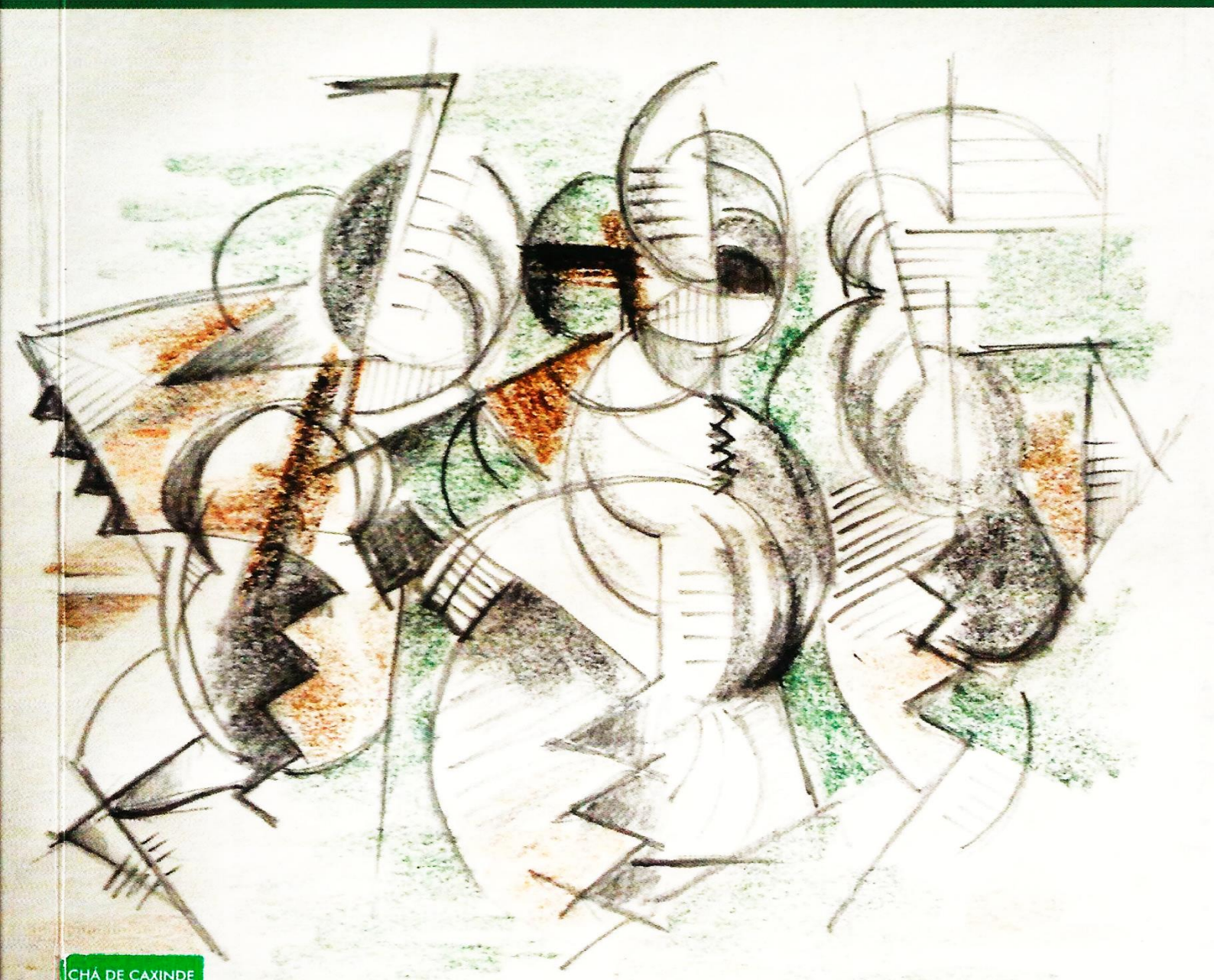


Jorge Arrimar

O Planalto do Kissonde





JORGE ARRIMAR [Jorge Manuel de Abreu Arrimar]

Nasceu na Chibia, nas terras altas da Huíla, numa casa antiga, plantada pelo seu avô materno nas margens do rio Tchimpumpunhime.

Na década de 70 foi um dos fundadores do Grupo Cultural da Huíla, tendo dirigido um suplemento literário no "Jornal da Huíla". Fez

parte da geração universitária dos cadernos de poesia do Lubango (1973-74) e colaborou em alguns trabalhos com o etnólogo Carlos Estermann, sendo da autoria deste o prefácio de *Ovatyilongo* (Lubango, 1975).

Nos Açores, dirigiu, num jornal local a "Página Africana"; consta da antologia *Nós palavras* (1979), e no âmbito da História insular publicou *Cinco cronistas dos Açores* (1983).

Em Macau dirigiu a Biblioteca Nacional (1986-1998); membro da comissão organizadora do I Encontro de Poetas de Macau (1994) e membro fundador da ANANGA - Associação de Naturais e Amigos de Angola em Macau e foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural (1997).

Fez parte da equipa organizadora dos Encontros de Poetas do Mundo em Almada (2010 e 2011) e coordenou o evento "Literatura e Música Popular Angolana Contemporânea", iniciativa da Casa da Cultura Angolana Welwitshia, Lisboa (Set.2012).

Em Angola participou no 1º Encontro de Escritores Angolanos, Lubango (2004); nas mesas redondas "A História e a Literatura" e "Os novos rumos da Poesia Lusófona", integradas na iniciativa cultural da Associação Chá de Caxinde "Ler é uma Festa", Luanda (2012).

Tem participação em várias antologias, nomeadamente: *Ovi-sungu - 13 poetas de Angola* (Brasil); *Contos do mar sem fim - antologia afro-brasileira* (Brasil); *Divina música - antologia de poesia sobre música* (Portugal); *Antologia de poetas de Macau* (Macau); *I Roll de Dice: contemporary Macao poetry* (Macau).

Colaborou em diversas publicações: *Dicionário cronológico de autores portugueses* (Lisboa, 2000); *Dicionário temático da lusofonia* (Lisboa, 2005); "RC Revista de Cultura" (Macau), revista "Macau" (Macau), "Zunái" (Brasil), "Literatas" (Moçambique), "Seixo review" (Canadá).

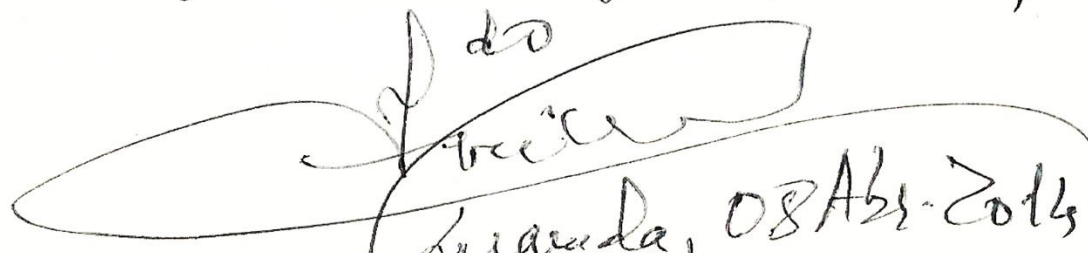
Publicou os seguintes livros: *Ficção - Viagem à memória das ilhas* (2002); *O planalto dos pássaros* (romance, 2002), *Os infortúnios de Juvêncio* (conto, 2003), *Malfadada e os kimbandeiros* (conto, 2010), *O planalto do salalé* (romance, 2012), *Catarina* (conto, 2013), *O planalto do kissonde* (romance, 2013); *Poesia - Ovatyilongo* (1975), *Poemas* (c. EBPinto, 1979), *20 poemas de savana* (1981), *Murilaonde* (1990), *Fonte do Lilau* (1990), *Secretos sinais* (1992), *Confluências* (c. YJingming, 1997), *Ovatyilongo - poesia da Terra* (2010).

É membro da União de Escritores Angolanos.

O Planalto do Kissonde

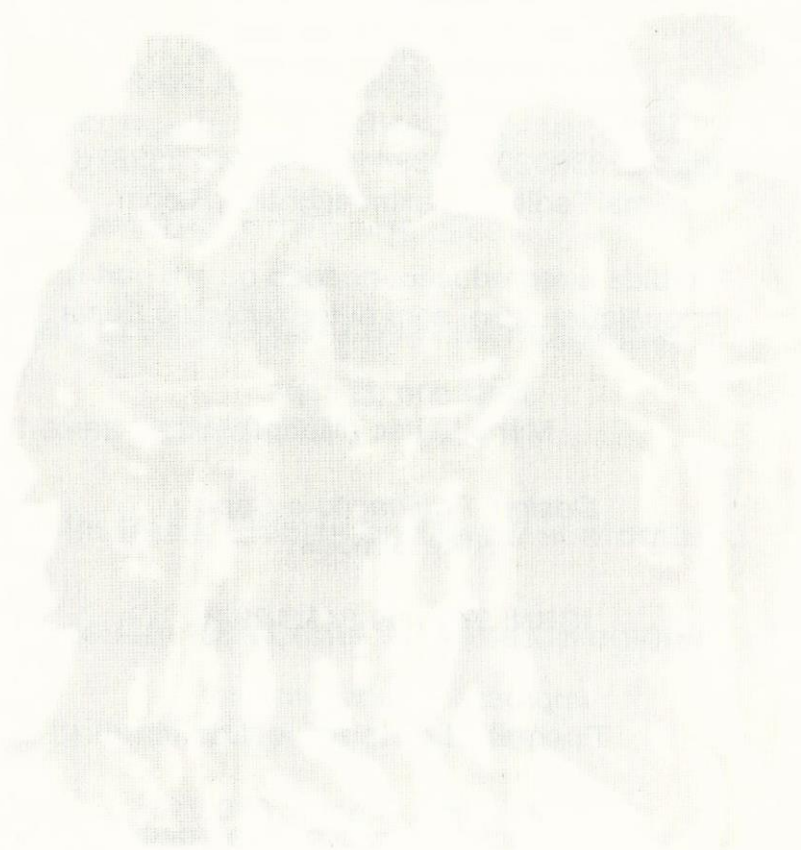
Oscar Gil "Eanes" meu
amigo, meu irmão, compartilhando
juntos o momento de exaltação
das raízes

Com uma grande abração,
do


Luanda, 08 Abr - 2014

Jorge Arrimar

O Planalto do Kissonde




CAXINDE Edições
CHÁ DE CAXINDE

Título
O PLANALTO DO KISSONDE

Autor
Jorge Arrimar

Copyright © Caxinde/Jorge Arrimar, 2013

O autor não segue o último Acordo Ortográfico

Direitos reservados por
Caxinde – Editora e Livraria
Av.^a do 1.º Congresso do MPLA, 20-24
LUANDA
Tel: 222336020/222334400 Fax 222332876
e-mail: editora_caxinde@hotmail.com

Proibida a reprodução, no todo ou em parte,
por qualquer meio, sem autorização do Editor

Desenho da capa
Mário Leitão (Mariot)

Design, Paginação e Capa
Alice Simões

ISBN: 978-989-8498-29-8

Impressão e acabamento:
Tipografia Lousanense, Lda.

Depósito legal (Angola): 6303/13
Depósito legal (Portugal): 367673/13

Todos os direitos reservados para todos os países.
Toda a reprodução, mesmo parcial, é proibida sem a autorização prévia do titular dos direitos. Uma cópia ou reprodução, seja por que procedimentos for: fotografia, microfilme, banda magnética, disco ou outro, constitui uma contrafacção passível de penas previstas pela lei sobre a propriedade literária.

Sumário

| | |
|--|-----|
| Dedicatória | 9 |
| Agradecimentos | 9 |
| A Terra | 11 |
| Prólogo | 13 |
| Capítulo I | |
| O chefe do concelho do Bumbo e comandante do forte . . . | 19 |
| Capítulo II | |
| Kahonga chamou por mim aos clics | 23 |
| Capítulo III | |
| Aquela manhã servira para afiar as mutungas | 41 |
| Capítulo IV | |
| Pedro Chaves estava feliz | 49 |
| Capítulo V | |
| O soba muíla léla k'Ehinga entrou na sua ombala | 63 |
| Capítulo VI | |
| Dom José da Câmara Leme, o chefe da colónia | 69 |
| Capítulo VII | |
| Ao fundo, brilham as águas do rio Nene | 89 |
| Capítulo VIII | |
| Nos últimos tempos os problemas começaram | 95 |
| Capítulo IX | |
| Pedro Chaves encontrava-se na sua fazenda | 103 |
| Capítulo X | |
| Tom levanta-se cedo nesse dia frio de Agosto. | 119 |
| Capítulo XI | |
| Quando a sua nova casa, já quase pronta | 123 |

| | |
|--|-----|
| Capítulo XII | |
| Só Orlog regressou aos Gambos. | 127 |
| Capítulo XIII | |
| A nuvem era carregada | 133 |
| Capítulo XIV | |
| O acordo que Orlog tinha firmado com o capitão Luna . . . | 141 |
| Capítulo XV | |
| Três da madrugada. Faz um frio de gretar. | 143 |
| Capítulo XVI | |
| Lado a lado cresciam a bom ritmo a povoação da Chibia e a fazenda Amélia. | 151 |
| Capítulo XVII | |
| No Humbe os bois morrem aos milhares. | 159 |
| Capítulo XVIII | |
| Uma machila sacolejava nos ombros fortes | 167 |
| Capítulo XIX | |
| O jovem João Bettencourt concluiu a primária | 201 |
| Capítulo XX | |
| Estava calor nesse dia de Março de 1900. | 207 |
| Capítulo XXI | |
| Dona Guilhermina estava nervosa. | 211 |
| Capítulo XXII | |
| Chegado o dia da grande festa | 219 |
| Epílogo | |
| A inauguração da fazenda Amélia | 245 |
| Glossário e Notas | 247 |

De 1885 a 1915, o Sul de Angola foi a guerra. A guerra sob todas as formas e por todos os motivos conhecidos.

(René Pélissier – História das campanhas de Angola)

*Falar das guerras é um assunto nada pacífico. Falar de memórias é um assunto cheio de esquecimento.
[...]*

Sempre que invoca o passado, o escritor está construindo uma mentira, está inventando um tempo que está fora do tempo.

(Mia Couto – Intervenções: o novelo ensarilhado)

Dedicatória

À memória de meu pai, **André de Sousa e Silva Arrimar**,
no 90º aniversário de seu nascimento (Chibia, 30 Nov. 1923)

Ao **Sússe** do tempo de meu bisavô João

Ao **Dahone** e **Kanivete** do tempo de meu avô Alberto

Ao **Nahango** do tempo de meu pai

Ao **mBula** e **Tchonguíá** do meu tempo

Agradecimentos

À Isabel e Graça,

*pelas palavras de confiança, leituras atentas
e apreciações sempre ajustadas sobre o texto*

Ao Mário pelo desenho da capa

*Ao Evaristo Macedo, Fernando Peres, Joaquim Silva, Orlando
Carmo Filho e Walter Abreu,*

*meus amigos, conterrâneos e familiares, pela sua pronta
e generosa contribuição para a edição deste livro*

Prólogo

Com este livro, “O Planalto do Kissonde”, chegamos ao terceiro momento da nossa narrativa dos planaltos, iniciada com a publicação, em 2002, de “O Planalto dos Pássaros”, e continuada, em 2012, com “O Planalto do Salalé”. Como os anteriores, também este é um livro de ficção histórica. As suas principais personagens, assim como as localidades, existiram de facto, conservando, muitas delas, os seus próprios nomes. Factos e pessoas, mesmo quando se mantêm as designações e os nomes originais, são envoltos numa capa de ficção. História e ficção misturam-se e o objectivo é esse mesmo. Há acontecimentos que, por necessidade de um melhor enquadramento narrativo, sofreram adaptações cronológicas e disso damos conta no final do livro, em glossário e notas.

Alguns moradores antigos de Moçâmedes, Huíla, Hum-pata, Chibia e Lubango, são referenciados pois, sem eles, não ficaria completa a matriz humana na qual se alicerça este romance. A partir de alusões encontradas em documentos da e sobre a época, atrevemo-nos a compor um retrato mais completo, mas naturalmente mais fantasioso destas antigas figuras de Angola. Mas nem todas as personagens deste romance se basearam em figuras reais, algumas são fruto pleno da imaginação.

Kissonde – *formiga guerreira (K)*.

A trama deste romance inicia-se nos anos 80 do séc. XIX, década de grandes eventos e de significativas mudanças no Sudoeste Angolano, das quais oficialmente se preservou a memória de alguns episódios, como a viagem pela Cimbebasia do padre Carlos Duparquet (1979-80); a chegada à Humpata dos bóers oriundos do Transvaal (1881); a passagem pelo planalto da Huíla dos exploradores portugueses, Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens (1884); a resistência do soba do vale do Lubango e a guerra do caçador de leões da Bibala (1884); a chegada ao vale do Lubango da colónia madeirense “Sá-da-Bandeira” e a fundação oficial de S. Pedro da Chibia (1884/85); os efeitos da Conferência de Berlim (1885), que impôs ao continente africano a sua divisão pelas potências europeias; as guerras do Humbe com Chaungo e Luhuna (1885-86 e 1891).

Contudo, pese embora os factos históricos significativos que foram referidos, houve muitos outros que a História não registou ou deles apenas faz uma leve menção, muitas vezes erupções do quotidiano das pessoas da terra, gentios e moradores, que nos mereceram a atenção e que entram na construção deste romance.

Pedro Augusto Chaves, chefe do concelho da Huíla, a quem se deve a fundação da povoação da Chibia e da célebre Fazenda Amélia e sua mulher, Guilhermina da Costa Alemão Coimbra, fazem parte do elenco principal deste romance. Se, dele, documentos há que nos revelam alguma

Gentios e Moradores – termos aqui usados como se usavam à época, com o objectivo de identificar quem estava na dependência dos sobas (autoridades tradicionais) e quem estava na dependência do governo de Luanda (brancos reinóis, brancos da terra, mestiços, negros assimilados e quimbares, sendo que estes últimos eram designados, na primeira metade do séc. XIX, por “negros calçados” ou ambaquistas).

coisa, já de sua mulher quase nada se sabe a não ser o nome e a família a que pertence. A dona Guilhermina que aqui surge é pura ficção. A sua Fazenda Amélia foi, muitas décadas depois, a “nossa” Fazenda Amélia, quando, já em ruínas, ocupou um lugar mágico e misterioso no tempo da nossa infância.

Igualmente nos fascinou a figura de Pedro de Água Rosada Lello, príncipe herdeiro do trono do Congo que, em 1897, foi estudar para a Missão da Huíla, a conselho de quem o queria mais instruído para melhor reinar ou, simplesmente, o pretendia bem longe do poder.

Por diversas vezes vivemos um dilema: ou estávamos mais próximos de Heródoto e era a História que se impunha, ou seguíamos Homero e era a Literatura que nos transportava. Num texto deste tipo, em que a primeira está sempre presente, confessamos a nossa dificuldade em nos soltarmos da sua teia e nos libertarmos para o jogo inebriante da segunda. Mas é um livro de ficção, este que deixamos ao leitor, em que a História apenas se encontra presente como alicerce, matriz ou guião. O que se inventou teve por base o nosso empenho em não fugir à verosimilhança das situações, para que o leitor sentisse a possibilidade de que tal e tal caso tivesse acontecido mesmo assim, dadas as personagens em presença e as suas circunstâncias.

Convém, também, fazer notar ao leitor que o termo “branco” não tem, à época e nos locais que escoram esta narrativa, o mesmo significado que hoje possui. Apresenta um sentido menos epidérmico e mais cultural. Em muitos casos, os termos branco e morador confundiam-se, pois ambos identificavam pessoas que, independentemente da sua cor de pele vestiam, falavam e portavam-se de uma forma mais ou menos europeia, dependendo mais do governo de

Luanda do que dos chefes tradicionais. De qualquer forma, estas fronteiras não eram muito nítidas e, aqui e ali, ou nesta e naquela altura, ora se aproximavam, ora se afastavam de uma ou outra.

Será a partir de 1849/50, com famílias luso-pernambucanas a fixarem-se no litoral de Moçâmedes e Serra Abaixo, posteriormente com famílias bóers a instalarem-se na Humpata, em 1881, e com famílias madeirenses a chegarem ao vale do Lubango, Humpata e Chibia, em 1884/85, que a face humana do sudoeste angolano começa a mudar substancialmente. Estes eram já importantes grupos de colonos que, de forma organizada e oficialmente dirigida, chegam e se instalam. A partir desta altura o termo branco começa a ter um significado cada vez mais epidérmico, nomeadamente nas zonas onde estes grupos se implantam, exercendo mais a sua influência.

É desse universo de que temos vindo a falar que fazem parte as personagens e os enredos, reais e fictícios, deste livro.

Nota Breve:

Atendendo que a trama romanesca deste livro decorre em diversas zonas de Angola, essas mudanças de percurso reflectem-se, também, em termos linguísticos. Para que o leitor se inteire melhor do significado das palavras ou expressões originárias de outros idiomas, principalmente africanos, que aparecem ao longo do texto, entendemos colocar em nota de pé de página a explicação dessas palavras ou expressões, aquando da sua primeira aparição, seguidas de uma letra entre parênteses curvos, identificativa da origem linguística do termo. Assim, no caso do kimbundu aparecerá (K.), do Umbundu (U.), do Lunyaneka (N.), etc.

A última vez que vi Paulino Pilarte tinha doze anos e fui colhido de uma surpresa transparente, uma surpresa fria como o vidro, que me tolheu a respiração.

O teu avô chamou S. Pedro da Chibia a esta terra, o seu próprio nome agarrado ao nome da povoação, explicou-me ele, com um sorriso estranhamente irónico nos lábios grossos. E a Chibia era, e ainda é, a terra eleita pelos espíritos dos antepassados, a terra onde se aplacam os seus temores e se apaziguam os seus medos.

Lembro-me que lhe perguntei, Paulino, como sabe isso?

Sei porque meu pai me contou. Ele estava com o teu avô quando chegaram aqui e juntos ouviram os espíritos a serem aquietados na outra margem do rio Tchimpumpunhime.

Ai é? Procuraram isso? Estiveram lá?

Não! Não podiam.

Não podiam? Porquê?

É que, bem... eles não passaram desta margem...

(Confidências de António Augusto Chaves,
S. Pedro da Chibia, 1920)

Capítulo I

“Zekêza foi revelando que João Dias tinha sido o primeiro branco a penetrar naquelas terras, o que conseguiu assenhorear-se delas, aquele que passou a explorá-las. Repetiu que era alto e forte, de pele avermelhada, com barba espessa e grossos bigodes a enfeitar a cara bonita, de anjo.”

(Jacques Arlindo dos Santos – *Kasakas & cardeais*)

O chefe do concelho do Bumbo e comandante do forte daquela localidade, José Alemão Coimbra, era também o representante da poderosa família Alemão Coimbra. Duas das suas irmãs viviam na povoação da Huíla. Guilhermina, casada com o chefe do concelho da Huíla, Pedro Augusto Chaves, e Teresa, casada com Francisco Soares Rosa, escrivão fiscal do concelho.

Foi José que se atarefou a ir até à povoação da Huíla naquela manhã fresca e ensolarada de Maio de 1884, para dar a novidade ao seu cunhado de que estavam para chegar dois oficiais da armada portuguesa em missão de exploração.

A notícia de que os enviados do Reino estavam bem perto e que tinham acampado junto à mata de mulembas, alastrou-se pelas terras altas como fogo no capim. A partir daí começaram a ver Pedro Chaves numa grande azáfama a preparar a recepção dos importantes oficiais.

É necessário recebê-los com a dignidade que oficiais tão distintos merecem, dizia a todo o momento, satisfeito com tal honraria.

A curiosidade de uns e o puro interesse comercial de outros não os fez aguardar pela visita dos forasteiros à povoação, levando-os a aproximar-se da mata de mulembas, local dantes sem especial importância, a não ser pela sombra que as grandes árvores proporcionavam.

*

*

*

Pedro Chaves redobrava-se em informações aos visitantes e estes ouviam-no com muito interesse. Até eu, um simples morador, os atraía com as minhas conversas, sobretudo quando me referia às viagens e às aventuras de meu falecido pai, Luís Pilarte.*

Contudo, quem verdadeiramente os surpreendia era o padre Duparquet, de quem recebiam verdadeiras lições sobre a língua e os costumes dos povos, sobre as plantas e animais de variadíssimas regiões. Todos nós gostávamos da forma como o padre falava das coisas. Era incrível como, por vezes, descrevia o que todos nós conhecíamos tão bem, dando uma entoação especial, atribuindo um valor novo, colocando as coisas como elas eram e comparando-as com outras.

Motivados pelo ambiente que se criava à sua volta, os recém-chegados não deixavam, também, de contar algu-

* Ver: *O Planalto do Salalé* (2012)

mas das suas aventuras, sendo que uma das últimas tinha acontecido ali perto, na fazenda Nascente, localizada na margem do rio Munhino, envolvendo o seu dono, um grande caçador de leões.

Nestor da Costa é filho dum importante morador de Moçâmedes, oriundo de Pernambuco, informei. Ele próprio me disse que matou o seu vigésimo sexto leão não há muito tempo.

Vinte e seis leões?!, admirou-se o padre Duparquet.

Contudo, o que mais o assustou, segundo ele próprio nos contou, foi um leão que, depois de ferido se refugiou na cozinha, dando cabo das panelas e dos tachos, informou Capelo, um tanto excitado.

Felizmente para os habitantes da casa, a fera ficou com a cabeça presa entre as travessas de uma mesa e pôde ser abatida facilmente, completou Ivens.

Mas a aventura que os visitantes mais gostaram de ouvir tinha a ver com a última grande viagem que eu e o padre Duparquet fizéramos há cerca de cinco anos, entre 1879 e 1880.

E foi nesse trajecto que conheci Haikela, o melhor e mais bondoso monarca de quantos encontrei em todas as minhas passagens por terras africanas, disse o missionário. Depois, olhando para mim, pediu-me que fosse eu a contar a nossa grande aventura pelas terras da Cimbebásia, pela vasta terra do povo chimba ou himba.

Capítulo II

“[...] Na bahia de Walwich, encontrei apenas duas cazas, sendo uma sueca e outra ingleza e alguns barracões que servem de armazens. A caza suecca pertence á firma A. W. Eriksson & Companhia, e é importante. – commercêia em marfim e pennas de Avestruz com os indígenas do sertão, e têm ao seu serviço um pessoal bastante numeroso [...]”

(“Relatório” do comandante da canhoeira Tâmega, António Marques da Silva, Moçâmedes, 11Out. 1878, em *Angolana*)

Kahonga chamou por mim aos clics, como é próprio do falar dos hotentotes, sem que o conseguisse perceber.

Fala em lunhaneca, meu coirão, disse-lhe eu na língua da Huíla. E lá falou num olunhaneca estropiado, dando para perceber que estava pronto para partir na direcção do Cuanhama, onde iríamos tentar caçar alguma peça grande, um holongo ou uma pacaça, para alimentar a energia esgotada dos membros da caravana do padre Duparquet.

Hotentote – grupo étnico-linguístico pré-banto, originário da África Austral. Termo que quer dizer “gago”, por causa do falar aos clics ou estalinhos, típico deste povo. (A.)

Lunhaneca, Olunhaneca, Olunyaneka – língua dos nhaneca ou nyaneka, povo do planalto da Huíla. (N.)

Saímos nos nossos cavalos, à rédea solta, que o tempo não dava para muito. “Estranho!”, pensei eu, quando vi vultos agachados junto a uma árvore. Quando ia aconselhar Kahonga a estar alerta, pois o meu instinto havia detectado algo impreciso e ameaçador, vimo-nos subitamente cercados por um grupo de guerreiros ovambo, de carantonhas nada amigáveis, de ventas a farejar os ares como se estivessem a caçar, de músculos retesados, de olhos cruéis a chispar como pontas de zagaia.

Eh lá “clic”! Kahonga “clic” fica atento qu’essa gente “clic” não tá com boa cara “clic”..., gemi baixinho aos clics para o hotentote que só percebeu o seu nome e nada entendeu daqueles clics mal articulados, misturados com português e olunhaneca. Mas o hotentote fez tudo ao contrário do que eu faria. Dum salto desmontou e pôs-se a rir de boca escancarada para os guerreiros. Estes, que, provavelmente esperavam tudo menos aquela reacção, pararam de brandir suas armas e abriram muito os olhos, fazendo uma trégua, rápida, na sua agressividade. Era o que Kahonga queria: tréguas! Mas foi sol de pouca dura. Os guerreiros voltaram a ser agressivos e desconfiaram de mim que levantava a arma em sinal de paz. Paz não era com eles, pelo menos nesse dia, e avançaram de zagaias levantadas como pinças de lacrau prontas a picar, a espetar, ao mesmo tempo que atiraram areia, com desprezo, para cima de Kahonga. Este, aos cliques, bem tentou dizer-lhes que éramos apenas caçadores na peugada de um antílope. Eles é que não queriam

Ovambo, Ova-Ambo – Ambo (*plur. ova-Ambo*) é o grupo étnico que habita um e outro lado da fronteira sudoeste de Angola com a Namíbia. Em Angola estão os povos Cuanhama, Kwanyama; Cuamátui, Kwamatwi (*tbm.: Ombadja, Ombadya*); Dombondola; Evale; Cafima, Kafima.

saber das explicações do hotentote maluco que ria nas suas fuças, como se fossem pastores e não guerreiros. E assim avançaram na nossa direcção, mais precisamente sobre mim, arreganhando as ventas. Foi então que compreendi a razão da sua fúria, a origem de seu mau ar. Talvez pensassem que eu era um odiado bóer com o seu escravo hotentote.

Ombulo! Ombulo!, gritavam eles, de língua solta e bochechas cheias, infladas de raiva.

Estamos perdidos, pensei eu, e pus-me a gritar em lunhaneca que eramos gente do Karuapa:

Ôntué tu vantu uá Karuapa, ôntué tu vantu uá Karuapa!, fazendo os ovambo hesitarem na sua investida!

Entretanto, Kahonga continuava a tentar confundir os atacantes com um sorriso de orelha a orelha, enquanto ia falando na sua língua recheada de clics inter-dentais. Bem lhes tentei explicar que eu não era bóer, nem Kahonga meu escravo. Os ovambo não mostravam interesse nas minhas explicações, antes pareciam ter muito mais interesse pelas nossas armas. Assim, os guerreiros que se encontravam próximos de mim, rapidamente me tiraram a espingarda e, quando se preparavam para fazer o mesmo a Kahonga, este saltou para cima do cavalo e apontou-lhes o fusil, provocando-lhes a fuga.

Olhei com admiração para o meu companheiro.

Estamos safos!, consegui dizer.

Kahonga executou de seguida uma pequena dança ritual de agradecimento aos seus antepassados por nos terem protegido e logo iniciámos o regresso ao nosso acampamento.

Ôntué tu vantu uá Karuapa!; Onthwe tu vantu wa Karwapa! – *nós somos gente do Karuapa!* (N.). Karuapa é o nome africano de Erikson, o famoso caçador sueco do Cabo.

Ter permitido que roubassem a espingarda que Karuapa me tinha cedido, não era nada bom, e eu não ia saber como explicar isso ao colérico sueco do Cabo. “Vai ficar uma fera!”, pensei. Mas não havia nada a fazer e perseguir os ovambo seria uma perfeita e desnecessária temeridade.

Regressados ao acampamento, contámos a nossa aventura, ou melhor, desventura. Como previa, Karuapa não reagiu nada bem, barafustou e praguejou como se em vez de uma arma tivesse perdido a própria mãe, decidindo iniciar uma perseguição aos agressores. Contudo, uma dúvida se levantou. Os ovambo eram um aglomerado de doze tribos e nós não sabíamos ao certo qual a proveniência dos referidos guerreiros.

Eram ombalandos, cuâmbis ou ombadjas?, perguntava ele, com o sangue a trepar-lhe o rosto como uma bungavília, tornando-o quase da cor dum hotentote. E nós, amedrontados com tanta fúria a transbordar daquele homem alto e grosso como um embondeiro, lá fomos dizendo, entre desculpas e embaraços, que não tínhamos conseguido perceber de onde eram oriundos os nossos atacantes.

Talvez sejam do Cuanhama, porque foram para esses lados, isso pude perceber, disse-lhe eu, cheio de esperança de lhe acalmar a cólera. Karuapa nem resposta deu. Chamou uma dúzia de cavaleiros e lançou-se a toda a velocidade em perseguição dos guerreiros ovambo, mas sem sucesso, apesar de terem percorrido vinte milhas. Cansado mas ainda raivoso, resolveu regressar ao acampamento, não sem antes ter dado algumas instruções a Vita, que apesar de ser ainda muito jovem, dezasseis anos de idade, era já merecedor da sua confiança. Vita teria que seguir o rasto dos ladrões logo ao romper do dia seguinte, até que a espingarda fosse recuperada.

Vai depressa, leva contigo dois guerreiros ombadjas e dois cuâmbis e não demores a regressar com a minha espingarda, gritou Karuapa, fazendo as rolas levantar voo e cantar desatinadas. Nos meus ouvidos, o cantar das rolas soava desta vez ao grasnar de corvos.

No dia seguinte, a comitiva deixou Omatúzia logo pela manhã e, depois de três horas e meia de marcha, chegou ao primeiro povoado da Ombadja, onde havia água em abundância. Ali almoçámos e reiniciámos a viagem pelas duas horas da tarde. Avançámos pelas margens cobertas de lavras e de matas de árvores de fruto. Os nossos carros bóers pararam diante da grande porta da ombala fortificada do hamba Haikela e não levou muito tempo a que nos víssemos cercados por um grande número de pessoas, tendo as mulheres do hamba oferecido, de presente, grandes sacos de feijão.

*

*

*

Vita chegou! Vita chegou!, ouviu-se gritar.

Ele traz a espingarda? Traz a espingarda?, perguntava Karuapa. Pouco depois aparecia Vita. E então, onde está a espingarda?, questionou Karuapa, lá de cima do seu metro e oitenta e cinco.

Kahonga que assistia de perto, sentiu-se ainda mais pequeno, arreganhou a beíça e cuspiu para o lado, endireitando o avental traseiro. Vita cumprimentou Karuapa e

Ombala, embala – *residência do soba ou hamba* (N. e outras líng. do Sudoeste angolano)

Hamba – *soba, rei* (id.)

depois hesitou. O seu silêncio, inesperado, fez o caçador sueco suspeitar de que algo não corra bem.

Cheiramos no vento o cheiro deles, largamos os olhos nos caminhos p'ra descobrir os sinais dos pés que fugiam, abrimos nossas orelhas nos sons todos, seguimos o rasto dos guerreiros até no Cuanhama, mas... Vita voltou a silenciar-se.

Mas o quê? Foram atacados?, gritou-lhe Karuapa, nervoso.

Não, Karuapa! Nós éramos só cinco e... foi melhor não entrar naquele eumbo. Se entrávamos não íamos sair mais.

O sueco engrossou a voz, parecia que trovejava, e tratou-o pelo nome em africânder:

Oorlog, Oorlog, estás a decepcionar-me. O que são uns ombadjas perto de cinco dos meus homens? Perto de ti, que te ensinei a atirar como nenhum outro? Perto de ti, que te chamas Oorlog, filho de Tom, o bravo tswana?

O visado fitou-o nos olhos, mostrando-se estranhamente sereno.

Euê! Não foi a coragem que m'abandonou, não foi ela que me cegou. Foi mesmo a cautela, a certeza de que Karuapa ia perder não só a arma mas também cinco dos seus melhores homens.

Repentinamente, o sueco ficou mais calmo e até esboçou um sorriso.

Talvez tenhas razão. Iremos lá mais tarde e juro que irei fazer guerra ao Sipandeca.

Foi a vez de Vita se surpreender.

Fazer guerra no Sipandeca, senhor? Guerra no grande hamba dos cuanhamas?

Sim, porra!, caso ele não faça esforço nenhum para encontrar o ladrão e devolver a minha espingarda.

Vita estava transido. Sabia que, quando se zangava, Karuapa ficava bravo como um rinoceronte ferido. Só que nunca lhe passara pela cabeça que ele pudesse ter a coragem de, com tão poucos homens, fazer a guerra ao grande Sipandeca do Cuanhama. E a cólera do sueco teria subido de nível se o hamba Haikela não o tivesse mandado chamar à sua ombala, a ele e a Duparquet. E o padre pediu-me que eu fosse com eles, o que aceitei com todo o gosto.

Haikela recebeu-nos no grande terreiro das reuniões e das recepções. Tinha cerca de 45 anos, boa aparência, um ar benevolente e afectuoso para com os seus vassallos, e sabia receber os estrangeiros. Gostou desde logo de nós, especialmente do padre, e fez questão em demonstrá-lo. Com Karuapa foi mais reservado, dando a entender que não confiava muito nele. Este, já nos tinha dito que Haikela era um fraco, pois não fazia os seus vassallos tremerem na sua presença, como acontecia com Sipandeca do Cuanhama e Nihombo do Cuâmbi. Para Karuapa, soba que se presasse tinha que fazer tremer qualquer dos seus vassallos só ao pronunciarem o seu nome. O que não acontecia, como era evidente, com Haikela.

O soba, assim como a maior parte das pessoas que estavam presentes, tinha o corpo coberto de lucula, gordura misturada com tinta vermelha obtida do cerne do girasonde, a árvore que chora sangue. Depois de muitos cumprimentos e longa conversa, Haikela mandou servir cerveja em abundância, dando por concluída a audiência. Mas amável como era, quis que levássemos para o acampamento grandes vasilhas de cerveja e carne de avestruz, o que nos proporcionou uma excelente refeição.

No dia seguinte, Haikela e seus cinco filhos saíram cedo da ombala e foram até ao nosso acampamento, para gentilmente nos retribuir a visita. Erickson, o Karuapa, deu ordens para que lhe trouxessem um dos dois cavalos brancos que tinha, o macho, e encarregou Vita de traduzir as suas palavras ao hamba. Este ficou surpreendido e agradecido com a oferta pouco habitual, um belo cavalo e um colar de cobre dourado que recebeu com nítido prazer. Talvez motivado por isso, depressa mostrou interesse em que o padre Duparquet ficasse na sua terra para ensinar aos seus filhos uma língua europeia, português ou inglês, pois tal poderia ampliar-lhe a rede de contactos com o exterior. O missionário aconselhou-o a escolher português.

Humm! Eu acho que é melhor aprender a língua dos ingleses, é a mais usada entre os estrangeiros que passam por aqui, e os povos a sul do meu território só têm contactos com gente que fala essa língua, foi pronto a responder Haikela.

O hamba tinha feito a sua escolha e Duparquet não o quis contrariar. No fundo, também concordava com ele. Contudo, o convite não vinha na melhor altura e o missionário começava a sentir-se algo embaraçado, dado que não podia desistir da sua viagem até ao Cunene. Mas ao observar o ar desiludido do hamba, acabou por lhe dizer que iria considerar essa hipótese, o que fez Haikela oferecer os serviços dos seus mais aptos caçadores.

Eles indicarão os melhores locais para caçar, pois não quero que passem fome.

De seguida, deu por finda a visita e retirou-se para a ombala na companhia dos seus filhos.

Na segunda-feira, logo pela manhã, eu e Duparquet encaminhámo-nos para a residência do hamba, não só

para o missionário lhe demonstrar o quanto havia ficado sensibilizado com o seu convite, como para lhe oferecermos alguns presentes.

Haikela recebeu-nos com grande cordialidade e ordenou que nos servissem malôdu, cerveja de sorgo fermentado, muito habitual naquelas terras.

Generoso hamba, não sou um homem rico, não sou caçador nem comerciante, por isso o que tenho para te presentear está muito aquém do que merece o maior dos ombadjas, mas é oferecido com o coração, disse Duparquet, dirigindo-se ao nosso anfitrião com os cumprimentos do costume.

Haikela sorriu, bebeu uns sonoros golos de cerveja e depois fez um gesto largo que indicava que podíamos avançar com os nossos presentes. Duparquet pediu que eu lhe passasse o saco que estava à minha guarda e dele retirou uma caixa de pólvora, duas barras de chumbo, duas caixas de invólucros, quatro libras de contas e alguns bocados de tabaco, colocando-os numa cesta que um membro do clã real lhe levara. Haikela olhou para os presentes e mandou que os guardassem. Tivera a gentileza de os receber, o que agradou ao missionário.

Entretanto Karuapa e outro elemento da comitiva, William Jordan, um mestiço do Cabo, fizeram-se anunciar e convidaram o hamba para assistir a uma corrida de cavalos. Jordan era um elemento importante nestas tentativas de persuadir os senhores das terras por onde passavam, pois era um habilidoso diplomata, dotado de uma instrução pouco vulgar. E foi ele, com a sua lábia refinada e uma variedade de expressões faciais e de requebros de corpo, dignos de um especialista em pantomima, quem muito contribuiu para o convencimento do soba Haikela. Este, não escondendo o

seu entusiasmo, aceitou o convite e de pronto saímos todos da ombala, para participar no grande evento.

Depois da festa, o hamba mandou que fosse oferecido um boi de presente ao padre Duparquet. Este recusou-o, dizendo-lhe que uma cabra e um porco chegavam bem para a sua mesa. Aquele voltou a insistir que o missionário se fixasse perto da sua ombala.

Continuo à espera de uma decisão tua, Mutikíli; espero que penses bem na minha oferta.

Sim, é minha intenção ir somente até ao rio Cunene e voltar em seguida. Nessa altura falaremos com mais calma, respondeu o missionário.

A expressão de Haikela era de alguém que não acreditava muito no regresso do religioso. E continuou a pedir-lhe que ficasse para apreciar a sua boa disposição e a do seu povo.

Se voltares, dar-te-ei o terreno que quiseses para que possas erguer a tua casa.

Agradeço-te muito, mas preciso de tornar a Omaruru e só depois disso poderei vir para cá, retorquia Duparquet.

Muito bem, Mutikíli!, aguardarei então que venhas para dirigires tu mesmo a construção da tua residência. Contudo, podes aproveitar enquanto cá estás para escolher o terreno, conforme o teu gosto e necessidades.

O missionário agradeceu muito a magnanimidade de Haikela e prometeu-lhe que regressaria logo que possível. Depois foi convidado a ir visitá-lo no dia seguinte para dar um passeio pela ombala, o que o missionário aceitou de bom agrado, pois ainda não tinha tido a possibilidade de

Mutikili, Mutiquíli – adivinho-curandeiro (C.). Equivalente a quimbanda, kimbanda (K.), ou tchimbanda, tyimbanda (N. U.).

o fazer. Como sempre, não deixou de pedir que eu fosse com ele.

A residência do hamba mostrava-se bem fortificada, encerrando no seu interior vastas hortas e reservatórios de água cheios de peixes. Os dias que se seguiram foram então aproveitados para fazermos largas saídas em todas as direcções, à procura de um lugar favorável para a futura morada de Duparquet. Por fim, descobriu um belíssimo terreno, apenas a vinte minutos da residência do hamba, situado junto duma extensa lagoa, profunda e inesgotável e sombreada por grandes e antigas árvores. A paisagem era encantadora, destacando-se perto uma área de solo avermelhado e fértil, suficientemente elevada acima da omaramba para ficar ao abrigo das inundações. Decidido que o terreno seria aquele, Duparquet anunciou-o a Haikela, que lho concedeu imediatamente.

*

*

*

Karuapa, farto de esperar pela espingarda desaparecida, partiu para o Cuanhama a fim de a reclamar junto do próprio Sipandeca. Entretanto, três emissários do soba Nihombo do Cuâmbi tinham chegado ao nosso acampamento, dando conta de que os ladrões da espingarda tinham sido descobertos no Cuanhama. Quando soube da boa nova, suspirei de alívio. Uma semana após Karuapa ter partido, chega ao acampamento, vindos do rio Cubango, Alberto, um dos

Omaramba – *chana*, planície de vegetação rasteira e alagadiça. (C.)

seus irmãos, acompanhado de um negociante de penas de avestruz e marfim, que se encontrava em viagem no Cuanhama. Eu próprio lhes contei o que se passava e as razões que tinham levado Erikson a ausentar-se do acampamento.

Sipandeca, o hamba do Cuanhama, tendo recebido informações de que o feroz Karuapa e o seu temido serviçal Vita, mais uns tantos guerreiros, estavam quase a chegar às suas terras, mandou que fosse devolvida a arma ao seu dono. Ele não queria problemas com aquela gente e pretendia mostrar que a arma não lhe interessava “porque tinha muitas”. Eram as relações com os caçadores e comerciantes europeus que mais o motivavam.

Quanto a Karuapa, ficou muito satisfeito por ter conseguido resgatar, mais do que a espingarda, a fama que o precedia, de ser implacável para com quem o enganava e de ser bravo como um animal selvagem quando era desafiado. No dia seguinte, no início da tarde, puseram-se a caminho para se reunirem a nós, no nosso acampamento, em Omuparara, onde chegaram ao fim de oito horas de marcha.

Omuparara, ainda nas terras de Haikela, era uma bela clareira no meio da floresta, com água em abundância. Os caçadores tinham morto cinco avestruzes, duas girafas, e outros animais. Não nos demorámos muito e continuámos a marcha até ao rio Cunene, cujas margens já não se encontravam inundadas. Ali recebemos a notícia de que um grupo de Bóers se encontrava acampado a poucas léguas do Humbe, nas margens do rio, onde caçavam hipopótamos.

Karuapa, não será melhor tentar saber o que pretendem?, sugeriu Jordan.

Bóers? O que farão tão longe das suas terras?, estranhei.

É sabido que há uma meia dúzia de anos que andam a fugir dos ingleses..., esclareceu Karuapa, que até ali estivera calado a observar tudo.

Vita, sempre alerta, deu conta que chegavam dois cavaleiros. Nada escapava aos olhos de águia daquele homem que servia Karuapa desde miúdo. Eram dois emissários bóers que nos procuravam.

Será melhor recebê-los, não acham?, disse Jordan, que deixava transparecer interesse num entendimento com os bóers.

Eu não conseguia perceber qual a razão e achava Jordan um homem estranho, que me deixava desconfiado. Karuapa, embalado na boa vontade do companheiro, assentiu.

Recebemo-los, claro! Afinal é quase gente nossa...

Jordan sorriu e avançou em direcção aos mensageiros, já muito próximos. Cumprimentou-os em africânder, também a sua língua materna, e conduziu-os até Erikson, o "Karuapa", e ao padre Duparquet, o "Mutikili". Estes levantaram-se e apertaram as mãos aos recém-chegados.

Sejam bem-vindos a Omuparara.

Os bóers contavam com uma idade bastante avançada, mas mostravam ainda uma resistência digna de nota. Por eles soubemos que haviam chegado numa coluna que participava num longo *treck* pelo interior, tendo chegado à margem direita do rio Cunene, havia já alguns dias. Contudo, por terem sido muito afectados pelas febres durante a última estação das chuvas, resolveram os bóeres abandonar o Cahôco e procurar outra terra onde se instalar.

Se procuram um local nesta terra que se aproxime da ideia de paraíso, poderão encontrá-la nas terras altas da Huíla, mais a norte, disse-lhes Duparquet, perante a minha surpresa.

A resposta dos bóers foi natural e sem demonstração de qualquer estranheza. Dir-se-ia que já contavam com uma oferta daquele tipo.

“Estranho!”, pensei... “um francês a oferecer terras muí-las aos bóers, terras essas que por sua vez os portugueses reivindicam como suas... Acho que vêm aí tempos muito complicados...”

Duparquet explicou-lhes então a localização da referida terra, a qualidade das suas pastagens e, sobretudo, a frescura e leveza do seu clima. Entusiasmados, os emissários apostaram-se em colher o maior número de informações sobre a terra que já imaginavam como seu destino.

*

*

*

Nos finais do mês de Julho levantámos o acampamento e partimos muito cedo em direcção ao Humbe. Como nos dias precedentes, fomos obrigados a abrir caminho através da mataria, tendo cada carro-bóer de fornecer, para esse trabalho, um homem e um machado. Os trabalhadores marchavam à frente com os guias e iam abatendo as árvores com uma tal rapidez que os carros raramente tinham que parar. Rumámos a nordeste, atravessando alternadamente bosques e omarambas. Depois de oito horas de marcha, chegámos ao Humbe e montámos acampamento nas margens do rio Cunene. Dali a pouco recebemos a visita de dois negociantes oriundos de Moçâmedes, que ali se encontravam estabelecidos.

Estão há muito tempo aqui no Humbe?, perguntei-lhes. Já faz uns bons anos, responderam.

E que tal é viver aqui?, perguntou o padre Duparquet.

Lá vai dando p'ró negócio, responderam, deixando passar um certo ar de desalento.

E que tipo de negócio?, interveio Karuapa.

Trabalhamos por conta dos senhores Narciso e Bastos, de Moçâmedes. Eles enviam para nós mercadoria variada, e nós trocamos-la por marfim e gado que depois enviamos para lá.

E quanto tempo leva essa mercadoria a chegar ao destino?, foi a minha vez de inquirir.

Trezentos carregadores demoram, do Humbe à Huíla, seguindo sempre o rio Caculovar, oito dias em viagem; da Huíla até Moçâmedes mais quinze dias.

Karuapa interferiu, dizendo que não era de admirar tanto tempo, pois estava visto que aquela gente ainda não tinha aprendido a fazer o seu negócio com carros-bóer. Ainda usam carregadores, como antigamente, disse com ironia.

Em Capangombe produz-se bastante algodão, café e cana-de-açúcar, produtos que são transportados em carroças por uma estrada que liga aquela povoação a Moçâmedes, informaram os visitantes, de brio um tanto beliscado pelo que dissera Karuapa.

O padre Duparquet quis saber, então, quantos negociantes se encontravam estabelecidos no Humbe.

Já fomos vinte e dois, mas agora estamos reduzidos a catorze. Catorze com os irmãos Almeida, que vieram de Caconda.

Os irmãos Almeida!?, exclamei.

Conhece-os?

Vagamente! O meu pai falava-me dessa família, que conheceu em Caconda.*

* Ver: *O Planalto do Salalé* (2012)

Pois, os Almeida são os moradores mais ricos do Humbe, esclareceram os comerciantes.

A conversa prolongou-se mais um pouco, tendo sido interrompida pela notícia de que estariam a chegar carregadores de Moçâmedes. Tendo saído os visitantes, eu e Kahonga metemos os nossos cavalos no rio, atravessando-o a nado, mas, mal pusemos o pé na margem oposta, a gente que ali encontramos lançou-se em fuga.

Tanto medo de nós porquê?, perguntei, admirado da reacção daquele povo. Kahonga só se ria, achando graça à situação.

Julgando imprudente avançar pela terra dentro, torná-mos a transpor o Cunene, regressando ao acampamento. Já a noite começava a estender as suas sombras quando percebi que vinha alguém dos lados da ombala do Humbe. Dali a pouco chegava uma embaixada, tendo um dos seus responsáveis comunicado que o hamba estava muito satisfeito com a nossa chegada. Receber-nos-ia com todo o gosto se lhes garantíssemos que estávamos ali apenas para caçar e não para os matar.

Matar?, exclamei, surpreendido.

Karuapa, com uma gargalhada que me fez arrepiar, apesar do calor, explicou, então, que os humbes não se tinham esquecido das duras refregas que haviam tido com os bóers, no ano anterior.

É que, para além das muitas baixas que tiveram em guerreiros, perderam centenas de cabeças de gado, concluiu.

Aqueles mesmos bóers a quem o padre Duparquet aconselhou a irem viver na Huíla?, perguntei.

Sim, Pilarte, esses mesmos.

*

*

*

Ivens bateu palmas de entusiasmo quando acabámos de contar as nossas aventuras por terras da Cimbebásia. Capelo, que estava distraído com uma osga que se passeava pelas paredes da casa, assustou-se e calçou o pé mais próximo.

Chiça, que o homem pisou-me os calos!, gemeu Pedro Chaves, fazendo a osga desaparecer com o barulho.

À socapa, ri-me com vontade. Não acreditava muito que aqueles dois viajantes conseguissem ir longe. “Do Ivens, talvez se possa esperar alguma coisa de jeito, agora do Capelo, sempre distraído com os bichos... Humm!, acho que algum deles ainda o há-de comer aí, por essas matas. Nem sabem no que se vão meter”, pensei, céptico.

Ainda sinto vontade de rir com aquela do hotentote a fazer caretas aos guerreiros que o atacavam, disse Ivens.

Pois é!, mas que ia dando p’ró torto lá isso ia, comentei eu.

Para mim, o melhor bocado foi o período em que estive nas terras de Haikela. Hoje não sei se não fiz mal em não ter aceite o seu convite para ficar por lá a ensinar seus filhos, confidenciou o padre.

O soba ficou satisfeito com o cavalo que o Caruapa lhe ofereceu, lembrei.

Quanto à égua, como se sabe, veio cá parar e anda ao serviço aqui do nosso chefe do concelho, disse o padre Duparquet, apontando para Pedro Chaves.

Recordo que houve outro momento interessante, a visita que fizémos à propriedade dos irmãos Almeida, lembrei.

Ah, pois! Os irmãos Almeida tinham uma bela granja, com grande número de vacas, burros, cabras e porcos, contrastando com a pobreza em que vivia a maioria dos outros comerciantes. E por falar em burros, foi na garupa de um magnífico asno, oferecido por José d'Almeida, que fui até ao rio Caculovar.

E quase se perdia por lá!

Duparquet sorriu, ao recordar-se do susto que apanhara quando o burro teimou em não querer regressar a casa.

Tinham, também, uma capoeira magnífica, os Almeida! Cheia de galinhas da Cochinchina, patos e outras aves do rio que estavam perfeitamente domesticadas, concluiu.

Pois, quem diria! Meu pai, que conheceu esta família em Caconda, contava-me que a mãe destes Almeidas ficou viúva com eles muito pequenos e que fez um grande esforço para os preparar para a vida. E aí está o resultado. Hoje são os proprietários mais bem sucedidos do Humbe.

Pela conversa que tivemos com alguns comerciantes, só os Almeida trabalhavam para eles próprios. Todos os outros não passavam de aviados de grandes proprietários de Moçamedes, lembrou o missionário.

Capítulo III

“– Olha, Ndenji, estás a ver a luz da Lua em cima da mulemba? Até parece os ramos da árvore são os braços da gente. Quando a vê assim, Mahonga diz sempre Mfutila esta árvore és tu, é a mulemba dos meus kakulu ou a nsanda dos teus, para mim é igual.”

(Alberto Oliveira Pinto – *Mazanga.*)

Aquela manhã servira para afiar as mutungas, corrigir a posição das penas das flechas, pentear as caudas de guelengue das zagaias, substituir os penachos velhos das ohalas e olear as espingardas. Com o pó que o vento levantava era necessário, diariamente, limpar as espingardas e passar-lhes óleo fino de baleia.

Orlog dera ordens firmes para que arredassem os sambos do gado para o meio das vissapas de espinheira e munthiáti onde estariam a coberto dos estranhos que, porventura, passassem ali por perto. Depois, enviou os seus batedores em direcção ao Humbe. Queria saber por onde andavam os guerreiros de Luhuna.

Mutungu – *arma branca de dois gumes, facão. (N.)*

Guelengue – *antílope. (N.)*

Ohala – *penacho de avestruz que os guerreiros ostentam na cabeça.*

Vissapa – *mato, arbustos. (H?)*

Munthiati – *Copaifera mopane*

E porquê Luhuna?, perguntou-lhe um dos seus homens de confiança.

Ora porquê! Porque tem muito gado, tanto que não se consegue contar os chifres que se vêm por cima das espinheiras dos sambos dele. Por que havia de ser?

Nos olhos do outro brilhou um luar de cobiça. Encheu o peito do vento quente que soprava e tentou perceber se, de longe, das bandas do Humbe, lhe chegava algum sinal. Riu alto quando julgou perceber na língua do vento a palavra, nongombe!

Orlog recebera há dias um recado do capitão português Luna, a solicitar os seus serviços, que é como quem diz, a força dos seus guerreiros, para o ajudar na razia que matutara fazer chegar a Luhuna. Ambos sabiam que os muhumbes tinham tanto gado como as folhas duma mulemba ou até de vários munthiátis. Ambos achavam que eram bois a mais nos sambos de um homem só, mesmo sendo o soba do Humbe.

Dirigindo-se a um grupo de mulheres, Orlog ordena-lhes que cantem, não uns cânticos quaisquer, apenas os que se cantam na festa da puberdade. Elas, que já não estranhavam nada vindo dele, cantam as canções da festa que as iniciara como mulheres. Orlog ouve atento, com se delas dependesse algo importante, como vencer uma refrega, levar a bom termo um assalto ou matar o inimigo.

Mauênga!, berrou para os lados do novo sambo, fazendo as mulheres calarem-se de medo.

Mauênga!, voltou a berrar, enquanto enxotava as mulheres que, espavoridas, debandavam para as suas cubatas. Do fundo das vissapas surge um homem muito alto que

Nongombe – *bois* (N.)

Sambo – *curral*

se ajoelha e assim se aproxima de Orlog. É que nenhum centímetro a mais seria admitido, nem que para isso lhe escanhoassem a moleira ou lhe cortassem a cabeça. Perto de Orlog tinha que se olhar debaixo para cima. A posição superior só a ele pertencia.

Mauênga!

Senhor?

Mauênga!

Senhor?

Os bois estão bem protegidos?

Estão, Vita.

Não deixes as mulheres aproximarem-se do nosso rebanho.

Farei tudo por isso, Vita.

Sabes bem que as mulheres não devem ficar perto das manadas, sobretudo quando o sangue lhes visita as pernas.

Eu sei. Eu sei.

Pronto! Podes ir então...

O homem alto, rebaixado por estar de joelhos, afasta-se, fazendo dois carreirinhos paralelos no pó do caminho. Orlog cospe e afasta-se. Tem pressa.

*

*

*

Foram incumbidos de levar ao cabeça da povoação da Huíla, um branco de nome Chaves, a égua, igualmente branca, de Karuapa, a que sobrou quando o caçador ofereceu um dos animais ao grande soba Haikela.

Mal chegados à grande mulola que se esconde na sombra dos velhos embondeiros, os homens puxam as rédeas, obrigando os seus cavalos a pararem. Os cascos afundam-se na areia e uma nuvem de pó avermelhado se levanta. Os cavalos relinham e a passarada voa para longe, numa nuvem densa e chilreante.

Os cavaleiros olham para a égua branca, agora avermelhada do pó. Parece uma língua de fogo. Um deles desmonta e pega numa pequena cabaça que traz a tiracolo. Aproxima-se da mulola, afasta os capins e a poeira que mancha a água e enche a cabaça. Depois emite um ruído com a boca e a égua vai até à água e bebe.

Mauênga sente que a sua perna esquerda lhe dói como nunca. Mas continua a fingir que está tudo bem. Não quer, nem pode dar parte de fraco. Ele é o homem de confiança de Vita e basta isso para não se poder queixar de qualquer dor, de qualquer sofrimento. Passa a mão pelas crinas revoltas da égua e segreda-lhe qualquer coisa que mais ninguém ouve. O animal abana vigorosamente a cabeça e relincha alto. Dir-se-ia que tinha entendido o que Mauênga lhe segredara.

Sente-se uma aspereza no ar. É tempo do cacimbo e o frio pesa. Das narinas dilatadas dos cavalos sai uma espécie de nevoeiro, como se por baixo de cada homem houvesse uma panela com a água a ferver. Ouvem-se os cascos a raspar o chão. O nervosismo instala-se no peito dos homens que esperam.

Ao longe ouve-se um tiro de espingarda. Mais perto ouve-se a cúa. De um embondeiro cai uma mácuca sobre

Mulola – zona baixa e alagadiça (N?)

Cúa, Onkwo – grito de guerra. *Corruptela de onkwo* (N.)

um dos cavaleiros. O cavalo empina-se e relincha assustado e os outros secundam-no. Estranhamente, só a égua está calma.

Orlog aguarda na sombra que o embondeiro projecta no capim. Cheira a cota-cota. Depois junta-se ao grupo, que o saúda brandindo as armas. Ele espera que a égua seja entregue ao cabeça da povoação da Huíla dali a dois dias. O tempo urge e por isso começa a sentir-se inquieto.

Faz-se tarde. Vamos!, ordena.

A poeira levanta-se de novo ao bater dos cascos dos cavalos. De novo ouve-se ao longe um tiro. Repete-se a cúa e outra vez os cavalos levantam as patas dianteiras, oferecendo as crinas ao vento e relinchando como se fossem o eco daquele grito de guerra. Já a égua, pelo contrário, acalma-se com a cúa mais do que com qualquer outro som.

*

*

*

Do Humbe à Huíla foram seis dias sem descanso, para que a égua branca de Karuapa pudesse ser entregue ao seu futuro dono, o principal morador da povoação das margens do rio Lupolo.

As luzes das tochas oscilavam na noite, clareando pouco a negrura envolvente. Aqui e ali ladram cães. Mais longe confundem-se os gemidos das hienas. Os cavalos avançam, lentos, acusando o cansaço das muitas léguas percorridas.

Cota-cota, kota kota – *herbácea muito aromática.*(N.)

Torneiam obstáculos que só eles pressentem e avançam sempre até ao interior da povoação.

Orlog desmonta. Um mocho faz ouvir um pio longo e uma luz acende-se na casa em frente. O cavaleiro faz adiantar a égua que relincha. Três negros saem do quintal, avançando de espingardas apontadas. Orlog dirige-se a eles na língua dos hereros. Os guardas da casa são muchimbas e entendem-no. O ambiente torna-se menos tenso. A égua volta a relinchar e de dentro da habitação ouve-se alguém falar em português. A porta principal do sobrado abre-se e surge um homem branco, também ele de espingarda na mão. A lua, que naquele momento espreita por uma brecha entre as nuvens, ilumina a casa mais do que os archotes.

Orlog aponta para a égua e diz qualquer coisa. Um dos muchimbas traduz para português. O homem branco fica satisfeito e aproxima-se da égua que o recebe bem, tranquila. Falam de Karuapa e do animal que agora chega para ser propriedade do chefe do concelho da Huíla, o capitão de segunda linha, Pedro Augusto Chaves. Este sorri de alegria. A égua agrada-lhe mesmo muito. Manda que os seus quimbares levem os recém-chegados para o quintal. Ali ficarão resguardados da curiosidade dos outros habitantes e receberão agasalho e alimento. Da égua ocupa-se ele.

*

*

*

Não tardou que a notícia salpicasse de curiosidade a povoação. Os ouvidos não se cansavam de abrir ao rumor das palavras que traziam a novidade do dia. Na noite an-

terior vários cavaleiros tinham chegado, vindos de muito longe, encontrando-se aboletados no quintal do chefe do concelho. Mais! Tinham trazido um cavalo branco, tão branco como eles nunca tinham visto nenhum. Não se falava noutra coisa. Os moradores afirmavam versões diversas, algumas mesmo contraditórias, mas não se aborreciam por isso, antes se entusiasmavam ainda mais pelo inusitado da situação.

Vieram das terras do fim do mundo!

Não são dos nossos gentios! Vieram do outro lado do rio Cunene.

Da Damaralândia?

São da família dos himbas.

Himbas? Não! São feios e amarelos como os mucuan-calas.

Nem todos!

E o chefe? Souberam do chefe deles?

Vinha um chefe?

Era alto e forte como um embondeiro e tinha uma cicatriz enorme na cara.

Tanta coisa, só para trazerem um cavalo para o capitão?

Um cavalo, não! Uma égua branca como as nuvens.

Estavam entusiasmados os moradores da povoação da Huíla. Há muito tempo que não havia novidades assim, tão diferentes das habituais. Um vento estranho e frio soprava dos lados da serra da Catala. No arco da montanha ele uivava como uma puíta.

Mucuancala, Mukwankala – boxímane, povo pré-banto que, conjuntamente com os hotentotes, foram o grupo étnico Khoi-San. Habitam as zonas mais áridas do sul de Angola e Namíbia. Mu-cuancala, ou Mu-kwankala, quer dizer “o do caranguejo”.

Puíta, Mpwita – *membrafone*, similar à *cuíca brasileira* (N.).

Que estranhos são esses homens que chegaram esta noite.

Onde foi que Pedro Chaves conheceu essa gente?

Não houve resposta. Ninguém sabia.

Capítulo IV

“Chuvas quentes / da terra do meu acordar / amolecem
o chão negro / abrindo a cama / de verdes capinzais.
/ Mais que a imagem / é o cheiro a mato / impregnado
na minha pele / que imortaliza todas as páginas / de
histórias mal apagadas.”

(Graça Arrimar – “Chuva Tropical”
em *Viagens de sal e de mel.*)

Pedro Chaves estava feliz com a chegada dos exploradores oriundos do reino. Tinham conferido uma animação fora de comum à sonolenta povoação da Huíla. Se eles manifestavam interesse pelos seus conhecimentos e expressavam directamente um pedido de ajuda, Chaves não escondia o interesse pelos visitantes. Ele próprio não perdia o ensejo de mostrar a importância que lhes atribuía, dando todo o apoio. Providenciava carregadores e alimentos, fazia-lhes frequentes visitas de cortesia, acompanhava-os a diversos locais de interesse e aconselhava-os quanto aos caminhos a tomar para a sua viagem. Quando lhes disse que ia até Quipungo em serviço, logo se interessaram em acompanhá-lo para conhecer a região.

No dia seis, ao romper da manhã, dirigi-me ao acampamento das mulembas e vi Pedro Chaves montado na sua égua branca, acompanhado do jovem caçador António Maria.

Mas que belo animal!, testemunhou a sua admiração Roberto Ivens.

Comprei-o a Karuapa, aquele caçador e negociante sueco do Cabo que foi companheiro do padre Duparquet durante a viagem pelas terras d'além-Cunene, explicou Chaves, mostrando-se satisfeito com a observação.

Ah, pois! Lembro-me perfeitamente dessa aventura que nos foi contada no outro dia. Uma proeza e tanto!, interveio Capelo.

Como tantas outras!, exclamou Chaves.

A égua relinchou e abanou a cabeça, fazendo as crinas ondear ao vento. Chaves deu-lhe um toque nos flancos com as esporas, fazendo-a levantar as patas dianteiras, em evidente exibição.

“É, de facto, um belo animal”, pensei. Pedro Chaves voltou a fazer a égua relinchar e levantar as patas num pinote. Por momentos, pareceu até que não iria ter mão nela. Tudo isto demorou uns segundos apenas e já Pedro Chaves se dirigia para mim. Pensando que era comigo que ele queria falar, avancei um passo. Mas, enganei-me. António Maria, que estava comigo, sentiu o bafo da égua branca no rosto, tão perto ela chegou, mas não mexeu um músculo e nem sequer se afastou do animal. Pedro Chaves apresentou-o de seguida aos exploradores. Estes apertaram-lhe a mão e demonstraram satisfação por o terem como companheiro de viagem, já que se falava dele como um bom caçador, resistente na peugada dos animais e certo no tiro.

António Maria, pouco habituado a encómios tão rasgados, ficou um pouco embaraçado, mas depressa a situação mudou, com a caravana a pôr-se em marcha para o Quipungo. Os exploradores iam em tipóias, eu e António Maria em

bois-cavalos, os restantes membros da comitiva iam atrás... montados em seus próprios calcanhares.

*
* *

A manhã estava fresca e fomos avançando para leste, até que, a norte, pudémos apreciar o morro da Catala. Do capim, que tudo cobria, elevavam-se mupandas, ndumbiros, mutondos e acácias que, como um guarda-sol verde, protegiam os viajantes dos ardentes raios de sol. António Maria, para quebrar a monotonia da viagem, pôs-se a relatar as suas aventuras do sertão, percebendo que os exploradores estavam atentos a tudo o que lhes dissesse. Sentia-se importante como poucas vezes, senhor de experiências e saberes que o tornavam valioso, perante aqueles distintos oficiais do reino.

Dos bóers, o que eu tenho mesmo inveja, e não me importo de confessar este meu sentimento, é das suas belas armas de fogo, disse.

E vocês não têm armas tão boas quanto eles porquê?, questionou-o Ivens, naquele momento mais interessado do que o seu companheiro, que observava atentamente o voo das rolas.

Ainda estamos agarrados às reiunas, quando eles já usam as modernas snider e martini.

Mas essa que tem consigo não é uma reiuna!

Não!, é uma martini que comprei a um bóer da Humpata, elucidou.

E mudando de conversa, disponibilizou-se a ir caçar alguma coisa para o almoço. Virando-se para mim, perguntou se

queria ir com ele. Ambos prendemos os nossos bois-cavalos a umas árvores e internámo-nos a pé, pelo meio do mato. Não levámos muito tempo a encontrar caça. Logo o primeiro antílope, que nos passou pela frente, foi morto por António Maria. Nesse dia, houve carne para o almoço, comida à sombra de uma frondosa mulemba e ao som da sinfonia de pássaros diversos que poisavam nos ramos das árvores.

Capelo mal se concentrava na comida. Olhava para cima e à sua volta, tentando identificar os sons e os pássaros que, de vez em quando, conseguíamos ver em voos por entre a folhagem.

Após o almoço, chegámos às margens do rio Tchimpumpunhime, afluente do Caculuvar. Era bela a paisagem que se desfrutava dali e os exploradores não paravam de observar e tirar apontamentos. Também Pedro Chaves não escondia o seu agrado pelo que via. Já aqui tinha estado anteriormente, de caminho para os Gambos, e as margens daquele rio tinham-lhe chamado a atenção. Pareceram-lhe muito férteis, talvez as melhores do planalto, em tudo próprias para receberem agricultores e ali nascer uma próspera povoação.

Imagine, Pilarte, disse-me ele, como ficaria aqui bem uma fazenda, que produzisse muita cana sacarina para os engenhos de aguardente.

E o que faria depois com tanta aguardente?, perguntei-lhe.

O que faria? Permutava aguardente por bois com os humbes, pois têm-nos aos milhares...

Eu concordei e lembrei-lhe que ali não estaria sozinho, pois desde os primeiros anos de 80 que se tinham estabelecido nas margens do rio Tchimpumpunhime algumas famílias oriundas, sobretudo, de Serra Abaixo.

E eu não sei disso? Desses lados vieram os Amarais e Sangrias, velhos conhecidos.

Mas têm vindo mais de outros lados, interrompeu António Maria. Chegaram de Caconda os Vidigais e os irmãos Almeida, embora estes últimos estejam mais tempo lá para os lados do Humbe.

Ah! Mas os irmãos Almeida já por cá andam há mais tempo, sempre na labuta do comércio, sempre a inovar, sempre a enriquecer, informa Pedro Chaves.

Esses Almeida de que fala, não são os mesmos que o Pe. Duparquet fez ferência há dias, durante as nossa conversas?, interveio Ivens.

São esses mesmos. Eu e o missionário chegámos a visitá-los quando passámos no Humbe, recordei. Já nessa altura eram os proprietários mais bem-sucedidos daquelas paragens. E têm estado a aplicar os seus cabedais também na zona da Chibia.

Pedro Chaves completou a informação das famílias que se haviam fixado no lado de lá do rio Tchimpunhime, na lóba, como os bóers Black e Wandrich, os ingleses Hayes, os suecos Swamströn e Erikson e os holandeses Van-der-Kellen.

E era desse outro lado do rio que chegava o som de vozes e de cânticos em muíla. Entre muitas outras, eram perceptíveis as palavras, otchíri? Toma! Otchíri? Toma!

Atraídos pela coluna, um grupo de muílas aproximou-se e António Maria perguntou-lhes a que se deviam aqueles cânticos. Ao que lhe responderam, otchiivia, otchiivia, explicando de seguida do que se tratava. António Maria, virando-se para os companheiros, referiu que otchiivia era uma cerimónia do culto dos antepassados que era habitual fazer-se na margem direita do rio Tchimpunhime.

Tchivia! Chibia! Culto dos antepassados? É então uma palavra mágica, quase sagrada!, murmurou Pedro Chaves. Gosto desta terra...

Como que a corresponder ao seu agrado, a égua empinou-se e relinchou, fazendo levantar um bando de milhares de canários: de garganta branca, de garganta preta, de bico grosso, de nuca cinzenta, de ventre amarelo, de cabeça estriada, de mascarilha, de testa amarela.

*

*

*

Durante a viagem ao Quipungo tinham tido os exploradores a oportunidade de conhecer de perto o jovem António Maria, de lhe apreciar a índole e a simpatia. Ouviu-se algumas vezes de suas bocas a afirmação de que ele era um estimável cavalheiro, de invulgar carácter e um atirador como poucos.

Então, quer dizer que serve para vos acompanhar até à contra-costa?, perguntou Pedro Chaves.

Claro! Não temos dúvidas, responderam de imediato. Queremos contratá-lo já!

Pedro Chaves ficou radiante. Tinha sido ele a apresentar-lhes o jovem morador.

Ainda bem!, confirmou com energia. E fiquem tranquilos, pois vão ter convosco um óptimo elemento de apoio. E continuou a dar informações detalhadas sobre a família do recém-contratado auxiliar, numa tentativa de demonstrar que tinha alguma importância, que não era um matuense qualquer.

Seu pai foi marinheiro-intérprete numa antiga corveta e chegou a trabalhar para o célebre major Francisco Garcia, regente da Huíla no tempo do soba Nangolo, já lá vão quase cinquenta anos, e depois comandante do Estabelecimento de Moçâmedes.

“O comandante Garcia!”, pensei eu, lembrando-me que meu pai falava muito nele e nas viagens que haviam feito juntos.*

Os oficiais mostraram-se satisfeitos com o que ouviam sobre o seu novo companheiro de viagem, mas começavam a mostrar-se impacientes. Chaves despediu-se de Brito Capelo, homem de mediana estatura, moreno, cujo cabelo ralo e grisalho lhe emprestava um aspecto mais envelhecido, e de Roberto Ivens, mais comunicativo e alegre, e por quem não escondeu a sua preferência, sorrindo-lhe abertamente enquanto lhe apertava a mão. Com o outro pouco falara, pois encontrava-se quase sempre absorvido no estudo dos seus insectos e répteis.

Ah!, os nossos cumprimentos a dona Guilhermina, sua esposa, lembrou-se, pelos dois, Roberto Ivens.

Quando chegou a casa, Pedro Chaves mal viu a sua mulher, apresentou-lhe os cumprimentos dos exploradores, com um ar de quem já tinha com eles uma grande intimidade.

Dona Guilhermina levantou a pomposa cabeça, revirou os olhos de forma superior e só disse:

Obrigada!, como se estivesse a fazer um favor a...esses forasteiros!, como ela os apelidava. Sobreveio um tempo de silêncio que interrompeu, enquanto olhava o seu marido de soslaio a torcer os lábios.

* Ver: *O Planalto do Salalé* (2012)

Diz-se por aí que um deles deve ser, no mínimo, um quimbandeiro!

Pedro Chaves, que ia retirar-se da sala, refreou o passo.

Quimbandeiro?, perguntou com ar de espanto. Mas o que quer a minha mulher dizer com isso?

Sim! Volto a repetir, quimbandeiro! Julga o senhor meu marido que por sair pouco de casa não sei o que se vai passando na povoação? Julga que as pessoas não notam? Não percebem?

Pedro Chaves abanou a cabeça, confuso.

Mas o quê? Não notam o quê?, perguntou, já irritado com a sobranceira suspeição de sua mulher.

O que eu acho é que vossemecê, meu marido, também está enfeitado!

Eu??, gemeu, mais do que gritou.

Que milongada lhe deram a beber lá no tal acampamento das mulembas? Confesse, vá!

Mas... confessar o quê, mulher de Deus?

Pois abriu sua boca p'rá verdade. Mulher de Deus sou, não há dúvida. Já o mesmo não posso dizer de... de...

E ficou pela suspensão das palavras e com a desconfiança que isso fazia pairar.

Sabe bem que os quimbandeiros usam mistura de pós de insectos e de répteis para fazer os seus feitiços, ou não sabe?

Já aborrecido com a direcção que a conversa estava a tomar, mas sem vontade de enfrentar sua mulher, Pedro Chaves esboçou um sorriso, como que a sugerir tréguas.

Esses senhores vieram da Europa, onde as mezinhas e a feitiçaria não são bem vistas por pessoas instruídas, disse de forma leve, quase brincalhona. Agora, se tivessem vindo lá dos seus lados...

Dona Guilhermina, ao sentir que lhe tocavam na sua longínqua e muito saudosa Caconde, o seu berço deixado entre as serranias luxuriantes de Minas Gerais e São Paulo, no Brasil, sentiu o orgulho ferido e virou surucucu.

Guilhermininha, eu só quis lembrar que foi você mesma que contou no seu marido que há muitas plantas medicinais nos montes lá da sua terra..., tentou emendar, ao perceber a tempestade que se avizinhava.

Montes? Se-rra da Man-ti-quei-ra!, silabou dona Guilhermina. Muito maior que essa aí da Catala! E a minha terra chama-se Ca-con-de, voltou a silabar. E veja lá se fixa, de vez, o nome da minha terra, para não confundir com Caconda, que não passa duma terrinha gentia desse sertão.

De seguida, levantou-se do assento onde descansava, avançou para sua senhoria o chefe do concelho da Huíla, de olhar venenoso, e lembrou-lhe as suas magnas origens que, se não eram claramente aristocráticas, pelo menos tinham alguns tons azuis a matizar a seiva do seu jacarandá genealógico. Mais, se não tinha havido um conde na família, fora porque um seu antepassado havia recusado tal honraria, dado o orgulho que tinha de ser da séria nobreza de toga, e não da que surgia apenas do berço ou do sangue, por mais deslavado que este fosse.

Pedro Chaves preparou-se então para o que aí vinha. Sua mulher lembrou-lhe, pela centésima primeira vez, que fora o senhor seu pai, José da Costa Alemão, natural da cidade de Coimbra e desbravador da serra da Mantiqueira, no Brasil, e das terras áridas do Bumbo, em Angola, que incorporara o nome da sua cidade natal no seu apelido, ao ter ido residir para o Brasil. Não querendo que o confundissem com um alemão qualquer, logo ele que era um fervoroso nacionalista, José colou o topónimo ao seu nome

e, a partir daí, os de apelido Alemão que residiam em Minas Gerais passaram a ter um nome mais composto, Alemão Coimbra, que não mais deixaram e largamente difundiram pelo Sudoeste angolano.

Pedro Chaves, que já tinha ouvido tantas vezes aqueles encômios familiares da mulher, remexia-se na cadeira e ameaçava distrair-se. Mas antes que sua esposa desse conta do seu desinteresse, lembrou:

Pois é!, depois de ter sido criada a colônia militar agrícola de Capangombe, aí por 1857, e logo promovida a sede do concelho do Bumbo, o seu pai chegou dois ou três anos depois. Até parecia que estavam a preparar tudo para ele...

Dona Guilhermina, de cabeça orgulhosamente levantada e com o olho direito levemente fechado, afirmou em tom solene que seu querido pai tinha merecido, e bem!, que se preocupassem em preparar aquele gentio lugar para a sua chegada.

Olhe que eu não estranhei que ele tivesse sido tão bem recebido lá em Capangombe e que o aguardassem condições dignas de um homem da sua estirpe, tentou Pedro Chaves colocar um ponto final na conversa.

Bem! Condições dignas... com tanto degredado na colônia militar..., foi retorquindo, sincopadamente, com ar de enfado. Meu pai era um pioneiro, um cabouqueiro dos mais arrojados, por isso não se importou de residir em Capangombe, mesmo com esses degredados bravios que ele logo domou.

Pois é! Mas foi bom que tivessem ido para lá viver alguns moradores da povoação de Moçâmedes, que muita ajuda lhe deram na construção da fortaleza. Os tais degredados, mesmo depois de domesticados pelo senhor seu pai, deram-lhe problemas pela barba...

Está bem, está bem! Mas adiante, que mais importante que isso foi a abertura da estrada de Capangombe..., interrompeu dona Guilhermina, ...a que passa pela portela do Bruco e chega até aqui à Huíla.

Graças a essa estrada eu a conheci, minha Guilhermina, não foi?, amaciou Pedro Chaves, que não queria mesmo nada que o jindungo pegasse fogo ao nariz de sua esposa. Esta sorriu pela primeira vez e fez o favor de baixar um pouco a cabeça e abrir o olho direito, numa clara confirmação da importância que tivera aquela estrada na estória do seu casamento.

Não fosse o meu pai e eu não sei se estaríamos aqui a viver.

Ah! Talvez tenha razão, sim! Ele foi fundamental para a estabilidade destas terras. Não se pode esquecer que a guerra do Nano de 1860 foi das mais ferozes que por aqui passaram, arrasando tudo à sua passagem.

Só encontrando resistência em Capangombe, graças a meu pai. Felizmente, naquela altura, ainda a família não havia mudado para lá. Moçamedes era muito mais segura nesses tempos.

Isso é verdade! Isso é verdade! Estivesse o seu paizinho por cá e as coisas na Huíla teriam sido bem diferentes...

Diferentes?, perguntou Guilhermina, já um pouco alheada.

Sim! Aqui assaltaram a fortaleza e ainda tiveram o topete de aprisionar o seu comandante. Coitado! Foi sobre um dos canhões que lhe cortaram a cabeça.

Ah, é verdade!, exclamou dona Guilhermina compungida. Como pôde isso acontecer?

Eram ferozes, esses guerreiros! Ainda hoje se conhece o lugar por Corta Cabeça, quase sussurrou Pedro Chaves, com receio de assustar sua mulher.

E ninguém me tira da cabeça..., [arrepio] que foi por isso, pelo desgosto de ver tudo por aqui raziado [outro arrepio], que meu pai acabou por adoecer [soluços] até nos deixar para sempre..., gemeu dona Guilhermina

É possível! É possível! , exclamou Pedro Chaves, disfarçando o embaraço que as lágrimas de sua mulher sempre lhe causavam. E de seguida lembrou, que acabaria por ser o filho José, irmão mais velho de Guilhermina, a pedir-lhe ajuda para bater os hotentotes, gente estranha, oriunda do sul e que perseguidos pelos bóers e pelo soba Caenda Ngongo de Quilengues, tinham resolvido acoitar-se nas terras do Bumbo.

Meu irmão ouvira falar de si como um homem de coragem, o único capaz de o ajudar a afastar essa gente para longe, recordou dona Guilhermina, já com um ar menos pesado e até com um leve sorriso a querer romper-lhe a muralha dos lábios.

Pedro Chaves sentiu-se envaidecido e lembrou que fora a partir dali que se haviam estreitado os laços entre as duas famílias. Sua mulher aquiesceu com um gesto de cabeça e ficou de olhos parados no infinito, absorta. Chaves deu dois passos em direcção à janela, olhou para a silhueta azulada da serra do Pituaco e resolveu mudar de tema. Apetecia-lhe agora falar dos exploradores recém-chegados.

Os nossos iustres visitantes ficaram muito satisfeitos por eu lhes ter arranjado o António Maria como companheiro das suas próximas viagens. Até já dizem que ele é “a pérola dos rapazes africanos!”

Fez-se um silêncio pesado. Parecia que dona Guilhermina não queria mais conversa nesse dia. Mas foi sossego de pouca dura.

Eu não acho!, respondeu contrariada e com renovado fôlego. Sempre lhe disse que preferia que tivessem escolhido o José Lopes. Sabe que eu me dou bem com a família dele e quem tem uma parentela assim dá confiança. Mas o senhor meu marido preferiu esse tal de... de Maria.

Mas... ó mulher!, interrompeu Pedro Chaves, o que é que sabe de caçadores para afirmar tal coisa? E olhe que eu também gosto dos Lopes. São tão bons, uns como os outros. Só que um deles está disponível e o outro não. Só isso!

Pedro Chaves resolveu então bater em retirada para o pomar. Era o que fazia quando sua mulher, do alto da sua proa, resolvia estar do contra. Sempre que tal acontecia, ele arrependia-se dos excessos de atenção que lhe proporcionava e que se traduziam, amiúde, em abusos como aqueles.

Porra! Antes uma razia do Nano..., resmungou. Mas depressa lhe passou o azedume e, já portador de umas quantas mangas das mais amarelinhas, voltou a entrar em casa, ele mesmo as descascou e deu a provar a sua mulher ... que fazia o favor de dizer que as mangas não eram das piores que tinha comido.

No dia seguinte, 29 de Maio, logo pela manhã, a povoação foi acordada com o barulho do acampamento das mulembas a ser levantado, e os exploradores, com os seus desenhos, os seus insectos e répteis, desapareceram para sempre, rumo à contra-costa.

Capítulo V

“Longe do planalto, onde está a pedra, perto do começo do rio encantado, num vale que se abre para as planícies em que nesse tempo vivia um leão e muitas leoas, Mutaeni afagava o novo vitelo que era todo negro, tinha duas manchas no sítio devido, fadando-o para ser o novo onawanga dos grandes rebanhos do soba mwila”

(Fernando Fonseca Santos – *A lenda dos homens do vento.*)

O soba muíla léla k'Ehinga entrou na sua ombala e foi sentar-se no lupale já o sol alaranjava o horizonte, para lá da imensa cordilheira da Chela. Estava de semblante carregado, sinal de muita preocupação, ele que, geralmente era um homem alegre e confiante. As sentinelas do limite Este das fronteiras das suas terras, na Umbía, onde o chão começa a inclinar-se até ao mar, tinham chegado alvoroçadas a informá-lo que o morador da Bibala e conhecido caçador de leões, Nestor da Costa, vinha com os seus quimbares e guerreiros mundombes para lhe fazer a guerra.

léla k'Ehinga – *O de Cabeça Levantada, Altivo. (N.)*. Trad. livre do nome em português “Cabeça Grande”, pelo qual o soba do vale do Lubango ficou conhecido na historiografia colonial.

Lupale, Olupale – *terreiro, zona de estar. (N.)*

Iéla k'Ehinga mandou chamar o ondjái, experiente chefe dos seus guerreiros, que prontamente se apresentou, aguardando que o soba lhe dirigisse palavra. Só depois proferiu o cumprimento da praxe, mbê, okunhanga!, tendo o soba respondido, mba! Depois, mandou-o sentar-se à sua beira e quis, finalmente, saber pormenores da situação. Em seguida, convocou os vipundi para se aconselhar sobre a atitude a tomar contra a guerra que aí vinha.

Era importante saber se os brancos da fortaleza do Lupolo estariam ou não conluiados com Nestor da Costa e se o hamba da Huíla iria ou não fechar os olhos a esse pacto. O ondjái fez-lhe saber que o espião que havia enviado até junto do quilombo dos invasores, lhe trouxera a notícia de que estes não contavam com o apoio de nenhum dos sobas do planalto. Se o soba assim o entendesse, mandaria, de imediato, os seus guerreiros colocarem o haco com as cores do seu sobado. O soba perguntou-lhe depois se havia informações fidedignas sobre os brancos ovahona da Humpata e qual a sua relação com a guerra da Bibala.

É preciso ter cautela com esses brancos que vieram do Sul, pois são fortes e muito bons atiradores!, aconselhou o soba ao ondjái, para que ele tivesse os ouvidos atentos e os olhos abertos. Os tempos que se avizinhavam não eram tranquilos.

Quando a guerra preta de Nestor da Costa, o grande caçador de leões, chegou ao vale do Lubango, foi recebida

Ondjái, Ondyai – *chefe dos guerreiros.* (N.)

Vipundi, Ovipundi – *conselheiros do soba.* (N.)

Ohaco, Haco, Ohako, Hako – *distintivo de guerra. Fita ou lenço de cor que distinguia os guerreiros de cada partido ou soba* (N.)

Ovahona da Humpata – *bóers da Humpata.* (N.). *Ovahona quer dizer, literalmente, “gente rica” (possuidora de muito gado).*

por um exército atento e preparado que aguardava num local bem defendido, uma autêntica fortaleza natural formada por montes e por grandes penhascos, denominada Mapunda. Os primeiros trinta quimbares de Nestor, os que abriam o caminho aos seus homens, apresentavam-se vestidos com peles de leão e rugiam como os grandes felinos, numa demonstração de poder do grande caçador da Umbía. Os seus gritos de guerra eram arremessados como porrinhos na direcção do inimigo, que as montanhas devolviam num eco feroz. Os ouvidos destinatários captavam-no como um rugido imenso, a raiva concentrada dos leões de Serra Abaixo. Mas o soba do Lubango estava atento e preparado para receber o inimigo. Os seus leopardos não teriam tanta força, mas ganhavam em velocidade e resistência.

A batalha foi dura, mas favoreceu as hostes de Léla k'Ehinga. Os leopardos do Vale do Lubango venceram os leões de Serra Abaixo, tendo estes deixado no terreno numerosos mortos e feridos. Diz-se que, nessa noite, Léla k'Ehinga possuía três mulheres sobre a pele de trinta leões.

*

* *

Léla k'Ehinga não estava feliz, apesar de ter vencido a grande batalha da Mapunda, conseguindo, assim, deter o avanço do inimigo. Os seus espiões e o seu adivinho tinham-lhe trazido informações muito diferentes, mas todas elas convergiam num ponto só. Um ponto escuro como a noite

Mapunda – *de onomphunda, zona de montanhas. (N.)*

sem lua ou sem fogueiras, onde só se pode ver os olhos ameaçadores dos grandes felinos.

Se o mutapi foi vago, muito mais ameaçador se tornou, ao transmitir o que lia nas entranhas do boi morto só para esse efeito:

Hinhinhiqui lomboca nhana, tchivela líua na fuá! O salalé passará o rio e comerá o metal das nossas zagaias.

Já os espiões foram mais realistas e alertaram o soba para as movimentações inimigas, alertando-o para o grande carreiro de kisonde que se dirigia para o Vale do Lubango. Tudo indicava que várias forças se uniam para combater o soba léla k'Ehinga: os soldados da fortaleza do Lupolo e sua guerra preta, os ovahona da Humpata e seus serviçais hotentotes; os quimbares dos moradores de Serra Abaixo, nomeadamente do Bumbo, onde Alemão Coimbra tinha erguido um forte. Todos se juntavam para se apossarem do vale do Lubango, da sua terra linda e fresca entre as montanhas. Nem sequer o soba grande da ombala do Lupolo se aguentara perante o avanço cada vez mais organizado e mais numeroso dos arados e das armas. Léla k'Ehinga tinha agora a certeza que os sobas grandes da Huíla tinham sido sempre demasiado tolerantes com o salalé.

O soba do vale do Lubango sabia que a aliança com os outros sobas da nação nhaneca, ou até mesmo com os seus parentes humbes, não era coisa passível de se fazer rapidamente, pois todos pensavam de forma diferente e

Mutapi – *adivinho*. (N.)

Hinhinhiqui lomboca nhana, tchivela líua na fuá!, Hinyinyiki lomboka nyana, tyivela liwa na fwa! – “*A formiga salta o rio, o metal é comido pelo salalé (térmite)*”. Aqui a evocação tem um sentido inverso ao do provérbio original, “Hinyinyiki kalomboka nyana, tyivela kaliwa na fwa!”, isto é “*A formiga não salta o rio, o metal não é comido pelo salalé*”.

tinham ambições opostas. Mas o perigo, esse farejava-o no ar, misturado com o cheiro a absinto e a manjerição do enthilili e do ondjululo, ervas pisadas pelos guerreiros no ardor da peleja, como se fosse o hálito do próprio combate. Ainda tentou alianças com o hamba da Huíla, com o soba da Humpata, o do Jau e até o dos Gambos, mas tudo foi inútil. Então, voltou a chamar o ondjái para o olupale da sua ombala e pediu-lhe que preparasse o seu povo para a guerra. O chefe dos guerreiros do Vale do Lubango, surpreendido, respondeu que os seus espiões o haviam sossegado, dizendo que os guerreiros de Nestor da Costa estavam calmos e que ainda lambiam as feridas que haviam sofrido na grande batalha da Mapunda.

Não! Agora a guerra é outra, explicou o soba ao chefe dos seus guerreiros. Eu vou deixar este vale e passarei o resto dos meus dias em Cuâma. Mas preciso que escolhas um grupo de guerreiros, dos mais corajosos, para servirem de minha guarda pessoal enquanto andar por lá à procura do lugar definitivo onde erguerei o meu eumbo. Só irão comigo as pessoas da minha epata, do meu clã, e as que quiserem partilhar das incertezas de uma viagem ainda sem destino. Não explicarei por que razão procedo assim, quando acabo de ganhar uma batalha. Os tempos novos que aí vêm serão a minha resposta... ou a justificação da minha opção.

Enthilili – *erva da espécie do absinto.* (N.)

Ondjululo, Ondyululu – *erva aromática, espécie de manjerição.* (N.)

Capítulo VI

“O Anjo entretinha-se [...] a apanhar coelhos, ou simplesmente a passear pelos campos. [...]. Chico Moniz foi o primeiro a conhecer a ira do fidalgo.

D. José resolveu visitá-lo [...]. O director empunhou o chicote de cavalo-marinho e golpeou repetidamente o dorso forte do mandrião. O látigo rasgou a bela pele das costas e fez-lhe luzir no cérebro as brasas do inferno.”

(António Trabulo – *Os colonos*)

Dom José da Câmara Leme, o chefe da colónia Sá-da-Bandeira, que havia pouco tempo se estabelecera no Vale do Lubango, escrevia no seu relatório, no último dia de Dezembro de 1885, o seguinte: “A quadra chuvosa não permitiu fazer uma instalação definitiva e rápida como seria de desejar, abrigando-se os colonos, à chegada, n’uns barracões provisórios, que estavam a uma distância de três quilómetros do local onde elles se deviam estabelecer definitivamente”.

Naquele dia, sentia-se especialmente feliz. O sonho de instalar, naquela terra magnífica, algumas famílias de conterrâneos seus tinha vingado. Este primeiro ano tinha sido um teste e tudo indicava que o resultado era positivo. Valera a pena tanto esforço. Para trás ficava um tempo de sonho, mas também de muito trabalho para vencer o grande desafio.

Câmara Leme, fascinado por África, inscrevera-se na primeira expedição de obras públicas do Ultramar e tornara-se condutor de obras públicas, cujas construções mais emblemáticas foram a ponte-cais de Moçâmedes e a estrada carreteira que da Bibala subia a serra da Chela pela portela da Cahunga, passava na bacia do Lubango, Munhino Pequeno e seguia até à Huíla.

Mas a construção da ponte-cais e da carreteira da Huíla não tinham corrido bem e até foram motivo de críticas nos jornais de Moçâmedes. Se a primeira rapidamente ficou assoreada, a segunda levou um tempo dos diabos a ser terminada, custara um preço muito acima do esperado e não ficara lá grande coisa. Os próprios bóers da Humpata não compreendiam a razão por que os poderes públicos o haviam escolhido, quando eles, os bóers, tinham garantido inicialmente que construíam a dita estrada, primeiro em seis meses, depois no tempo recorde de... um mês apenas. Já a estrada carreteira de Câmara Leme levou cerca de três anos a ser concluída.

De qualquer modo, fora essa empreitada que o conduziu às terras altas da Huíla e o levava a afeiçoar-se àquele chão de clima ameno e luxuriante vegetação, que deixava mais evidente o paraíso que era, por contraste com a aridez das terras de serra abaixo.

A vegetação, crescendo num vale abrigado dos ventos secos do deserto, tocara-o profundamente. Nunca mais se esqueceu daquele vale paradisíaco e considerou que havia de contribuir para o seu melhoramento, fazendo instalar ali famílias oriundas da sua ilha natal. Tentaria redimir-se dos falhanços anteriores com o maior dos seus projectos, o de trazer umas centenas de conterrâneos seus e fazer daquele rincão uma terra de progresso.

Se na Huíla se tinha fundado e se desenvolvera uma povoação desde o século XVIII, se na Humpata se havia instalado uma colónia bóer a partir de 1881, por que não aproveitar aquele vale maravilhoso, rarefeito de população indígena, para ali se instalarem algumas famílias que requisitaria à ilha da Madeira? E se assim pensou, melhor o fez. Regressado a Moçâmedes, escreveu ao governador-geral Ferreira do Amaral, dando conta do sonho e dos planos que tinha architectado para o levar à prática. E a ideia foi bem acolhida pelo governador, pois até ia ao encontro da preocupação governamental de contrabalançar os contingentes bóers que chegavam à Huíla, oriundos do Transval.

Só que as coisas não foram tão fáceis assim de resolver. Começaram a levantar-se os primeiros obstáculos. O governador-geral lamentava não poder colaborar na concretização do sonho interessante de Câmara Leme, pois tal ultrapassava a sua esfera de competências. Só indo mais alto e mais longe, até Lisboa, para se obter algum apoio, através do Ministério do Ultramar. Mas o jovem condutor de obras públicas do distrito de Moçâmedes não era de desanimar perante as primeiras dificuldades e, assim, elaborou um plano para ir a Lisboa desbloquear a situação. Alegando motivos de saúde, pois a abertura da estrada entre Moçâmedes e as terras altas da Huíla lhe haviam exigido grande esforço e perda de energia, requereu uma licença para ir à capital do reino, tendo obtido o apoio de Ferreira do Amaral, em Luanda.

Mal chegou a Portugal, Câmara Leme dirigiu-se ao Ministério da Marinha e Ultramar, onde expôs a sua ideia e os planos para a sua realização. O ministro Pinheiro Chagas aderiu ao projecto e ao seu autor foi incumbida a responsabilidade de recrutamento, na Madeira, dos elementos da

colónia que, sob a sua direcção e responsabilidade, se iriam instalar nas terras altas da Huíla.

Já no Funchal, Câmara Leme iniciou a angariação de gente. Pese embora as entidades oficiais terem-lhe prestado pouca atenção, não esbarrou com muita dificuldade e lá foi juntando candidatos para seguir para África. Já as verbas indispensáveis para a aquisição de ferramentas, sementes e plantas foram chegando a conta-gotas. Para a sua aclimação, contava no terreno com os conhecimentos e a experiência agrícola dos missionários da Missão da Huíla, sob a orientação do padre José Maria Antunes. Com as alfaias agrícolas que pôde adquirir, as sementes e espécies vegetais que lhe pareceram mais adequadas, mais os duzentos e vinte e dois colonos que conseguira reunir, embarcou a 12 de Outubro de 1884 no “Índia”, rumo ao sul de Angola.

Após longa e fastidiosa viagem, a 19 de Novembro foram os colonos, esgotados, sujos e andrajosos, mais as alfaias agrícolas empenadas e sementes deterioradas, largados nos areais ardentes de Moçâmedes.

O governador, Sebastião Nunes da Matta, que recebera instruções para os alojar temporariamente e não perder tempo a enviá-los para o Planalto da Huíla, observava decepcionado o aspecto lamentável das pessoas que chegavam, aparentando necessitarem mais de um hospital ou duma casa de repouso, do que duma viagem pelo deserto, seguida de uma subida de quase dois mil metros até ao planalto de seu destino. Fechou os olhos, por momentos, e suplicou ao Criador uma bênção qualquer para aquela gente. Foi quando, ouvindo o choro de um recém-nascido, abriu os olhos e deparou com uma jovem que dava de mamar a uma criança muito pequena. Soube depois que aquela menina havia nascido a bordo e que se chamava Maria Índia... o

nome do navio que transportara adultas frustrações e fora berço de novas esperanças.

*

*

*

Ao longe, uma nuvem de poeira ia marcando o percurso dos dois grandes carros conduzidos por bóers da Humpata que se dirigiam a Mossâmedes. Ambos eram do mesmo género, de quatro rodas cada um, as de trás com quase duas vezes o raio das da frente, com uma lona abaulada a quase todo o comprimento a cobri-los, puxados cada um pela sua espana, que era como se chamavam as doze juntas de bois de tracção. Os ilhéus não escondiam a sua admiração pelos grandes carros puxados por tantos bois. Cada veículo daqueles tinha mais bois ao seu serviço do que cada um dos colonos tinha visto na sua terra. Ninguém se aproximava muito dos carros bóers quando os carreiros, de comprido chicote nas mãos, os faziam soar como se fossem tiros, assustando especialmente as crianças, que corriam a esconder-se atrás das saias maternas.

Paradas as espanas e o brique amarrado, dele desceram os carreiros, quase o dobro em estatura quando comparados com aqueles que seriam seus passageiros, de linguajar difícil de entender, de cabelos loiros e olhos claros. Os homens sentiram-se intimidados com a sua imponente presença e as mulheres aterrorizadas com o escoucear dos bois, os gritos

Brique, Ombilike – *travão do carro bóer. Do holandês "brake", travão, derivou a palavra (corruptela) Ombilike em olunhaneka. A sua adaptação ao português originou o termo "Brique". (H.N.)*

dos bóers, o estalar dos chicotes e o aspecto estranhíssimo dos serviçais hotentotes, de pele amarela e olhos em bico. Tudo era novidade. Tudo era diferente.

Dezenas de pessoas agitadas de um lado para o outro, os bois a mugir de excitação, os bóers e os seus serviçais hotentotes sem saberem muito bem o que fazer com tanta gente, quando só tinham dois carros para os transportar, as crianças a chorar de fome e medo, as mulheres a torcer os dedos e a esfregar as mãos de nervosismo, os homens a praguejar de zangados.

As primeiras famílias a seguirem foram as que superaram o receio e avançaram, decididas a chegar depressa ao seu destino. Os outros foram em mais duas levadas, pelo que foi necessário requisitar mais transportes, a segunda em catorze carros mais pequenos provenientes da Bibala, e a terceira em nove carros de transporte de algodão de Vital do Canto, morador de Capangombe, que só após muita insistência, lá deixou os seus carros irem a Moçâmedes carregar a última leva de colonos.

Lá fora ouviam-se os berros do carreiro a animar os bois para a subida, o estalar do chicote e o mugir dos animais da espana. O carro sacolejava e ia ganhando léguas e léguas à estrada pedregosa e esburacada que tinham pela frente.

Eh! Lentland!! Calfbérr!! Rovifelt!! Ó ó ó ó! Á á á á! Eh! Dompéri!! Buchmann!! Ó ó ó ó! Á á á á!, ouvia-se o carreiro a falar com os bois, cada um com o seu nome em africânder, a língua dos bóers. Era a primeira vez que os passageiros a ouviam e ela soava-lhes áspera, como áspera estava a ser aquela viagem que parecia não ter fim. E deram finalmente entrada no vale do Lubango, no dia de Natal. Quase não tiveram tempo para repor as forças gastas. Os barracões que lhes estavam destinados não chegavam para todos e

foi necessário trabalhar-se na sua ampliação. Barracões de pau-a-pique e colmo por cima, mal urdidos e totalmente improvisados.

Entretanto, mais uma leva de colonos madeirenses chegava a Moçâmedes e ia desaguar no vale do Lubango, no dia 19 de Janeiro de 1885. Cada ilhéu e respectiva família recebeu um terreno para poder cultivar e erguer a sua habitação. E assim foi passando o primeiro ano de estadia na nova terra. No final desse primeiro tempo, o vale do Lubango já contava com um novo núcleo populacional de quatrocentas e vinte e oito pessoas, sendo cento e vinte e dois homens, noventa e nove mulheres e duzentas e sete crianças. Destas, doze já haviam nascido na nova terra. Logo que as chuvas começaram a ser menos abundantes, iniciaram o arroteamento dos terrenos e abriram as primeiras levadas para permitir a rega dos mesmos.

No primeiro ano, também se iniciaram as obras definitivas da residência do director da colónia e a secretaria, as obras provisórias da escola, igreja, residência do médico, botica e residência do enfermeiro. Também foi feito um barracão e um forno para o fabrico de telha e tijolo necessários para as novas edificações.

Em sua casa, o director da colónia, dom José da Câmara Leme, finaliza o seu *Relatório* de forma optimista, escrevendo que “passada a quadra dolorosa da sua installação, pelo seu desenvolvimento relativo, pelas circunstancias especiaes em que se encontra com relação à benignidade do clima e fertilidade do sólo, pela índole essencialmente boa e trabalhadora dos colonos, leva-nos a prophetisar um prospero futuro para a colonia.”

*
* *

Olhe que o nosso amigo José da Nóbrega tem sido o herói do momento!, disse José Bettencourt à mulher. Maria Cristina concordou, com um aceno de cabeça.

Não fosse ele e a sua habilidade em fazer coisas quase a partir do nada e não sei se teríamos conseguido construir o que já temos.

Como assim?

O Nóbrega conseguiu magicar um carro sem usar pregos, dado que não os há nesta terra.

Ah!, e é por isso que ele é o herói do momento?

E que herói! É que foi preciso muito engenho e trabalho para construir um carro daqueles.

Só que o nosso amigo bem podia ter feito um carro que chiasse menos, comentou.

Mas suporta-se bem! Suporta-se bem!, interrompeu-a o marido.

Suporta-se bem quando ainda vem longe. Quando passa à porta de nossa casa é que são elas! Até os ouvidos me doem.

Ó mulher, não seja exagerada, vá! Depois, como que a dar-lhe alguma razão, foi contando que até os muílas lhe tinham posto uma alcunha que logo os moradores se apressaram a adoptar.

E que alcunha é?

Limitaram-se a repetir o som do próprio carro, tchuim-tchuim. Tchuim-tchuim.

Que engraçado!, riu Maria Cristina, agarrando-se à barriga enorme, já no fim do tempo de gestação. Mas, rapidamente do riso passou ao gemido e ao choro.

José António, vá depressa chamar dona Quitéria Teixeira, para ver se isto corre bem. O nosso filho está quase a nascer.

*

*

*

José António Noronha Bettencourt era um homem alto, seco de carnes, pele bronzeada, cabelo castanho claro e levemente encaracolado. Destacavam-se-lhe no rosto o azul profundo dos olhos. Sua mulher, Maria Cristina Ferro, era mais velha do que ele, mas não tão mais velha que não lhe tivesse podido dar um filho, uma das primeiras crianças da colónia a abrir os olhos na povoação do Lubango, a quem puseram o nome de João, em memória de seu avô paterno.

José tinha muito jeito de mãos e trabalhava a madeira como poucos. Quando pegava num pau sem préstimo aproveitava-lhe a forma, acentuava-a e daí saía um animal, um insecto, uma flor, enfim!, o que lhe desse na cabeça e lhe sugerisse a sensibilidade. Contudo, não tinha muito tempo para essa actividade artística, pois o que se esperava dele era que melhorasse a habitação de pau-a-pique e tecto de colmo, para que a chuva ou os ventos frios do tempo do cacimbo não a invadissem, que arroteasse as terras e que tratasse do gado que lhe havia sido atribuído.

Na Madeira, dirigia os trabalhos da terra e, também metia as mãos na massa, como se costuma dizer, mas as tarefas mais pesadas eram feitas pelos rapazes da lavoura que tinha a seu serviço permanente, ou por aqueles que assalariava nas épocas de maior labuta. Ali, naquela África fértil e

promissora, que durante séculos mandara força de trabalho para o Brasil, não era fácil encontrar serviçais. O seu pagamento consistia um problema, mas a verdade é que não os havia. Estavam ali num equilíbrio instável, entre a relativa paz com os sobas vizinhos e o débil e irregular policiamento dos praças ao serviço das autoridades portuguesas. E não era comum que os sobas de tribos orgulhosas e caçadoras tolerassem que os seus filhos trabalhassem para aqueles brancos recém-chegados, ainda por cima em tarefas agrícolas que eles, altivos povos pastores, desdenhavam.

Por isso, os colonos madeirenses do vale do Lubango tiveram que fazer quase tudo sozinhos, com as suas próprias mãos. Os Bettencourt não fugiam à regra, e, por isso mesmo, as mãos de José, antes finas e ágeis para a arte, engrossaram, tornando-se menos sensíveis... e as peças de madeira que fazia, saíam cada vez mais toscas e imperfeitas, tanto mais toscas quanto mais calejadas lhe ficavam as mãos. Isso contristava-o a ponto de sua mulher se preocupar cada vez mais com ele, ela que, também, quantas vezes teve de colaborar em tarefas a que não estava habituada. Talvez tenha sido a vontade de encontrar um antídoto para as coisas menos boas da vida que a fez renovar um dos prazeres que trazia da sua ilha, a confecção de licores. Apurou a técnica, aprimorou as receitas, inventou misturas e assim criou novos licores com base nos frutos que veio a conhecer no vale do Lubango. No seu pomar começava a ter frutos da sua terra natal e também de origem local que passaram a entrar na composição das suas novas especialidades. Mas até do mato lhe vinham outras essências inesperadas para com elas refinar as delicadas bebidas que adorava criar. Lembrava-se daquele dia, ao final da tarde, em que José lhe trouxera uns frutos novos, um de casca

muito dura, como se fosse uma bola de madeira, e o outro de casca muito fina que escondia uma polpa amarela de odor penetrante.

Este, redondinho como uma bola e duro como a madeira é um maboque. O outro é uma nocha. Já provei e sabe bem. Pode ser que possas fazer licor com eles, disse-lhe, entusiasmado.

Ela agradeceu-lhe, pegou no maboque, sentiu o seu peso e mediu-lhe a dureza. Cheirou-o mas nada sentiu. Chocalhou-o e ouviu o barulho de um líquido que não era solto, mas viscoso. Já a nocha era completamente diferente, molinha, macia e fortemente odorífera. Recordava que sorriu pela primeira vez em muitos dias. Finalmente, a nova terra se abria para ela. Era através dos seus frutos, do conhecimento que passaria a ter da sua textura, do odor, do gosto, da forma de lhes extrair o espírito para o converter em licor, que passaria a entender-se com a terra, mais do que os que a cavavam, sachavam, mondavam, lavravam. Eles trabalhariam o corpo da terra, ela manipularia as suas essências e conhecer-lhe-ia a alma.

E foi preciso passarem alguns anos de boas colheitas para que José António conseguisse contratar alguns serviços, quimbares de serra abaixo, para o ajudarem nas duras labutas do dia-a-dia.

*

*

*

Esta impala que talhei é para o nosso menino, quando vier de férias, disse José António.

Já quase não há espaço para guardar tanto bicho, observou Maria Cristina.

Foi a forma que encontrei de preencher o vazio que a sua ausência deixou, quando foi estudar para a Missão da Huíla.

Maria Cristina deu um beijo a seu marido e olhou-o com ternura.

Pare com isso e beba um pouco deste licor, o da saudade! É dele que bebo quando a sinto apertar-me o pescoço, a sufocar-me de vontade de estar com o meu filho, ou de rever gente... da que ficou na nossa ilha e da que se ausentou para sempre.

Depois, foi buscar um dos muitos potes dos seus licores, todos eles com um rótulo onde escrevera, com apurada caligrafia, o nome de cada um. Eram de cor, brilho, cheiro e sabor diferentes. O de nocha, com uma leve mistura das ervas cota-cota e tchenguete, brilhava com uma cor macia e dourada, era o que amolecia a saudade; o de minhangolo, líquido escuro e espesso no qual se misturava a odorífera pitanga, emprestava forças quando elas se esvaíam, mais por cansaço do espírito que de desfalecimento do corpo; o de nonhande, uma espécie de diospiro melado e viscoso de cor esverdeada, era o que, ao contrário do anterior, se destinava mais à fadiga do corpo do que à do espírito; o de nonculovende, uma rubiácea medicinal, era o licor bom para aquecer o peito, desconvocar as tosses e reconquistar o brilho dos olhos.

José olhou a contra-luz o copo de licor de nocha que sua mulher lhe entregara e de seguida bebeu um golinho, deixando o líquido aveludado escorregar-lhe devagar pela garganta.

Um verdadeiro néctar! Já começo a gostar mais do licor de nocha do que dos mais procurados lá na ilha, o de anona

e o de caroço de nêpera. Mas há um que será difícil de superar, o de pitanga!!

Pois é!, mas um néctar como aquele exigia recipientes a condizer, de vidro pelo menos, para se poder apreciar melhor. É pena termos tão poucos!

Mulher, termos conseguido trazer alguns copos de vidro, escondidos entre a roupa prensada nas nossas duas únicas malas, já não foi nada mau! Há por cá quem não tenha trazido mesmo nada, ou porque já nada tinha de seu, ou porque nada pôde ou conseguiu trazer.

Na verdade, o navio era pequeno, os passageiros muitos e o pouco espaço de sobra destinava-se ao transporte das alfaias agrícolas com que iriam trabalhar a terra que lhes estava destinada. Tiveram, assim, que se adaptar à pobre realidade e ir construindo o que precisavam, desde a casa aos instrumentos do dia-a-dia. E por isso, os poucos copos de vidro estavam reservados ao saborear dos licores de Maria Cristina. Para guardar os frutos, esmagá-los, retirar-lhes a essência, juntar-lhes o álcool, ervas e raízes especiais e aclará-los, José havia preparado diversos recipientes em madeiras duras, em barro e em pedra.

Maria Cristina deitava água numa panela de barro e de seguida mergulhava o fruto que esmagara para lhe extrair a essência que depositava num recipiente à parte. Deixava então ferver o caldo e misturava depois mel de cana-de-açúcar e de cana-de-milho ainda verde, na falta de açúcar em quantidade suficiente, até a infusão engrossar. Depois de a cozedura endurecer, juntava a essência que tinha guardado, o álcool, uma clara de ovo e a respectiva casca, depois de bem esmagada. No dia seguinte, voltava a coar tudo e a deitar mais clara e casca esmagada, tantas vezes quantas as necessárias, até o licor ficar límpido e brilhante

para ser guardado o saboroso líquido em potes e cabacinhas decoradas.

As cabacinhas eram fruto da habilidade e imaginação de José, pois cedo tinha percebido que devia proporcionar à sua mulher recipientes de mais qualidade que os potes grosseiros de fabrico local. Passara a colher pequenas cabaças de vários feitios e de casca muito fina mas suficientemente dura e resistente. Por fora, eram decoradas com desenhos que fazia a canivete e depois pintava com as cores conseguidas a partir da mistura de pós minerais, vegetais e seiva de plantas.

São mais bonitas que porcelanas ou vidros!, dizia ela profundamente agradecida. Não há recipientes mais dignos do que as suas cabacinhas, meu marido.

*

*

*

Dizem até que foi ele que construiu, a expensas suas, o forte do Bumbo!

Quem?, perguntou Bettencourt.

O capitão Coimbra, completou Nóbrega.

O brasileiro?

Bem!, brasileiro de naturalidade, pois consta que terá vindo para Moçâmedes fugido da fúria dos nativistas brasileiros, já que queria manter a nacionalidade portuguesa.

Os dois amigos conversavam sobre o assunto do dia, as razias que o batalhão de caçadores, estacionado na fortaleza da Huíla, havia feito contra o soba do Lubango, Cabeça Grande, porque este teria ameaçado avançar com

os seus guerreiros da Numpaca até ao vale para recuperar as suas terras.

Alguém me disse que foi vingança de Nestor da Costa, que nunca mais esqueceu a derrota que sofreu na Mapunda, confidenciou Nóbrega. Como não esqueceu as gargalhadas de alegria que ouviu ecoar na serra da Chela...

Gargalhadas de alegria? De quem?, mostrou-se surpreendido Bettencourt.

Ora de quem? Do soba Cabeça Grande, impante com a vitória dos seus guerreiros.

É, então, capaz de fazer sentido o que se comenta.

E o que é que se comenta?, perguntou Maria Cristina.

Que foi o caçador de leões da Bibala que instigou o Alemão Coimbra a bater a região, não fosse o soba ter veleidades de recuperar o vale do Lubango, esclareceu Nóbrega.

E voltar a fazer ecoar as suas gargalhadas na serra da Chela...

Os dois amigos trocaram um sorriso, por causa da irónica intervenção de Maria Cristina.

E foi logo a seguir a esse episódio que, segundo se diz, o Coimbra foi promovido a capitão de 2ª linha e nomeado definitivamente chefe do concelho do Bumbo.

E as honrarias não são consequência lógica do sucesso obtido... mais na guerra do que noutra actividade qualquer?, perguntou Maria Cristina, parecendo distraída com os seus licores.

De facto, dos que vieram de Pernambuco, sabe-se que alguns deles eram senhores de engenho, gente habituada a outras mordomias, a outras honrarias. Não são como a maioria dos que vieram da Madeira, pobres e humildes, sem ambições de importância e poder, disse Bettencourt.

Pois é! E são eles que mandam em quase tudo. Os que de lá não vieram estão-lhes ligados por laços familiares, acrescentou Nóbrega. É o caso do chefe do concelho da Huíla, também oficial de 2ª linha, Pedro Augusto Chaves, casado com uma irmã do Alemão Coimbra que, por sua vez, é o chefe do concelho do Bumbo e governador do forte.

Forte que ele construiu na sua própria fazenda, segundo consta, completou Bettencourt.

Nóbrega, após ter engolido um último pingo de licor de manga que Maria Cristina lhe havia dado a provar, satisfeito com o sabor e, sobretudo, com o aroma que lhe subia pelas narinas, deu um estalo com a língua e parabenizou-a pelo rico e diferente néctar que havia sorvido. E a conversa foi-se desenvolvendo em torno do mesmo assunto. Nada escapava a Nóbrega, que tinha um sentido crítico bem apurado.

Consta que uns dois ou três anos antes da nossa chegada, os cunhados se fartaram de andar por aí em querelas com os sobas da Huíla e da Gunga, batendo as libatas dos sekulos Galangue e Guelengue, tendo sido apreendido muito gado.

Mas parece que esse gado foi todo restituído ao soba Tchitola, quando este se deslocou ao forte da Huíla para apresentar desculpas pelos seus sekulos, completou Bettencourt.

E como o soba teve que pagar a despesas de guerra... lá ficou o gado outra vez, concluiu Nóbrega.

Gado para lá, gado para cá! Licor para mim, licor para ti!, voltou a intervir, de forma trocista, Maria Cristina, pegando num copo e oferecendo-o ao amigo.

Prove este. É de pintanga, avermelhado como rubi. É para dar coragem.

Nóbrega sorriu e lançou uma provocadora pergunta:

Será que era deste licor que os “nossos amigos” bebiam para ganhar coragem, antes de fustigarem esses matos?

Deste licor não, tenho a certeza! Pois, garanto-vos que Pedro Chaves tinha tido coragem para muito mais do que bater umas libatas de sekulos de segunda categoria, retorquiu Maria Cristina, com uns reflexos também avermelhados a molhar-lhe os olhos castanhos.

Ai é?, exclamaram admirados, o marido e o amigo.

Sim! Teria tido coragem de domar a sua leoa, respondeu ela. Por momentos, ficaram sem perceber, mas depois desataram a rir.

José da Nóbrega tinha uma especial admiração pela mulher do seu amigo. Educada, aligeirava com humor as opiniões que não se coibia de proferir. Via-se que era uma senhora habituada a conversar na presença de cavalheiros. Bem diferente da maior parte das outras mulheres suas vizinhas que, pelo facto de terem sido sempre excluídas, se afastavam das conversas dos homens. O marido era também inteligente e afável e os apelidos Noronha e Bettencourt confirmavam as suas origens socialmente elevadas, que transpareciam no trato. No entanto, uma melancolia no olhar poderia confirmar a gravidade dos motivos que os teriam levado a abandonar a sua terra quase tão pobres como todos os outros, numa aventura e incerteza como não conheciam igual. Os motivos que levaram Nóbrega a abandonar a sua ilha eram só seus. Também não os tinha como tema de conversa com ninguém. Mas tais segredos não impediam que gostassem da companhia uns dos outros.

Os três amigos eram engenhosos, sempre a criar, sobretudo pequenas/grandes coisas que os ajudavam a sobreviver. Maria Cristina produzia licores; José Bettencourt

forjava objectos e figuras de madeira; José da Nóbrega inventava ferramentas, objectos práticos, como o carro que transportava os materiais de construção do Lubango. Sem ele, tudo teria sido transportado às costas dos homens, de muitos dos que haviam abandonado a ilha porque já não queriam continuar a transportar cargas. Talvez por isso, a queda para a ociosidade ou para a fuga aos trabalhos mais árduos de alguns deles, fosse vista como uma evidência da sua preguiça e da sua indolência. E apesar dos seus relatórios optimistas, o primeiro a apontar-lhes tais defeitos era o próprio chefe da colónia, nascido em berço de alfenim, membro das famílias gradas da sua terra, habituadas a serem transportadas em redes às costas de outros homens, pelos precipícios da ilha.

Nóbrega continuava imerso em pensamentos e a saborear os licores de Maria Cristina. Seu amigo interrompeu-o nas cogitações.

Ainda no princípio de Setembro, os capitães-cunhados, comandando uma parte do batalhão de caçadores da Huíla e auxiliares de guerra preta, foram em direcção ao Jau e aos Gambos...

E continuam vocês com essa conversa! Muito gostam os homens de fazer ou falar da guerra. Não será melhor tomarem outro licorzinho, como este de cor violeta, que nos faz gostar da paz?

Nóbrega, fingindo que não ouvia, informou que o capitão Coimbra justificara essa batida como uma resposta merecida aos guerreiros do Jau e dos Gambos por terem tido o topete de descerem a serra e irem atacar o Bumbo.

Ou este aqui, de cor rosa, que nos faz gostar de amar...

Ouvi dizer que foi com o objectivo de domar o gentio daquela zona, a fim de prevenirem problemas com a nova

povoação que Pedro Chaves fundou nas margens do rio Tchimpumpunhime, opinou Bettencourt.

Ou aquele ali, com reflexos de prata, que nos dá alento para ir até ao desconhecido...

Nessa nova terra onde, segundo consta, ambos se encontram a edificar grandes fazendas à maneira do Brasil, com engenhos de moer cana-de-açúcar e alambiques de fazer aguardente, rematou Nóbrega.

Ou aquele ali, cor de salmão, que nos faz estar tranquilos e não desistir das nossas ambições...

Capítulo VII

“O Kuíva não é um grande rio, porque só tem trinta quilómetros. Mas era grande porque tinha lagoas, muitas lagoas no caminho, cascatas de grande altura, rápidos, ilhas [...]. Águas turvas aqui, transparentes ali, onde viviam peixes.”

(Costa Andrade – *A profecia*)

Ao fundo, brilham as águas do rio Nene que, naquele local, passa a ser designado Tchimpumpunhime. Quando nas serranias do Bimbe chove muito, as águas do Nene precipitam-se por entre rochedos, galgam barreiras e tornam-se fragor de ngomas, rosnar de puíta, rugir do nhime, o raivar do leão.... Tchim-pum-pum-pu-nhime.

Dois pastores muílas olhavam para a outra margem, onde os munthiátis se misturavam com as mupapas e o cheiro das nochas, acabadas de comer pelos macacos, se espalhava nos areis lavados pelas grandes chuvas de Março. Mas foi o relinchar da égua branca que os espantou mais do que tudo o resto. Não era habitual ver por ali cavalos, a não ser os que sempre acompanhavam os ovahona, os brancos de cabelos loiros e olhos claros que se faziam deslocar em grandes carros puxados pelas espanas, como eram conhecidas as numerosas juntas de bois. Este branco que agora viam era diferente, não muito alto, de cabelos mais escuros

e de pele mais castanha. Mas era a sua égua, branca como as primeiras nuvens do tempo da chuva, que mais os fazia olhar para a outra margem do rio.

Temendo o que vinha por trás da chegada do homem montado na égua branca, que se sabia ser oriundo da povoação antiga que os brancos haviam construído junto ao rio Lupolo, os muílas das margens do Tchimpumpunhime aplacaram as almas dos seus antepassados com a otchiivia e pediram aos seus mais prestigiados arúspices que descobrissem as razões que se escondiam por trás da vinda daquela gente. Não tardou que, sondadas as vísceras dos animais, em muito maior número do que o habitual, se se começasse a ouvir murmurar coisas ininteligíveis umas, pouco agradáveis outras.

São da mesma tribo dos brancos do Bumbo!, dos mesmos que raziaram o Jau e os Gambos no ano passado, informavam os guerreiros, fazendo passar por entre os dedos as cerdas grossas do rabo de guelengue que decorava as suas lanças e as fazia mais certeiras.

Esse cavaleiro foi um dos chefes e ninguém pode esquecer um branco montado num cavalo da mesma cor..., comentavam os batedores com um timbre estranho na voz.

Dizem que até a cúa ficou presa na garganta dos guerreiros mungambos..., comentaram os mais-velhos.

*

*

*

Pedro Augusto Chaves chegou montado na sua égua branca, olhou com agrado para as margens verdes e ligei-

ramente inclinadas do rio Tchimpumpunhime. De seguida, virou-se para trás e deixou o olhar planar no horizonte onde se recortava a serra da Numpaca. Fez avançar a sua égua até um grupo de trabalhadores que, sob a vigilância de alguns quimbares, abriam os primeiros rasgos no solo, de onde nasceriam os alicerces da casa grande da sua nova propriedade. Dois trabalhadores trouxeram um pesado pedregulho até ele, que foi de imediato benzido pelo padre Elias da missão da Huíla, ali presente para garantir a protecção divina aos caboucos do novo edifício. Já quase sem forças de tanto aguentar o pedregulho ao longo do latinório que antecedeu a bênção sacerdotal, os dois trabalhadores ainda tiveram que o levar até ao rego. Antes da sua deposição, Pedro Chaves assentou nele a manápula para que não houvesse dúvidas de que tinha sido ele mesmo a colocar a primeira pedra.

Chamar-se-á Amélia, Fazenda Amélia, em homenagem à senhora minha mãe, Amélia Augusta, disse o seu proprietário com voz solene ao padre Elias, já quase morto do calor que se fazia sentir naquele dia.

A escolha do nome não tinha sido fácil, pois sua mulher, como sempre, estivera contra e mostrara ter tido a esperança de que ele baptizasse a fazenda de Guilhermina. Mas aqui o capitão não recuara e, correndo o risco de sua mulher lhe não dirigir palavra durante semanas ou até meses, deu mesmo o nome de Amélia à grande fazenda.

Pedro Chaves deslocava-se duas vezes por semana da sua residência, na povoação da Huíla, até àquele local onde iniciara a concretização do seu sonho, o de erguer ali uma propriedade que rivalizasse com qualquer outra que houvesse em Angola. Os regos onde nasceriam os alicerces já estavam feitos e começava a colocar-se as primeiras

pedras. Os terrenos à volta eram desbastados do extenso arvoredado e aplanados, de forma a receberem o primeiro plantio de legumes, cereais e, sobretudo, cana sacarina.

A casa grande teria dois andares e ficaria no ponto mais alto da fazenda, permitindo que dela se vislumbrasse toda a propriedade e ainda os terrenos vizinhos. O panorama que dali se adivinhava fazia com que Pedro Chaves sentisse ainda mais forte a vontade de avançar com os trabalhos, mesmo que, para isso, tivesse que exigir o reforço da feroz vigilância dos seus quimbares sobre as centenas de trabalhadores.

Enquanto alguns, com pesados malhos, preparavam as pedras grosseiras destinadas aos alicerces, a pedra mais fina para erguer as zonas nobres da casa ficara a cargo de três talhadores quimbares, enviados pelo seu cunhado José, hábeis na execução de pedras tumulares dos cemitérios de Serra Abaixo. Só mesmo os penedos mais resistentes eram feitos em pedaços à custa da pólvora manuseada por cinco degredados do regimento de caçadores da fortaleza da Huíla, de perto vigiados por um soldado de 1ª linha. Pedro Chaves escolhera-os para aquela tarefa perigosa, pois achava que, se alguém podia perder os dedos, as mãos ou mesmo algum olho, só poderia ser um degredado, que os soldados, esses eram preciosos de mais para se exporem às sevícias da pólvora bastarda das pedreiras.

Os blocos de pedra, retirados dos penedos que se erguiam junto ao Bundomaímo, como se chamava a parte mais larga do rio, eram transportados em carroças puxadas por várias juntas de bois. Do Jau, vinha a pedra vermelha, macia e fácil de tornear, com a qual seriam construídos os rodapés exteriores, os cunhais terminados por cimalthas em forma de bola e, na ampla fachada ao gosto neo-clássico, as

molduras das portas principais. Uma ampla escadaria daria acesso ao sobrado, construída com pedra vulgar e guardada por dois grandes leões de pedra negra, mais dura, oriunda da Quihita. E desde o romper da alba até ao finar do sol, as centenas de trabalhadores iam-se dando ao corte do mato a machete ou à catana, ao abrir dos buracos à picareta ou à enxada, ao carregar dos cangulos com terra, pedra ou entulho, que depois iam depositando nos locais indicados.

Vão-se passando os dias, as semanas e os meses, e Pedro Chaves desloca-se da povoação da Huíla para a Chibia cada vez mais, frequentemente montado na sua égua branca, cada vez mais bravo com os seus quimbares, com os seus serviçais, com os seus bois, com tudo. As paredes crescem devagar de mais para a sua pressa, e os incriminados, todos eles, ora dizem que é do chão que não se deixa remexer facilmente, ora do calor que amolece, ora dos mosquitos que os fazem cair febris. Já quando chove, o que acontece com muita frequência, as carroças muito carregadas, puxadas por espanas longas e de difícil controlo, atascam-se no barro negro e peganhento, ante o desespero dos seus condutores que gritam mais alto que os próprios trovões e fazem relampejar com mais brilho as suas compridas calabças.

Nos andaimes, escorregam os pedreiros e os serventes, empurram-se uns e agarram-se outros na tentativa, nem sempre conseguida, de não se estatelarem no chão coberto de mil e uma coisas, pedras, ferros, pregos, tudo pronto a perfurar uma costela ou uma coxa de quem lhes caia em cima. É por isso que se ouve amiúde muita berraria, muita blasfémia, em diversas línguas e cores. E é por isso que os ferozes quimbares, capatazes atentos da obra, fazem soar, uns, seus porrinhos na dureza das pedras, outros, seus

chicotes longos e afiados na leveza dos ares. Por vezes, há mesmo que pôr algum trabalhador na ordem e então o sangue mistura-se com o reboco da casa, emprestando seiva humana às paredes da mansão. Sempre que chove, o trabalho empapa-se como a própria terra, não conseguindo os pedreiros usar a argamassa que a chuva desfaz, trabalhar a pedra que a chuva molha, o tijolo que a água amolece, o adobe que as bâtegas fortes desfazem.

O vento rijo atira com os andaimes ao chão e a confusão alastra. Só os canteiros se sentem pouco incomodados, pois tratam a pedra de lavoura na protecção de cobertos feitos de pau a pique e capim, preparando a cantaria destinada a ornar lambris e zonas das paredes onde assentarão as portas e janelas.

Capítulo VIII

“Daquela vez meu pai acompanhou os militares. Era uma grande coluna. Os soldados marchavam a pé, carregando nas costas a pesada mochila e a espingarda. Atrás deles seguiam as peças de artilharia [...] e os grandes carrões bóers a transbordar de mantimentos.”

(Maurício Soares – *Casa de sobrado*)

Nos últimos tempos os problemas começaram a avolumar-se e Chaungo, soba do Humbe, começava a ficar farto. Eram constantes as queixas que lhe chegavam, sobretudo das bandas do Quiteve, onde o seu povo tinha que aguentar as tropelias do Felela Tchipiona, como era conhecido o funante Ferreira Pinto, senhor de um exército particular com o qual ameaçava quem julgava poder fazer-lhe sombra. Ameaçava os sobas e sobetas da região, inventava endacas só para ter pretexto para fazer a guerra e obter o saque que engrossava os seus rendimentos. E a situação tornou-se insustentável quando ele atacou, com os seus quimbares de guerra, o soba Dungula do Mulondo, para lhe ficar com o gado com que, mais tarde, iria trocar por marfim. Encorajara assim outros funantes da região a

Endaca, Endaka – *problema, conflito*. (N.) O mesmo que maca, maka (K)

seguir-lhe o exemplo. Alguns até inventavam que tinham sido assaltados por gente do Humbe só para terem o apoio dos soldados da fortaleza e avançarem para a pilhagem. Chaungo não podia permitir que tal praga se espalhasse como o vissonde sobre a sua terra e o seu povo.

Que ganharíamos nós em assaltar os funantes se também nos interessa o negócio deles?, questionava com frequência. Chegou mesmo a dizer ao próprio comandante da fortaleza mais próxima, que o acusara de malfeitorias, distúrbios, assaltos, que tal não passava de calúnias.

Se queremos mel junto dos nossos eumbos, se queremos abelhas nas nossas árvores, como poderíamos ser nós a destruir a colmeia?, interrogava os seus mais próximos conselheiros, reunidos com urgência debaixo da grande mulemba dos murmúrios. Todos ouviam atentamente e iam abanando com a cabeça que sim, que Chaungo tinha razão, que os seus pensamentos eram leves como penas. Mas, apesar disso, continuavam a aguardar pela sua decisão, pois em função do que determinasse, assim enviariam ou não emissários a todos os eumbos do grande Humbe, para que o povo fosse informado da situação e fossem tomadas medidas.

A formiga-branca já esvoaça por cima das nossas cabeças e por isso é necessário cortar-lhe as asas o mais depressa possível, disse Chaungo com voz baixa mas firme. Ele sabia que tinham que evitar que ela invadisse a terra e construísse os seus morros, as suas casas de barro por todo o lado.

Vissonde (pl.), mussonde (sing.) – *formiga guerreira*. (N.) O mesmo que *kissonde*, *quissonde* ((K.)).

Que os nossos guerreiros comecem a afiar as lâminas das suas zagaias, a polir o fio das suas mutungas e a aguçar as pontas das suas flechas. Depois aguardem por um sinal meu. Chegado aqui, o soba levantou-se, bateu as palmas três vezes e deu por encerrado o conselho.

Não demorou muito a serem confirmados os seus piores receios. Num dia em que o sol ficou encoberto por estranhos carreiros de nuvens, chegou-lhe uma intimação da fortaleza.

Pagar imposto, eu?

Chaungo virou bicho, mais do que bicho, um verdadeiro leão. Furioso como nunca, rosnou um NÃO tão forte que ecoou nas próprias paredes da fortaleza, fazendo esboroar alguns dos seus adobes mais frágeis. O hamba do grande Humbe não aceitava exigências daquelas.

Querem transformar a terra da minha terra em barro deles? O leão não mora no morro do salalé!, rosnou Chaungo. Depois acalmou-se e decidiu actuar. Como o grande felino que observa os antílopes a aproximarem-se do rio para beber, preparou-se para o ataque.

Que venha já ter comigo o muene makesongo, o meu ministro da guerra, pois quero ouvi-lo sobre a chegada dos soldados à fortaleza, ordenou, sentindo que o frio, naquela manhã de Junho de 1885, era mais intenso que o habitual. Depois mandou que avertissem o fogo sagrado do tchôto e que colocassem ramos verdes de munthiati à entrada da ombala.

O muene makesongo logo que chegou, informou o hamba que os seus batedores tinham visto cento e vinte

Salalé – *formiga-branca, térmite, em quimbundo (K.). Foi este o termo que se introduziu no português de Angola. Em olu-nhaneca diz-se “o-fuá” (N.)*

Munthiati – *árvore, o mesmo que mopane “Copaifera mopane”. (N.)*

soldados e seus auxiliares muchimbas a afastarem-se da fortaleza, comandados pelo Ongulu-ena, como era conhecido na língua da terra o oficial português, João Leitão. Este, que estivera resguardado pelas paredes de adobe da fortaleza durante dias, punha-se agora em fuga. Chaungo não pôde deixar de sorrir ao pensar que os fugitivos já deviam estar longe, mais tranquilos na segurança do Bitoto, da terra construída pelo salalé à beira do mar.

Saíram daqui a correr, como se tivessem o fogo das tchitucas a queimar-lhes o rabo, disse o soba, gargalhando sua alegria de os saber a bater em retirada... antes mesmo de ele os ter atacado.

É bom! É muito bom que a formiga-branca nos respeite! Hinhiniqui calomboca nhana, tchivela kalíua na fuá, a formiguita não atravessa o rio e a térmite não come o metal, sentenciou o ministro, pois sabia que não levaria muito tempo a dar a provar o ferro das suas zagaias ao inimigo. Este estava enfraquecido e, por isso mesmo, seria de aproveitar a oportunidade para lhe mostrar, de uma vez por todas, quem verdadeiramente mandava no Humbe.

Chaungo deu novas indicações ao muene makesongo para, dali a um mês, voltar a reunir na ombala os vipundi, os conselheiros mais sapientes, para decidir sobre o que fazer.

*

*

*

Tchituca, Tyituka – seres sobrenaturais, meio pessoas meio bichos.
(N.)

Ouvidos os conselheiros, os seus mais experientes vipundi, assim como o muene makesongo, seu ministro da guerra, Chaungo decidiu, então, atacar, em simultâneo, a fortaleza e os funantes. Só que não contou com tanta resistência na primeira e por isso demorou mais do que pretendia a iniciar o ataque às libatas dos funantes. Foi o tempo necessário para se prepararem os comerciantes, alguns até com o reforço de guerreiros de Ferreira Pinto, o odiado Felela Tchipiona.

Quando foi informado da resistência da fortaleza, Chaungo estranhou.

Como é possível resistirem tanto? Não pode ser só a força da formiga-branca. Não acredito! Devem ter conseguido a protecção d'algum feiticeiro, d'algum tchimbanda renegado que lhes ensinou a utilizar o veneno do cogumelo mphole, esse que só nasce nos morros do salalé.

Desconfiado, o soba do Humbe até começava a suspeitar que nem todos os seus guerreiros tinham morrido com bala ou baioneta. O seu adivinho particular bem lhe tinha dito para prestar atenção nos guerreiros que iam cair... sem qualquer sinal de ferimento.

Aí estava a explicação da inesperada resistência dos soldados, acreditou Chaungo. E sem vontade de perder mais guerreiros nos ataques ao morro do salalé, que era como chamava depreciativamente à fortaleza de adobe, resolveu enviar emissários aos hambas do Cuamato e do Cuanhama com o objectivo de ser criada uma coligação que forçasse os invasores, todos eles, incluindo os funantes, a abandonar as suas terras.

O tempo foi passando e Chaungo aguardou. Só o hamba do Cuanhama lhe enviou, entretanto, alguns guerreiros. Do Cuamato, nada! Nem um homem, nem uma zagaia se-

quer. Sentiu-se, contudo, reforçado por um contingente de adestrados atiradores dongoenas de que não contara. E a oportunidade chegou, finalmente. Outros soldados entravam no Humbe, comandados por um funante e capitão de 2ª linha, Clemente de Andrade, o mesmo que em tempos mais recuados havia construído a malfadada fortaleza.

O soba, embravecido como um leão, resolveu empenhar-se como nunca no ataque aos que se atreviam a entrar na sua terra, mesmo depois de saberem que ele não os receberia com presentes, mas com as lâminas afiadas das suas zagaias e das suas mutungas. Deu ordens para que deixassem entrar o inimigo sem lhe criar obstáculos e aguardou.

Em Novembro, aproximou-se da ombala a coluna do oficial funante, constituída por trinta e quatro soldados e vinte e quatro auxiliares muchimbas, tendo começado por incendiar as libatas dos sekulos. Iludidos pela falta de oposição, avançaram até à ombala e saquearam-na. Chaungo encontrava-se com os seus guerreiros escondidos na mata, aguardando pelo momento certo do ataque. Inebriada pelas razias e pilhagens e falta de resistência humbe, a coluna dirigiu-se à fortaleza, mas não demorou a cair na emboscada preparada por Chaungo, no local da Quiloba.

Os guerreiros dongoenas e cuanhamas, os únicos que tinham armas de fogo, carregaram sobre a ala de auxiliares muchimbas, pondo-a em fuga. Destes ficaram apenas a esvoaçar as penas de avestruz que antes lhes ornara as carapinhas espessas e untadas de lucula. Os soldados ficaram reservados para os guerreiros do próprio Chaungo que, sem lhes darem tempo de esboçar qualquer defesa, os trespassaram com as suas zagaias, decapitando-os de seguida. O soba deu ordens para que não matassem logo

o odiado funante que chefiava os soldados. Queria ser ele próprio a olhá-lo nos olhos e ver neles o terror, antes de sentir o frio metálico da sua afiada mutunga. A miserável formiga-branca que se atrevera a esvoaçar na ombala do soba do Humbe seria esmagada pelo próprio Chaungo.

Clemente de Andrade foi feito prisioneiro e, apesar de ter feito jus ao nome, implorando clemência, foi passeado pelo local da emboscada e obrigado a olhar para cada um dos corpos horrivelmente mutilados dos seus soldados. Depois, esmagado pelo horror e desfeito pelo medo, foi colocado perante o feroz Chaungo. Este, fitando-o com um profundo desprezo, pegou na sua mutunga e elevou-a lentamente, muito lentamente. Depois ouviu-se um silvo e... a cabeça de Clemente de Andrade rolou pelo capim até embater num toco de árvore. Seguiu-se o terrível som da cúa que abafou todos os outros sons...

Capítulo IX

“Os pastores se revoltaram e com eles os sobas da região, pois todos lucravam com aquela dádiva natural. Só foram aquietados pela força das armas, uma das razões para a aldeia do soba Peringue ser arrasada mais uma vez, repetindo a acção acontecida aquando do estabelecimento da colónia.”

(Pepetela – *A sul. O sombreiro*)

Pedro Chaves encontrava-se na sua fazenda, a orientar os trabalhos de preparação de um terreno onde seria aumentado o canavial, quando lhe vieram dar a notícia do desastre do Humbe. Não queria acreditar. Eram situações dessas que faziam perigar a presença dos próprios moradores e colonos do planalto. Encorajado pelas vitórias de Chaungo era bem possível que o soba Cabeça Grande quisesse avançar para o vale do Lubango e reaver as suas terras. E se isso acontecesse seriam todas as terras altas da Huíla a serem ameaçadas, inclusive as margens do Tchimpunhime, onde se encontrava a sua fazenda e para onde tinha conseguido que viessem residir e trabalhar algumas famílias de colonos. Tinha só três meses a povoação de S. Pedro da Chibia e já a ameaça pairava no ar como um milhafre.

Logo após a tragédia que se abatera sobre Clemente de Andrade, e porque iria estar nos meses seguintes completamente absorvido pelos preparativos guerreiros, resolvera avançar mais cedo com o projecto da nova povoação. Por isso entende-se com dom José da Câmara Leme e consegue que este dispense algumas famílias de São José do Lubango, às quais se juntaram algumas outras de São Januário da Humpata, com o objectivo de as levar para as margens do “seu rio”, como ele costumava dizer quando se referia ao rio Tchimpumpunhime. Ocupado com a trabalhadeira que as suas terras lhe davam, achou que lhe bastaria o gesto fundador para ficar na História. E assim declinou o lugar de chefia de direcção da nova povoação, em favor de Joaquim Afonso Lage que, à frente desse grupo de doze famílias, avançou prontamente para o mesmo lugar, assentando ali as lages do novo povoamento. Em honra do seu mentor, este passaria a chamar-se São Pedro da Chibia e oficialmente fundado a 16 de Setembro de 1885.

Pedro Chaves não queria ter uma fazenda isolada. Interessava-lhe que tivesse por perto uma povoação e que ambas crescessem ao mesmo tempo, que crescessem juntas, progredissem juntas, unidas pela mesma alma criadora e com o mesmo destino. A fazenda seria tanto mais progressiva quanto mais se desenvolvesse a povoação, e esta seria um mercado para parte substancial da sua produção, onde residiriam os especialistas (carpinteiros, marceneiros, ferreiros, sapateiros, calceteiros, etc.) necessários ao progresso daquela.

Mas as coisas não iriam ser tão fáceis como imaginara. Nos últimos tempos levantava-se mesmo a hipótese de os muhumbes incitarem todo o povo nhaneca a afastar os recém-chegados das margens do Tchimpumpunhime. Por

isso solicitou a José Lopes que este tentasse aproximar-se do Humbe para perceber melhor o que se passava. Provienciou, também, junto dos irmãos Almeida a obtenção de informações mais precisas sobre o Humbe, pois acreditava que não havia mais nenhum morador que conhecesse tão bem aquelas paragens. Para além disso, ouvira dizer que um deles, António José, se encontrava em preparativos para vir residir na Chibia, o que lhe agradava muito. Acreditava que, com um homem empreendedor e rico como aquele, a “sua” povoação só tinha a ganhar. Por tudo isso, mais se impunha a prevenção e, caso o soba Chaungo estivesse, de facto, disposto a lançar as suas zagaias contra os novos habitantes, teriam de ser tomadas medidas drásticas, o mais depressa possível.

Perante a ameaça que pairava e que podia pôr em causa todo o seu projecto, Pedro Chaves preparou-se para descalçar as botas da lavoura e calçar as do exército, deixar os terrenos de cultivo e avançar para as chanas da guerra, apagar o tabaco do seu cachimbo e incendiar a pólvora das suas armas.

Esse Chaungo d’um raio não espera pela demora!, gritou, perante o espanto dos trabalhadores que nada sabiam do assunto. De seguida afastou-se e preparou-se para voltar à povoação da Huíla, onde começaria a esboçar os planos de combate.

*

* *

A coluna que partiu com destino ao Humbe, no dia 7 de Dezembro de 1885, era constituída por cento e vinte sol-

dados da fortaleza da Huíla, quarenta atiradores bóers da Humpata, cinquenta colonos do Lubango e da Chibia e um grupo de três centenas de auxiliares muchimbas e mucuan-calas, chefiado por Vita ou Orlog, num total de meio milhar de homens, mais dois canhões e vinte carros. Parecia um longo e feroz carreiro de kissonde, pronto a invadir o Humbe e a devorar o que encontrasse.

Os auxiliares, de penachos negros de avestruz na cabeça e espingardas nas mãos, entoaram uma canção de despedida, voz pesada como nuvens cheias de tempestade, lembrando o ressoar da trovoadas. Vita destacava-se no grupo, não só porque ia uns passos à frente, como era o mais alto e corpulento. Uma grande cicatriz sulcava-lhe a face direita, do queixo à testa. Em vez de penachos de avestruz, usava um chapéu de aba larga, à maneira bóer.

As primeiras léguas foram em terreno pacífico e nada houve que perturbasse a calma da coluna, a não ser o barulho que ela própria fazia ao passar. Para os habitantes dos eumbos próximos era o fim do mundo. Os cavalos relinchavam, os bois mugiam, os homens falavam ou zangavam-se, os auxiliares falavam nas suas diversas línguas e por vezes desentendiam-se, os atiradores bóers azucrinavam os ouvidos dos soldados com a sua língua bárbara e assustavam os colonos que, a pé, aguentavam o seu olhar feroz e a irrequietude dos seus cavalos.

Colonos – Na época aqui retratada, podiam coexistir nas povoações moradores (brancos, negros e mestiços) e colonos. Ex.: Pedro Chaves e José Lopes eram moradores, não colonos; os madeirenses eram colonos. As gerações de descendentes destes colonos já se tratavam por “filhos da terra” ou por “chicoronhos” (descendentes dos velhos colonos), nunca por colonos.

Ordem! Ordem!, ia gritando o comandante, já com a paciência a esgotar-se. É mais fácil combater os muhumbes que aguentar esta malta!, não conseguia parar de remoer, embora sentisse, por vezes, uma espécie de vergonha por pensar assim do seu próprio exército.

Já perto do Chicusse, os batedores chegaram agitados e informaram que, logo adiante, milhares de guerreiros muhumbes aguardavam pela coluna.

Não podemos abrandar a marcha! Vamos, sempre em frente!, gritou Chaves, enquanto esporeava a montada. Lopes, ó Lopes, aguente-me aí os colonos que estão a desanimar!

José Lopes abrandou a marcha, fez o seu cavalo recuar com muita presteza e dirigiu-se aos colonos, que apresentavam um ar de quem não sabia no que se havia metido, mas pressentindo desgraça; alguns arrastavam as botas de cansaço, outros coxeavam porque não estavam habituados àquele tipo de calçado; muito poucos apresentavam um ar robusto e decidido. Quando viram o cavaleiro aproximar-se, tornou-se visível um clarão de esperança. Esperança de que lhes vinha dizer que poderiam largar as botas e voltar para casa. Mas depressa se sentiram decepcionados. Aquele homem que irradiava auto-confiança, que lhes falava de cima da sua montada, não os mandava, afinal, de retorno a casa, não lhes permitia que se livrassem das malditas botas, mas antes lhes dizia que contava com a sua bravura para combater os muhumbes.

Bravura!, exclamaram quase em uníssono, sentindo que o que lhes pedia o cavaleiro podia ser tudo menos isso. A maior parte deles conhecia melhor o cabo da enxada do que a coronha da arma e nem sequer lhes tinham dado tempo para treinarem o manejo das espingardas e o exercício do tiro.

Vendo que pouco conseguia daqueles homens, Lopes desmontou e falou-lhes com calma e segurança, devolvendo-lhes alguma coragem. Era um homem forte, decidido e com uma enorme capacidade de liderança. Sabia falar com as pessoas e conduzi-las como queria, de forma branda mas firme. Havia nele uma força interior que se tornava visível logo ao primeiro contacto, granjeando-lhe rapidamente o respeito dos outros. Foi o suficiente para que os colonos sentissem uma pontinha de coragem e se acalmassem um pouco. Alguns acharam que até as botas lhes magoavam menos.

Mal se aproximaram do Chicusse, começou a ouvir-se a cúa e a sentir-se o voo picado das flechas e o zunir das balas.

Não parem! Não parem! Com estes podemos nós, ia gritando Pedro Chaves, enquanto a sua égua relinchava. Havia até quem dissesse – em pânico com o som da cúa mais do que com o ricochete das balas – que era a égua que gritava e o cavaleiro que relinchava.

Isto é mesmo o fim do mundo, valha-nos a nossa Senhora do Monte, gemiam os mais assustados colonos que já não destrinçavam os autores dos relinchos e dos gritos.

Vita mantém os teus homens atentos! Os muchimbas que aguentem na retaguarda e os mucuancalas que fiquem mais perto de mim, na frente, ordenava o comandante.

Ordens e mais ordens. Gritos de dor e de pânico misturados. Impropérios em diversas línguas... e sempre a cúa a ouvir-se por cima de tudo, a pairar sobre todos como uma ave de rapina.

Os colonos, recentemente chegados da ilha da Madeira e nada habituados a tais situações, enchiam-se de pavor e, largando as armas alguns deles, rezavam com fervor

aos seus santos protectores. Um, enquanto se persignava, deixou-se ver mais do que devia e recebeu um fogacho na cabeça. Esparramado no chão a espernear, aumentou o medo dos camaradas d'armas mais próximos. Outro, mesmo antes de ser ferido por uma flecha, foi invadido por um desmaio de terror e ficou estirado no chão que tresandava a transpiração de homens, suor de animais, bosta de boi e de cavalo. Fedia tanto que teve um efeito contrário ao esperado, fazendo-o levantar-se como uma mola, de olhos esbugalhados e dedo enredado no gatilho. Lopes teve que se aproximar dele e manietá-lo, não fosse ferir os seus próprios companheiros.

À medida que a coluna se ia internando nas terras de Chaungo e se aproximava da fortaleza, as fileiras muhumbes iam engrossando. Mas a coluna manteve-se firme, apesar da confusão inicial, e quando ali chegaram, a 19 de Dezembro, iniciaram a destruição dos eumbos limítrofes, acabando por achar que, deste modo, haviam derrotado Chaungo em lâmba, a 21 desse mês. Só que, para Chaungo, não tinha havido derrota nenhuma, apenas uma pequena refrega que ele abandonara a meio, para dar a ilusão aos invasores de que o tinham vencido. A tática era retirar-se para ganhar tempo, deixar o salalé enterrar-se nas chanas enlameadas para, assim, ir gastando energias e deixar espiões seus, estrategicamente colocados no terreno. Nem sequer lhe fora difícil colocar no interior da própria fortaleza alguns dos mais habilidosos, que o iam prevenindo quanto às movimentações do exército inimigo.

Mas sem apanharmos Chaungo, nada feito!, asseverava, por outro lado, Pedro Chaves, incomodado com o retumbar dos trovões, que o fazia falar aos bochechos para que pudesse ser ouvido na íntegra.

Mas torna-se impossível encontrá-lo se ninguém o denunciar, ouviu-se alguém dizer.

Só que, como se sabe, é contra as leis da terra denunciar um soba!, avançou José Lopes.

Pois sei! É por isso que estou preocupado com o resultado desta guerra. Sem a cabeça de Chaungo é como se não tivéssemos chegado ao final da campanha, concluiu Pedro Chaves, cansado, indo repousar para a sua tenda.

Lá fora continuava a chover torrencialmente e os trovões ribombavam, fazendo cortar a respiração. Aquela não foi uma noite de sono para o comandante, nem para ninguém. No outro dia, já quase a meio, as nuvens fizeram uma pausa no seu trabalho e deram uma folga aos de lá de baixo. No acampamento suspirou-se de alívio, mas foi de pouca dura, pois sobrevieram outro tipo de arrelias e de preocupações.

*

*

*

Aproximei-me da tenda do comandante e vi-o com mau aspecto, de olheiras carregadas e rosto macilento. Não era o melhor momento para lhe dar a notícia que ali me levava mas... tinha que ser. Com alguma calma fui-lhe dizendo que os atiradores bóers queriam abandonar a coluna e regressar à Humpata.

Voltar à Humpata? Hoje?

Sim, comandante!, dizem que não podem ficar mais tempo.

Mas eu é que sou o comandante deste exército, ou não?

Ainda tentei acalmá-lo, mas em vão.

Sim, claro que é o comandante, mas...

Não há mas nem meio mas! Diga-lhes que ficam e pronto! Afinal quem manda aqui?, gritou Pedro Chaves demasiadamente próximo de mim. Senti mesmo que alguns perdigotos de grosso calibre tinham invadido um dos meus ouvidos. Incomodado, resolvi afastar-me o mais possível do colérico comandante.

Pois, só que eles já estão de bicuátas arrumadas e querem sair o mais depressa possível, tentei explicar, mais surdo do vozeirão do comandante do que do troar das armas.

Não acredito nisto! Chama-me o Lopes, depressa.

Saí da tenda, perseguido pelos resmungos do comandante e fui em busca de António Lopes. Encontrei-o precisamente a falar com o grupo de bóers. Ao lado dele estava um colono, que gesticulava muito.

Este ilhéu põe-me doido! Não consigo perceber patavina do que fala, dizia, já aborrecido, a franzir o cenho, ao mesmo tempo que lhe ia pedindo que se acalmasse até terminar o assunto que estava a discutir com os bóers. Estes observavam a cena com ar de enfado e com vontade de iniciarem o regresso à Humpata quanto antes, enquanto se mantivesse a providencial trégua no mau tempo.

O comandante diz para ir à sua tenda com urgência, interrompi-o.

C'os diabos! Parece que hoje toda a gente deseja falar comigo ao mesmo tempo.

É que... ele não quer que os bóers se vão embora, tentei explicar.

Não quer?, perguntou, surpreendido. Ora, se eles assim o desejarem, nada há a fazer, concluiu Lopes, baixando a voz. Depois afastou-se em direcção à tenda do comandante,

deixando o colono a falar nervosamente comigo, enquanto os bóers continuavam a ultimar as suas coisas para a partida. Não demorei a deixar o madeirense e os bóers e segui José Lopes.

Na tenda, pese embora a resistência inicial do comandante, depressa este foi convencido pelas palavras seguras de Lopes que, conhecendo de sobra os bóers, lhe garantiu que nada os demoveria da sua intenção.

O que eu acho é que se poderia aproveitar o seu regresso à Huíla para levarem os colonos. Não nos fazem falta e estão nervosíssimos.

Perdermos mais gente?, guinchou Pedro Chaves, não acreditando no que ouvia.

Aparentemente!, pois ganhamos mais tranquilidade e perdemos cinquenta empecilhos, ouviu-o retorquir.

E é com um exército de desertores que eu vou dar uma lição aos marimbondos do Chaungo?, questionou, irritado, o comandante.

Não são desertores nem isto é um exército!, tentou Lopes acalmá-lo, acabando por obter um efeito contrário.

Pois claro! É isso mesmo. Já nem você acha que isto é um exército. Está a dar-me razão.

Desculpe! É que não me fiz entender muito bem. Só quis lembrar que os bóers e os colonos não são propriamente soldados, pelo que a sua saída não deve ser encarada como uma deserção. Não acha?

O comandante já não o ouvia e a crescente irritação que o assolava levou-o a cirandar de um lado para o outro da minúscula tenda, acabando por bater com a cabeça numa das traves que seguravam o tecto. Foi a gota que fez entornar a bolunga. Começou a blasfemar e a pontapear alguns cantis e outros objectos que se encontravam no chão, fazendo um

barulho tal que a sentinela, julgando ser uma arremetida muhumbes, deu o alerta geral. O acampamento agitou-se como um formigueiro em transe. Na tenda, Chaves e Lopes entreolharam-se com surpresa, mas depressa percebendo a razão de tanto alvoroço, prepararam-se de imediato para sair e tomar as medidas necessárias.

Lá fora, o madeirense esbaforido foi acachapar-se por de trás de um carro. Os atiradores bóers pegaram nas suas espingardas e prepararam-se para o que desse e viesse, fazendo os cavalos relincharem de excitação. Os auxiliares muchimbas e mucuancalas levantaram-se aos gritos e aos pulos dos sítios onde se encontravam, num ataca-recua que mais confusão causou, pois entraram nos terrenos dos colonos que, julgando serem atacados pelo inimigo, começaram a rastejar, cada um para seu sítio, enquanto disparavam a torto e a direito.

A súbita agitação no acampamento não passou despercebida aos espiões muhumbes, que logo correram a avisar Chaungo. Este, naturalmente, pensou que estaria eminente um ataque do inimigo e mandou que os seus guerreiros se preparassem. Pedro Chaves, José Lopes e eu tivemos, pelo nosso lado, uma enorme dificuldade em acalmar as hostes e fazer-lhes ver que nada de grave se passava. Felizmente, a pontaria dos colonos era má e somente três auxiliares ficaram feridos, confundidos que foram com os guerreiros inimigos, o que deixara Vita aborrecido e com vontade de também abandonar o acampamento e ir refugiar-se com a sua gente no local de costume, os Gambos.

Desta vez o comandante teve sérias dificuldades em restaurar a calma e a ordem e com esforço conseguiu que Vita e os seus guerreiros não se fossem embora. Depois autorizou a saída dos bóers e solicitou a Lopes que se

encarregasse de lhes pedir que levassem com eles os colonos, pois acreditava que, a irem sozinhos, acabariam por se perder no mato e tornar-se presa fácil dos furiosos marimbondos, que era como ele chamava aos muhumbes revoltados.

*

*

*

(Jan.-Mar.1886)

Após a retirada dos atiradores bóers e dos colonos, não demorou muito a que a chuva voltasse a cair com a intensidade habitual. O acampamento foi levantado e a coluna tomou a direcção da Cafuntuca. Os militares, esfomeados e perdidos na lama das chanas, foram permanentemente acossados pelos guerreiros muhumbes que, sempre que podiam, lançavam as suas zagaias e flechas e faziam troar seus canhangulos.

Precisamos de reforços, senão isto ainda acaba mal!, resmungava, muito preocupado, o combalido comandante, com as botas cobertas de lama quase até aos joelhos. Já há quase três meses que andamos nisto e ainda não conseguimos apanhar o maldito chefe dos marimbondos, resmungava.

Os reforços devem estar a chegar. Mais uns dias e poderemos vergar Chaungo, tentava Lopes animar o comandante.

No início de Março chegaram ao Humbe, vindos da Huíla, os tão ansiados reforços, constituídos por sessenta soldados que traziam mais munições. Pedro Chaves não parecia o

mesmo, com o ânimo reforçado e até com alguma alegria a brilhar nos olhos que há muito não reflectiam qualquer luz, de tão baços. As próprias botas, nos últimos tempos permanentemente enlameadas, começaram a ser objecto de mais cuidado e voltaram a mostrar o cabedal convenientemente repassado de sebo.

Chegados a Cafuntuca, no dia 13, já cheio de vontade de regressar à comodidade da sua residência e, porque não confessá-lo, aos mimos de sua mulher, deu ordens vigorosas e orientou estratégias, com o objectivo de dar por terminada a campanha com algum sucesso.

Mesmo que não consigamos caçar o marimbondo principal..., dizia Chaves, havemos de caçar os seus boizinhos, que muito jeito dão, e dar cabo do canastro aos marimbondos que se atreverem a colocar-se entre nós e os sambos deles. Quiseram guerra? Pois aí a têm e, claro, vão ter que pagar por isso, que nós não andamos aqui a dar no duro, a cansarmo-nos e até a perder a vida, sem qualquer compensação.

Virando-me para Lopes confidenciei-lhe que o comandante não devia estar muito bem, ao acreditar que Chaungo seria facilmente vencido. Tudo o que até ali se passara era demonstrativo da nossa fraqueza e da força do adversário. Lopes abanou a cabeça, deu-me umas palmadas nas costas e, esporeando a montada afastou-se. “Nunca se consegue saber muito bem o que vai na cabeça deste homem”, pensei.

Chaungo, seu marimbondo de ferrão partido! Cuida-te, que aí vamos nós!, ouviu-se gritar o comandante, como se tivesse a certeza que o soba o escutava. Depois, pediu-me que gritasse, na língua do inimigo, o que ele dissera em português. Disse-lhe que não seria fácil fazer a tradução. Mas Chaungo já estava longe e não respondeu às provocações.

Entretanto, os contactos iniciados nos finais de Dezembro com Tchóia, um velho inimigo de Chaungo, acabaram por dar bons resultados, sobretudo, quando aquele aliado de Pedro Chaves, começou a ver mais determinação e força da parte dos soldados. Não demorou Tchóia a reunir os sekulos que lhe eram fiéis e determinar que se enviassem guerreiros seus para atacarem pela retaguarda os seguidores de Chaungo.

Temos que mandar os nossos guerreiros para estarem lá, no momento da grande vitória. Os brancos e os seus manhéus não são suficientemente bons para derrotarem sozinhos os guerreiros de Chaungo.

Mal soube da devastação na Cafuntuca, Tchóia preparou-se para avançar e tomar assento na ombala do Humbe, o que fez, poucos dias depois. Aos sekulos que não se tinham revelado suficientemente fiéis, ou aos que não tinham conseguido fugir bem para longe, que é como quem diz, para lá da sua área tribal, onde as garras de Tchóia não chegavam, simplesmente lhes mandou cortar as cabeças, que logo foram espetadas em paus, junto aos seus eumbos, para exemplo. Quanto aos guerreiros de Chaungo, foram mortos para cima de quinhentos e dos que sobraram, feridos e estonteados, uns foram presos e enviados para os trabalhos forçados nas áreas de intervenção das fortalezas-presídios, outros foram destinados a alimentar o curral de escravos do novo soba do Humbe.

Por seu lado, Pedro Chaves não cabia em si de contente. Ufano e de botas a brilhar de polimento, dizia a toda a gente que, finalmente dera uma lição aos marimbondos do Humbe. E preparou tudo para que a vitória, a sua vitória sobre Chaungo, fosse festejada de forma a ficar na memória de toda aquela gente, gentios e moradores.

Na clareira onde se festejaria a vitória esperavam por ele. Alisou a farda com as pontas dos dedos, verificou mais uma vez se as suas botas estavam luzidias e dirigiu-se para o local dos festejos. O palanquim estava pronto para ele discursar. Depois de muito palavrório, o comandante terminou exaltado, repetindo que estava disposto a “ir até ao inferno” para prender Chaungo.

José Lopes e eu entreolhámo-nos e sorrimos. Sabíamos que eram só palavras de circunstância, exaltação do momento.

O que ele quer mesmo é ir p’ra casa, descansar, tratar dos seus negócios, terminar os trabalhos da sua fazenda..., sussurrou José Lopes.

E amansar a fera que tem lá... que deve estar furiosa de tanto esperar, retorqui baixinho.

Se calhar, bem mais difícil de vergar que o Chaungo!, completou Lopes, piscando-me o olho de malandrice.

Mas Chaungo continuou livre e Pedro Chaves, passada a exaltação daquele momento, depressa se esqueceu do velho inimigo. Quando, em Maio, a coluna regressou ao planalto, foi recebida com salvas dos canhões da fortaleza da Huíla. O chefe do concelho chegou com uma aura de prestígio pela pacificação do Humbe, um valioso despojo de guerra de mais de quinhentas cabeças de gado e uma multidão de prisioneiros. À maneira dos antigos imperadores romanos, quando regressavam a Roma vitoriosos das suas campanhas militares entre os bárbaros, Pedro Augusto Chaves, ele também um “augusto” chefe, organizou uma marcha triunfal que percorreu a principal e única rua da povoação da Huíla. Montado na sua bela égua branca, de uniforme de oficial de 2ª linha e a grã-cruz da ordem da Torre e Espada a ornamentar-lhe o peito, não escondia o seu orgulho, abrindo o cortejo da

vitória. Um pouco atrás iam o representante de Tchóia, o novo soba do Humbe, acompanhado por José Lopes, por mim e pelo seu cunhado e chefe do concelho do Bumbo, Alemão Coimbra. Os prestigiados caçadores, Albino Vidigal e António Carlos Maria, empunhando as suas armas, seguiam em frente do terço de soldados de 2ª linha. Depois o pelotão de tropa auxiliar sob o comando de Orlog, que se distinguia pela sua estatura e pela forma como se dirigia aos seus guerreiros muchimbas e mucuancalas, num cântico antigo e ininteligível. Os guerreiros de Orlog empunhavam espingardas, usavam tangas pregueadas de zuarte e calçavam alpercatas de pele de antílope, ostentando nas altivas cabeças penas negras de avestruz e nas cinturas exibindo cartucheiras, porrinhos e mutungas. O impressionante grupo de atiradores bóers da Humpata, montados a cavalo, de largos chapéus na cabeça, cartucheiras cruzadas no peito e espingardas na mão direita antecipava o grupo de colonos que participara na campanha e que, agora com ar festivo, avançavam como se estivessem a dançar o bailinho da Madeira.

A encerrar a triunfal marcha, encontravam-se os despojos de guerra, dos quais sobressaíam algumas dezenas de cabeças de gado das mais de quinhentas trazidas do Humbe, e um grupo de prisioneiros que se apresentavam com grossas correias nas canelas.

O som das cornetas, das caixas, tambores, puítas e ngomas que acompanhavam os cânticos de guerra dos muchimbas e mucuancalas, para além dos tiros que os bóers de quando em quando disparavam para o ar, fizeram da povoação da Huíla a mais animada do planalto, naquele dia. Centenas de pessoas acorreram de todos os lados, da povoação e das libatas e eumbos limítrofes, para assistirem à marcha triunfal do capitão Pedro Augusto Chaves.

Capítulo X

“Dumba-iá-Cuilo, o chefe do bando, estava ausente, e por isso não foi poupado pelos companheiros, que sobre ele descarregaram todo o seu azedume. [...] Mas se o *Leão do Cuilo* aparecesse de súbito, como aqueles homens se sentiriam confundidos e desviariam o seu olhar dos olhos duros e do riso sarcástico do seu chefe, porque todos o temiam mais que às próprias feras”

(Castro Soromenho – *A voz da estepe*)

Tom levanta-se cedo nesse dia frio de Agosto, esfrega com força as pernas, o peito e os braços com uma mistura de leite rançoso e seiva viscosa do aloé. Pega na pele de chita que usa em ocasiões especiais, agita-a no ar para lhe tirar a poeira e coloca-a sobre os ombros. Depois segura o seu escudo de madeira rija, em forma de duas meias luas como só os escudos tswanas são, levanta o machado de guerra e dirige-se aos seus guerreiros, fazendo arrastar a pele no chão frio da geada que caíra durante a noite.

À medida que Tom avança, a pele ao arrastar provoca um barulho semelhante ao das pedras ao rolarem umas sobre as outras, como acontece quando os rios transbordam com as tempestades e, em enxurrada, revolvem os seixos que lhes cobrem o leito. Talvez atraídos por esse som e pelo cheiro que aquela pele mal curtida deixava no ar, via-se no

seu rasto uma falange de lacraus de pinças abertas e vorazes, como se fossem os guarda-costas, a guarda pretoriana do chefe. Era por isso que todos, mesmo os homens mais próximos do poderoso guerreiro tswana, nunca se aproximavam demasiado quando este usava a pele de chita, fossem eles himbas, bastardos ou cuancalas; ficavam a uns metros de distância, subservientes, medrosos, atemorizados.

Nenhum deles, a não ser seu filho Vita, ou Orlog, como lhe chamam os bóers, por ele próprio representar a essência da guerra, se podia gabar de não ter medo daquele homem que era guardado por escorpiões e tinha uma índole volúvel e extremamente cruel. Dizia-se que a picada daqueles lacraus causava uma dor violentíssima, sobrevivendo uma morte certa e dramática. Murmurava-se que o tswana se transformava no maior daqueles escorpiões... quando a noite chegava e a lua ficava amarrada nas montanhas do dragão.

Mas nem a fama de Tom e de Orlog, nem a geada que caíra forte durante a noite e a madrugada, tinham feito deter os hotentotes na sua vontade de se apossarem de todo o gado que encontrassem. Sabia-se que tinham avançado como vissonde até às povoações novas das terras altas, invadido algumas sob o olhar atemorizado dos seus moradores. Quando recuaram, levaram todo o o gado que puderam.

Os meus bois, onde está os meus bois?!, grita Tom, enquanto brande o machado e faz arrastar a pele de chita que atrai os lacraus. A sua cólera está ao rubro, como uma folha de zagaia acabada de sair da forja, enquanto os lacraus, cada vez mais excitados, percutem as suas pinças e levantam a cauda de pontas aguçadas e venenosas. Manda que lhe tragam um escravo hotentote, pois precisa de acalmar-se

um pouco com a única substância que lhe traz tal conforto, o sangue, quente e de cheiro inebriante.

Mal o desgraçado é colocado no seu caminho, o tswana simula um golpe com o machado e vianga-lhe uma rasteira com a perna esquerda, pois a direita não pode contar. Dois anos antes uma zagaia traiçoeira tinha-lhe perfurado a coxa e cortado alguns tendões importantes.

O escravo, de olhos desorbitados pelo terror, tenta afastar-se, mas é picado pelos lacraus. Urra de dor e, ao tentar abaixar-se para afastar os bichos, é detido por Tom que, num golpe, o faz cair no chão a esvaír-se em sangue, com o peito aberto por um golpe de machado. Em segundos, o corpo do escravo fica coberto por um verdadeiro enxame de escorpiões. Tom dá uma gargalhada raivosa, passa a pele de chita por cima do sangue derramado pelo escravo e segue a sua marcha. Os escorpiões seguem-no.

Perseguir os ladrões do seu gado era agora o objectivo principal. Os capianguistas de boi tinham passado por ali, rastejando como serpentes, por isso tinha que ir pelo capim ralo das chanas secas, farejando o ar como os felinos, para os apanhar desprevenidos. Ter sido roubado pelo bando de hotentotes que ele próprio um dia chefiara, era uma terrível provocação. Não haveria clemência.

Tom acredita que a culpa é sempre dos fracos, cuja fraqueza empresta força ao inimigo. E desta vez a fraqueza tinha vindo do chefe dos brancos da Humpata, pois tinha tremido perante o inimigo como o capim açoitado pelo vento. E o inimigo é hábil em aproveitar-se do medo que gera nos outros. Os ladrões tinham entrado na povoação, nos sambos, e roubado os bois que quiseram, sem que nada fosse feito para os impedir, para os deter. Tinha sido essa fraca atitude de quem era roubado que fizera inchar a audácia dos assaltantes.

Ah!, como eu conheço tão bem esses filhos das terras secas..., murmura Tom. E foi por isso que pensaram que eu, seu antigo chefe, também estava enfraquecido. Eu, Tom, o tswana, enfraquecido?! Vou-lhes provar o contrário e fazer com que se arrependam de terem vindo até aos Gambos para roubar as minhas preciosas manadas. E levanta a cabeça, abrindo as narinas para captar algum cheiro que os assaltantes tivessem deixado no ar. Dá passos para a frente e para trás, enquanto vai brandindo o machado, como se já tivesse o inimigo pela frente.

Vita! Vita!, chama ele pelo filho. Esses ladrões vão a caminho do Chiange, do Pocolo e da Oncócuca. Não irão longe sem água para dar ao gado. É preciso andar mais depressa.

A seca na semi-árida região dos Gambos começava a tornar-se insuportável, com as culturas de massango e massambala perdidas, as chimpacas secas de sua preciosa água. Tom e Orlog vão em perseguição dos hotentotes rapinadores de gado e o tempo fecha-se sobre eles numa escuridão estranha, estranha porque ainda se estava em pleno dia e não havia nuvens no céu.

Capítulo XI

“A claridade fica para lá... / onde o amanhecer acorda o arco-íris / às pinceladas / gotejando / brisas de orvalho / onde os anos beberam / a cor mármore / da minha casa [...].”

(Graça Arrimar – “Chibia” [poema]. *Janelas de orvalho.*)

Quando a sua nova casa, já quase pronta, começou a precisar de mais tempo de atenção, Pedro Chaves abandonou definitivamente a povoação da Huíla e foi instalar-se na sua Fazenda Amélia, na Chibia. Aqui a residir, seria mais fácil não só adiantar os trabalhos de conclusão de sua casa, como poderia actuar melhor no desenvolvimento da nova povoação. E, quem sabe se isso não conduziria a que a sede do concelho fosse transferida da decadente e sonolenta povoação da Huíla, garantindo assim a manutenção da chefia na sua pessoa. Enquanto tal não acontecesse, faria tudo para conseguir a nomeação de seu cunhado, José Alemão Coimbra, garantindo a permanência do cargo na família. Mas foi por pouco tempo, pois Coimbra rapidamente se deixara influenciar pela nova vida de seu cunhado, pela beleza da fazenda e pela comodidade que a residência apalaçada lhe proporcionaria.

José, percorri as melhores terras da Chibia e encontrei umas que, na certa, o satisfarão. São férteis, bem localizadas e de fácil acesso ao rio.

Ah, mas isso é óptimo! Estou com uma grande vontade de vir para a Chibia. O Bumbo e a Huíla já deram o que tinham a dar. Quero erguer, também, uma fazenda como a sua, meu cunhado.

Pedro Chaves soltou uma gargalhada de satisfação e, dando uma forte palmada nas costas de José, disse-lhe que faria tudo para o ter como seu vizinho. Os sonhos oligárquicos dos Chaves/Coimbra estavam a concretizar-se e um sentimento de orgulho era notório na forma como os dois cunhados se entendiam, tanto na paz – construindo casas, desbravando matos e arroteando terras, edificando engenhos de açúcar e alambiques da aguardente, como na guerra – envolvendo-se em ataques aos sobas mais ameaçadores...ou menos submissos.

Estive na zona do Chinquerere, muito perto da minha fazenda, e acho que o meu cunhado poderá ficar com as melhores terras daquele local. Venha o mais depressa que lhe for possível, pois olhe que esta região está a ser um chamariz para muita gente...

Só que os habitantes nhanecas não acharam graça nenhuma àquele espreitar das suas terras e às perguntas daquele homem da égua branca que tinha construído uma grande fazenda na margem do rio. Começaram a achar que a formiga-branca e a formiga-preta sua aliada estavam a ser muito atrevidas, e que atrás de um carreiro vinha outro, e outro e ainda outro.

Já todos sabiam o que tinha acontecido ao soba léla k'Ehinga do Lubango, cuja saída da sua terra ancestral tivera a ver com a chegada do mesmo salalé que agora esvoaçava pelas margens do rio Tchimpumpunhime. E antes que eles também tivessem que abandonar as suas terras, resolveram encher os ares com a cúa, o grito de guerra, e

dançar o *cuhéla* perto das casas dos moradores e colonos, para que estes percebessem o que teriam que enfrentar se continuassem a avançar pelos seus domínios.

O efeito foi diferente do que contavam, o medo dos recém-chegados foi transformado em força e, não passou muito tempo que o chefe do concelho da *Huíla* e o seu parente morador da *Chibia*, com soldados que aquele trouxera da povoação das margens do rio *Lupolo*, mais alguns atiradores bóers da *Humpata* e os *manhéus* seus aliados, chefiados pelo terrível *Vita*, atacassem *Catumba*, *Mupaca*, *Matunda*, *Chaungo*, *Lufinda*, *Banda*, *Mucalate*, *Cachana*, *Chinquerere* e *Mucuma*. Sobretudo estas duas últimas regiões foram objecto de minuciosa passagem da *razia*, não fossem ficar por ali alguns *marimbondos* mal-intencionados, escondidos entre os arvoredos que um dia iria dar sombra à casa que *Alemão Coimbra* sonhava construir no *Chinquerere*.

E foi assim que a *cúa* se silenciou por muito tempo e o *cuhéla* deixou de ser dançado perto das casas da nova povoação.

*

*

*

Limpas da ameaça dos sobas locais e da mataria mais densa, afastadas as feras e os guerreiros mais atrevidos, as terras do *Chinquerere*, localizadas nas férteis margens do rio *Nene*, precisavam agora de ser registadas em nome do seu mais recente e importante morador. Só assim poderia, de acordo com as novas leis, construir a casa grande de sua

fazenda e as sanzalas dos seus quimbares, assim como dar início ao arroteamento das terras que iriam produzir trigo, centeio, cevada, milho, batata, cará, mandioca e, sobretudo, cana sacarina.

Não levaria muito tempo a chegar o prémio de tanta actividade. Nesse mesmo ano de 1890, o governador do distrito, Leitão Xavier, transfere para a Chibia a sede do concelho da Huíla e Alemão Coimbra é nomeado seu chefe, deslocando-se de escopetas e imbambas para a sua nova terra. Aqui, com o apoio incondicional de seu cunhado, inicia os trabalhos de arroteamento dos 300 hectares da sua sonhada fazenda, situada apenas a um quilómetro da Fazenda Amélia e a dez da povoação de São Pedro da Chibia, a que deu o nome de Emília, em homenagem a sua segunda mulher, Emília Adelaide, por quem se encontrava vivamente apaixonado.

Chaves, antevendo forte ciumeira da parte de dona Guilhermina, sua mulher, que não lhe perdoaria, agora mais do que nunca, não ter sido homenageada como o fora a mulher de seu irmão, bem pediu a seu cunhado que desse outro nome à fazenda, mas em vão. A paixão de José por sua mais recente esposa era de tal ordem que não lhe permitiu antever a importância que o assunto tinha para o seu cunhado. E, pela primeira vez, abriu-se uma brecha na sólida amizade entre os dois.

Logo após a inauguração da fazenda Emília, cujo nome Pedro Chaves conseguira esconder da mulher até quase ao final da festa, os dois cunhados desentenderam-se e as relações permaneceram tensas durante algum tempo.

Capítulo XII

“... estava presente um velho, era um mais-velho muito velho mesmo, que tinha estado em Angola na sua juventude [...], acolhido por himbas do seu clã, o do sol, parente do da chuva, desses que atravessaram o Kunene a fugir dos hotentotes durante as duas últimas décadas dos anos de oitocentos Tinha conhecido em pessoa, dizia ele, esse Orlog de lendária memória...”

(Ruy Duarte de Carvalho – *As paisagens propícias*)

Só Orlog regressou aos Gambos. Seu pai internara-se na Damaralândia e por lá ficou, remoendo a desfeita praticada pelos hotentotes. Se conseguiu ou não recuperar o seu gado, nunca se soube, nem disso mais se falou.

Nos Gambos, Orlog sente-se bem. É uma terra ainda resguardada, onde pode estar à vontade, sem receio que o incomodem. É então que lhe chega um pedido, uma mensagem a solicitar os seus serviços, enviada pelo capitão Luna, um importante soldado que há algum tempo tentava escorraçar Luhuna, o soba do Humbe. Vinha mesmo no tempo certo aquele pedido, pois já estava a precisar de

Damaralândia – *lit.* “terra de negros”. “Dama” quer dizer negro na língua hotentote. E a Damaralândia designava a terra habitada pelos Herero, povo banto que ocupa o sul de Angola e o norte e centro da Namíbia. (H.)

algum exercício, de mais acção... e os seus sambos de mais bois. Um pedido de apoio numa guerra fosse qual fosse, era sempre um sinal de mais riqueza, de mais gado nos seus currais.

Pelo seu lado, o capitão Luna andava desatinado com a situação, confrangido consigo mesmo, triste com os outros, depressivo quase, pois, por mais esforços feitos, não conseguira dar cabo de Luhuna, como se o soba do Humbe tivesse algum pacto com o demónio e este o protegesse contra tudo e todos. E fora a pensar no demónio (confidenciou ele um dia) que se lembrara de Orlog. Contra o demónio de Luhuna ele lançaria um demónio maior. E acreditava piamente que o belzebu do soba não teria qualquer hipótese contra Orlog. E se assim pensou, melhor agiu. Não perdeu tempo a enviar um mensageiro aos Gambos a solicitar-lhe os serviços dos seus ferozes e eficazes guerreiros. Pagaria bem por isso, fez questão de deixar claro.

Para Orlog era natural oferecer os seus préstimos a quem pagasse mais. E a formiga-branca costumava pagar bem. Assim acontecera no passado com seu pai e depois com ele próprio. Desde que fossem pagos com gado, combatiam qualquer inimigo. E a sua fome de gado não parava nunca de crescer.

Já para o capitão Luna, apesar de ser claro que os serviços de Orlog e dos seus guerreiros mucuancalas e muchimbas eram condição *sine qua non* para vencer a resistência e o ímpeto de Luhuna, não se sentia muito tranquilo com aquela “aliança espúria”. De cada vez que se mancomunava com o chefe “daquela horda de malfeitores, daquela alcateia de mabecos”, como ele próprio os definia, sentia-se um tanto derrotado, preso de uma fragilidade que o fazia ficar azedo com ele próprio. Para além disso, Orlog não aceitava menos

de metade do saque, maioritariamente compreendido pelo gado dos muhumbes derrotados. Era um serviço muito bem pago, lá isso era. Talvez até bem pago demais. Mas o que fazer? Só lhe restava o apoio daqueles guerreiros estranhos para vencer Luhuna, o maior dos seus inimigos.

Toda a gente da fortaleza se sentia incomodada com a indisposição e a raiva do capitão, ouvindo-o roncar, dia e noite, o nome do soba, como se o nome, ao ser pronunciado assim, ficasse carregado de uma maldição qualquer e o seu portador cada vez mais fraco. Luna era capaz de tudo, até mesmo fazer acordo com o diabo, só para destruir Luhuna. E não era preciso dizer mais nada, adjectivar-lhe o nome, completá-lo com uma frase. Era um nome que não precisava de mais complemento nenhum. Valia por si só.

Mesmo nos nomes próprios, a semelhança era aparente. Luna e Luhuna eram nomes foneticamente muito parecidos, mas este último carregava um hu que fazia a grande diferença. O expirado hu do nome do soba do Humbe transmitia força, a força do respirar do leão e... a infelicidade aos seus adversários, os que a medo gaguejavam o seu nome: Lu-huna. E huna é o verbo que, na língua do Humbe, quer dizer infelicidade, mau presságio. Já Luna não é, seguramente, um nome de guerreiro, mas nome de lua e de luar, do astro nocturno dos poetas e dos cantores, o que não aquece, apenas vagamente ilumina as noites mais escuras.

No rescaldo de duas tentativas goradas de vencer o inimigo de Tchóia, o soba que os portugueses haviam ajudado a ocupar a ombala grande do Humbe, o capitão Luna era assaltado amiúde por uma incómoda lembrança. A de que, não havia muito tempo, “um mero oficial de segunda linha” tinha tido a “sorte” de se desembaraçar depressa e bem do feroz Chaungo, este também um soba do Humbe.

Um mero oficial de segunda linha!, murmurava de quando em quando, indispondo-se ainda mais, ele que era um capitão a preceito, genuíno, de primeiríssima linha. Se Pedro Chaves tinha conseguido bater os guerreiros muhumbes de Chaungo, como é que ele não os conseguia submeter agora? Sob a chefia de Luhuna hostilizavam-no abertamente, entoavam a cúa nas cercanias da fortaleza e até tinham o topete de brandir as suas zagaias à vista das sentinelas.

O destino quiz pôr frente a frente dois chefes de guerra tão diferentes, na estatura, na cor da pele, nos objectivos, enfim!, em tudo. Luhuna era um pretendente ao sobado do Humbe, inimigo de Tchóia, a quem Luna, o capitão português protegia. Só que, quando foi necessário fazer chover, a chuva não caiu, o capim não cresceu e os bois morreram. Não era isso que se esperava dum soba muhumbe... a não ser que fosse um falso soba, não reconhecido pelos manes protectores, não aceite pelos espíritos dos antepassados.

Os antepassados dos muhumbes davam sinal de que Tchóia não tinha merecimento para residir na ombala e, nas chanas e nos sambos, milhares de pastores aguardavam pelo som dos trovões que anunciavam a chuva, pelo brilho dos relâmpagos que iluminavam os carreiros por onde ela iria passar. Mas, nada! Nem trovões, nem relâmpagos. O silêncio era total, a seca mortal... enquanto Luhuna se gabava de fazer chover quando e onde quisesse... só precisando de ser soba para provar isso.

Luhuna começou a perceber que não podia perder mais tempo e, avançando das matas de munthiáti, dos terrenos de mopane, atacou. Acometeu a ombala onde Tchóia se encontrava, resguardado pelos homens do capitão Luna, e trespassou com as suas zagaias mais longas e afiadas o peito de seis soldados e de quatro auxiliares muchimbas,

deixando o sangue deles avermelhar a terra daquele lugar. Tchóia, o falso soba, ainda teve tempo de fugir com a mutchila entre as pernas e refugiar-se por trás dos morros do salalé. Ele e sua família escaparam por um triz e a tremer de pavor, só parando no refúgio da fortaleza.

O inimigo de Tchóia tinha a bravura que os tempos exigiam a um soba do grande Humbe. Um relâmpago estalou no céu sem nuvens, um trovão ribombou no ar parado desse dia. O que se ouviu como eco pelos montes foi um nome:

Luhuna!Luhuna!Luhuna!

Mutchila, Omutyila – *cauda* (N.)

Capítulo XIII

“Um dia as abelhas chegaram, primeiro umas, depois as restantes, mais tarde a filharada toda. A kota então [...] sorria na janela de pó, sorriso antigo, limpo. A kota, olho e sheltox à espera, desentrin-cheirou veloz, na visão certa [...] viu a principal abelha [...] em voo distraído, a kota metralhou meia lata de sheltox [...] todas abelhas operárias e demais ao redor da kota”

(Ondjaki – *Quantas madrugadas tem a noite*)

A nuvem era carregada, com tonalidades que iam do verde-escuro ao azul-petróleo e, conforme mudava de direcção ia de uma cor para a outra. À medida que se aproximava, o ruído que fazia nada tinha a ver com o ruído da chuva, antes parecia o triturar de ramos secos entre as rodas dentadas dos engenhos de moer cana, um trrrrrr-trrrrrr medonho que ia tomando conta de todos os silêncios.

Pedro Chaves, naquele dia, não quisera almoçar o habitual e contentara-se com um prato de leite-azedo, levemente aquecido, no qual mergulhara uns pedaços de pirão cozinhado com farinha de milho novo. Estava verdadeiramente desgastado com a seca que se fazia sentir nesse ano. Não chovera nem uma pinga, o ar estava seco a ponto dos lábios rebentarem e a pele da cara e das mãos racharem com o cieiro. Até o rio, ali tão perto de suas terras, era só

um fiozinho de água que de nada servia. Mandara os seus quimbares abrir cacimbas fundas e construir canais que trouxessem a pouca água que o Tchimpumpunhime levava. Mas tudo era em vão e a produção agrícola do último ano encontrava-se ameaçada, o gado mostrava sinais de enfraquecimento e já sem capim fresco para ruminar. Aquele ano de 1891 começara mal e nada fazia crer que a situação mudasse para melhor.

Eu sempre disse que deixassem Luhuna entrar na ombala do Humbe para provar a todos, inclusive a nós, o seu poder de fazer cair a chuva, resmungou para si próprio Pedro Chaves. Mas não me ouviram, envenenados pela malquerença que o capitão Luna não escondia ter por mim.

Chaves sabia que quase todos os oficiais de carreira, que vinham do Reino, em comissão de serviço, sentiam-se superiores aos oficiais de segunda linha, como ele. E o capitão Lunático, como por vezes o apelidava, seria um desses. Até o ouvira dizer entre dentes que desconfiava do discreto apoio de alguns moradores ao pretendente do sobado do Humbe. Tudo lhe servia para mostrar essa animosidade contra os moradores mais importantes, sobretudo aqueles que eram distinguidos com o oficialato de segunda linha.

Não fôssemos nós e duvido que esses Lunas, Lunáticos e Lunetas andassem por aqui a encher o peito de basófiás. Afinal, nós, os de segunda, é que vamos abrindo os caminhos que, depois, os de primeira trilham, com mais segurança. Terminada a comissão vão-se embora e quem fica cá a manter a calma e os avanços no terreno? Quem?, não se cansava Pedro Chaves de resmungar, enquanto andava, nervoso, de um lado para o outro.

Mas pior do que as quezílias entre oficiais de primeira e segunda linha, era mesmo a falta de chuva. Para a vencer e

a trazer prisioneira até cá a baixo, não havia exército capaz. E Chaves sentia que, aos poucos, começava a ceder ao acreditar no que os apoiantes de Luhuna propalavam, sobre os seus poderes de controlar as lágrimas do céu. E a verdade é que a chuva não caía enquanto ele era perseguido.

Na sua cabeça ecoava cada vez mais esta dúvida... que aos poucos se transformava em constatação. E há medida que as suspeitas pareciam confirmar-se, também a voz aflautada do capitão Luna se tornava mais audível, afirmando que esmagaria Luhuna como ele o fizera com Chaungo. Como se se pudesse comparar os dois casos, os dois homens, ou melhor, os quatro homens, Chaungo e Chaves, Luhuna e Luna.

Foi então que se apercebeu que também o seu nome soava como o do seu inimigo. Ambos chiavam a mesma sonoridade quando começavam a ser pronunciados, Chaves e Chaungo. Dir-se-ia que o destino se comprazia em amarrar nos mesmos cenários os homens que tinham semelhanças na sonoridade do nome.

Até nisto Pedro Chaves começava a ver o dedo misterioso do soba. Abanou a cabeça com brusquidão para ver se se libertava daqueles pensamentos. Mas quando abriu os olhos e os deixou saltitar sobre a segura dos campos, percebeu que não podia escamotear a verdade. E a verdade, nua e crua, era aquela estarrecedora falta de chuva.

A chuva era o mais precioso e necessário dos elementos e a falta dela agigantava a figura de Luhuna, de quem, dizia-se, ela precisava de apoio para se soltar das amarras do céu.

Cansado e apreensivo, Pedro Chaves retirou-se para o sossego do quarto que viria a ser a biblioteca e dispôs-se a abrir um pacote que lhe havia sido enviado de Lisboa.

Quando o abriu, leu o que estava na capa do primeiro de dois volumes: *De Angola à Contra-Costa – Descrição de uma viagem através do Continente Africano* por H. Capello e R. Ivens, officiaes da Armada Real Portuguesa, Lisboa, 1886. Encheu-se de curiosidade, até porque queria ver o que os autores haviam deixado escrito sobre si e a hospitalidade que lhes proporcionara.

Dispunha-se já a abrir o livro quando uma gritaria começou a chegar, cada vez mais forte, do exterior de sua residência. Ouviu uns passos, que logo identificou como sendo os de sua mulher, e de seguida entrou de rompante dona Guilhermina.

Os fa-fa-ganhotos! Os fafa-fagafa-fa-gafanhotos tão aí!!

Pedro Chaves, não entendeu patavina. Por momentos até achou que sua mulher lhe falava na língua dos marimbondos do Chaungo e de Luhuna.

O quê? Os fafa quê? Mas que diabo vem a ser isso, Guilhermina?

Sua mulher, excitadíssima, com a papada a tremelicar como nunca e já sem tropeçar nas palavras, lá se explicou.

Ga-ga-fa-fanhotos, aos milhares! Uma nuvem de ga-fa-fanhotos está chegando.

Mal ouviu “nuvem de gafanhotos”, Pedro Chaves correu para a varanda, quase atropelando o seu filho Carlos Augusto, com dois anos apenas, que corricava por ali. A criança, aturdida, lançou-se num choro desatado, fazendo com que a sua mãe, aos berros, chamasse a mucama. Esta, atarantada, chegou a correr e quase embatia em dona Guilhermina que foi ficando cada vez mais nervosa e gaga.

Do sul, vinha uma nuvem imensa que escurecia tudo. E o som, esse então deixava em franja os nervos de qualquer mortal. Rapidamente Pedro Chaves deu instruções ao chefe

do pessoal que, entretanto, chegara, para que fosse alertar os quimbares para a dura batalha que se preparava. Como que a dar o exemplo, foi para dentro e pegou na sua arma.

Mas... senhor! Vai combater os gafanhotos com essa arma?, incrédulo e hesitante, o chefe do pessoal olhava para o patrão, sem saber muito bem que tipo de instruções iria dar aos quimbares.

Vá lá depressa, homem! A espingarda é só para dar uns tiros para o ar para alertar o pessoal.

Ah!, exclamou descansado, enquanto se apressava a sair.

Dali a pouco ouviram-se alguns tiros e os quimbares e serviçais apressaram-se a chegar ao terreiro da fazenda. Informados do que aí vinha, logo se armaram de tudo o que achavam que podia ser arma eficaz contra os gafanhotos, panos, galgalhos, chicotes, vergastas, tudo o que desse para afugentar, apanhar, esborrachar os malditos insectos. Mas o rasto daquela nuvem predadora era de desolação. Nada ficava inteiro à sua passagem, folha, erva, capim, ramo e flor, tudo era trincado, cortado, mastigado, deglutido até não sobrar nada.

Parece que estamos a sofrer as pragas do Egipto, disse dona Guilhermina, ao mesmo tempo que se benzia. De seguida, olhando de baixo para cima, muito lentamente, perguntou o que viria a seguir.

Ó mulher, vire essa boca para outro lado, que o diabo ainda a ouve!

Pedro Chaves não estava com paciência nenhuma para aturar os disparates de sua mulher e, ela, desta vez, foi lesta em compreender que a situação não a favorecia e calou-se.

*

*

*

Quando algum tempo depois o calor se dissipou e o tempo do cacimbo começou a impor-se com um frio nunca sentido, dona Guilhermina não perdeu pela demora e anunciou que uma nova praga os espreitava e que, se não era das do Egipto, devia ser das dos Polos. Quando o mês de Junho chegou, o frio foi de rachar, baixando até graus negativos durante a noite. A geada que cobria de branco as manhãs das terras altas era bela de se ver, mas terrível nos resultados. Tudo o que sobrara da canícula, da seca e da praga dos gafanhotos ficara queimado agora. O mesmo acontecera na fazenda Amélia de Pedro Chaves e na fazenda Emília de José Alemão Coimbra.

Curiosamente parecia que a nuvem lhes tinha sido destinada naquele ano, pois os restantes agricultores quase não tinham sido molestados pela praga voadora. Os gafanhotos pareciam saber que era naquelas duas propriedades que encontrariam mais alimento, pelo menos mais viçoso e verde. Claro que dona Guilhermina atribuiu logo essa fatalidade ao “desentendimento entre cunhados”. Deus havia castigado a zanga sem sentido que, desde a inauguração da fazenda de José, se levantara entre os dois, dantes tão unidos. E a única coisa boa que resultou da praga de gafanhotos foi o reatar das boas relações entre eles, para felicidade dela e de todos os outros, por deixarem de ouvir a repetidíssima tese de que os gafanhotos tinham sido um severo castigo divino.

Felizmente para os agricultores da região, o clima voltou à normalidade, a chuva veio em tempo certo e na quantidade desejada e as plantações voltaram a ganhar cor. A

fazenda Amélia pôde recuperar depressa e continuar os trabalhos para poder ser “devidamente inaugurada”, como dizia dona Guilhermina. Já seu marido não esperaria tanto, mas não se atrevia a contrariá-la. Com quase duas centenas de serviçais, espalhados pelos terrenos de cultivo e dedicados à criação de gado, a fazenda Amélia prosperava e o seu dono era visto a percorrê-la atentamente, montado na sua égua branca. O mesmo acontecia à fazenda Emília que, não sendo tão rica e grande como a sua congénere, era uma bela fazenda, com cerca de cento e vinte serviçais a trabalhar nas terras que produziam trigo, milho, cevada, batata, cará, legumes e fruta.

Há oito anos a residir na sua propriedade da Chibia, Pedro Chaves apenas espera que o resto da casa grande, o engenho e a destilação de aguardente fiquem prontos para marcar a data da sua inauguração. E mesmo ao lado das duas maiores e mais rentáveis propriedades agrícolas, a povoação de São Pedro da Chibia progride como nenhuma outra do planalto da Huíla. A sua população cresce a olhos vistos com a chegada de mais colonos da ilha da Madeira, a que se somaria gente oriunda da povoação da Huíla e de Serra Abaixo, de Capangombe, Munhino e Bibala, atraída pelo imparável surto de desenvolvimento. Depressa a povoação passa a contar com quase quinhentas casas e uma população de mais de mil habitantes.

Capítulo XIV

“- A morte é simples, aqui a morte é simples...

- não é, Afonso? O que é simples são as maneiras de morrer, *ochifiso*, a forma de morrer, e o que há, é que, na nossa Terra, a morte se tornou banal e, mais vulgar ainda se tornou a morte violenta, *omonde*, como diz o Velho...”

(Fernando Fonseca Santos – *Os caminhos da terra*)

O acordo que Orlog tinha firmado com o capitão Luna deu em nada. Os muhumbes de Luhuna conseguiram furtar-se a recontros que os debilitassem e os condenassem a ter que ceder as suas manadas ao inimigo. Para além disso, Luhuna conseguira fazer-se reconhecer como legítimo soba e Tchóia foi esquecido. O saque não aconteceu e Orlog ficou a aguardar por melhores dias, que é como quem diz, por mais eficazes acordos de cooperação. Só que o tempo foi passando, voando, os seus serviços não eram solicitados e os seus sambos iam ficando cada vez mais vazios. Tinha que haver uma reviravolta na situação. Se os bois não vi-nham ter com ele, ele iria ter com os bois.

Orlog cheira o ar, abrindo bem as narinas para que nada lhe escape do que está para além dos outros sentidos. Aprendera, com os grandes felinos, a ouvir e a ver através dos odores que o vento transportava. E a primeira imagem

que lhe chega é a de muitos bois, tantos que pareciam pássaros poisados no capim da savana.

Bois e mais bois a caminho dos sambos dos moradores da Humpata e da Chibia. É uma tentação! Resolve concentrar-se, como sempre faz quando se prepara para o ataque. Tira as alpercatas de pele curtida de hipopótamo e faz um volteio com elas, solicitando aos antepassados que as façam andar, correr e saltar sem qualquer ruído. Depois, pega no machado tswana de dois gumes que herdara de seu pai e corta com ele o ar de cima a baixo, primeiro virado a norte, depois a sul, de seguida de lado a lado, primeiro a nordeste e depois a sudeste. Agacha-se e apanha um pouco de terra que, de seguida lança ao vento, pronunciando umas palavras na sua língua materna. Segue-se um silêncio profundo, pesado, que só é quebrado pelo barulho de seixos a rolares uns sobre os outros.

Orlog dá uma gargalhada tão forte e cortante que faz com que os seus guerreiros sintam mais frio do que o habitual. Uma onda ameaçadora de lacraus começa a chegar. Sobre o capim ralo daquele lugar viam-se as suas pinças a abrir e a fechar. Orlog levanta o tchitáti, segura o pénis entre os dedos polegar e indicador, com os outros três faz um leque protector sobre o membro e urina sobre os lacraus que o rodeiam.

Ouve-se uma chiadeira medonha, como se aqueles bichos fossem brasas aticadas por um rio de cachaça. E a horda de muchimbas e mucuancalas de Orlog está pronta para o assalto aos sambos das povoações mais ricas do planalto.

Capítulo XV

“Fiquei só abraçado a ela, lhe acariciando os ombros, absorvendo em mim o ligeiro tremor do seu corpo, olhando as línguas se soltando da fogueira num fogozinho lento, como o nome dela.”

(Pepetela – *A sul. O sombreiro*)

Três da madrugada. Faz um frio de gretar e lobana descansa deitada sobre mim. É bom. Sabe-me bem. Aquece-me mais do que o cobertor que fora buscar, quando sentimos a pele arrepiada do frio.

Durante uma hora brinquei com a sua pele macia, com as tranças grossas dos seus cabelos, com as suas mãos de dedos finos e compridos. Durante essa hora pediu-me que lhe acariciasse os seios, lhe mordesse os lábios e me perdesse no seu sexo. Mas eu não queria ir por aí. Não me apetecia. Nas outras noites tinha sido isso o que mais fizera. Mas nesta noite e nesta madrugada só queria tê-la por cima de mim, passar as minhas mãos na pele das suas costas, prendê-las nos anéis dos seus cabelos, desentrançá-los entre os meus dedos.

De repente, eu e lobana, ouvimos um bramido lá fora. Um bramido? Podia lá ser! Os elefantes tinham desaparecido e só muito raramente uma hiena se aproximava para desossar alguma carcaça de antílope morto, mais pela seca do que por um qualquer predador.

Huilano, meu leão! Hoje não me mordeste como ontem, não senti as tuas garras nas minhas costas como anteontem, não me arrepiei com o bafo quente da tua boca sobre a minha nuca como em todos os outros dias, porquê? Mataste a fome toda de mim? A minha carne já não te atrai? O meu sangue já não é tão quente? Ouvi-a perguntar, rosnando como um onça, enquanto esfregava os seios nus sobre o meu peito.

Não!, hoje não. Hoje estou seco para o amor. Amanhã, ou depois de amanhã, talvez...

Não esperei que me voltasse a falar, a perguntar. Afastei-me, deslizei por baixo dela e saí do quarto. Uma rajada de ar frio bateu-me no rosto mal dei um passo na sala.

Estranho, iria jurar que tinha fechado as janelas.

Volto ao quarto para me vestir pois estou nu. Ao abrir a porta vejo que lobana continua deitada sobre a cama, de barriga para cima. Nela destacam-se três pontos, as tranças que como serpentes se aquietam na almofada, os seios generosos de mamilos erectos e a ilha luxuriante do púbis. Olha para mim surpreendida, pois não contava tão depressa com o meu regresso. Procuro a roupa que espalhara pelo quarto e vou-me vestindo.

lobana soergue-se e, de um salto, senta-se na borda da cama, tentando perceber se eu voltaria para ela com mais entusiasmo. Explico-lhe que alguém se havia esquecido de uma janela aberta durante a noite e que estava frio na sala. Por isso regressara de imediato, para me vestir.

Mas... para aonde vais agora, assim tão cedo?, pergunta-me com um ar entre o curioso e decepcionado.

Mais tarde te direi, se conseguir. Já vestido, abro a porta e, sem olhar para trás saio do quarto.

Lá fora a manhã começa timidamente a chegar. A grande mulemba que faz sombra e refresca a casa no tempo quente

projecta-se para além dela de uma forma pesada. Uma asa de tristeza vai esvoaçando sobre mim cada vez mais perto à medida que a manhã se torna mais clara. Abro o saco de pele de antílope que levo sempre comigo e tiro um pedaço de tabaco entrançado. Pego nele com cuidado para não se desfazer. Arranco pedacinhos que vou colocando no forninho do cachimbo, como se me preparasse para incinerar uma trança de cabelo, do cabelo de lobana. Quando chego a chama ao cachimbo oiço um grito que vem do interior de nossa casa.

Um grito? lobana?

Aquele grito vindo de casa apanha-me desprevenido, de cachimbo ainda mal aceso, a trança de tabaco caída no capim seco do chão. Um silêncio chega depois, espesso, pesado, que esmaga tudo. Cheira a escorpião e um terrível pressentimento abafa-me o peito.

*

*

*

Está um final de tarde de cores carregadas, um crepúsculo aceso como uma tocha a pintar clarões avermelhados no horizonte. Orlog escolhe um grupo mais pequeno dos seus melhores guerreiros e prepara-se para entrar na vila. Quer conhecer por dentro o morro do salalé e, ao mesmo tempo, distrair a formiga-branca enquanto os seus homens se acercam dos sambos nos arredores e levam o gado. Os seus guerreiros são altos, musculosos, com a pele avermelhada da mistura de lucula e mulela com que a cobrem todas

Lucula, Lukula – óleo de girasonde, de cor vermelha, para untar o corpo; Mulela – manteiga rançosa para untar o corpo. (N.)

as manhãs, antes do sol aparecer. Na cabeça ostentam, orgulhosos, plumas negras de avestruz; no pescoço vários fios de rodela de casca de ovo também de avestruz, dos quais pende uma unha de leão. Na cintura a cartucheira, dois porrinhos e uma mutunga, e a peça que lhes sustenta o tchincuáni e o tchitáti feitos de pele de animais ferozes. Os pés vão nus. Orlog acredita que um guerreiro não pode depender de alpercatas para progredir no terreno, pois as solas dos pés são a sua melhor protecção, não se gastam nem se perdem.

A matilha vai progredindo silenciosa até chegar às primeiras casas da vila. A partir dali entoam cânticos de guerra, acompanhados pelo ruído das lanças a baterem nos escudos e dos pés calcando o solo duro do caminho.

*

* *

Há restos de lacraus pelos caminhos que vão dar à vila. Dir-se-ia que tinham sido esmagados pelos pés da muita gente que com eles ia. Eram escorpiões como os que tinha encontrado à entrada de casa, quando corri para lá ao grito de lobana. Só que ela já não estava e achei que pudesse ter ido para a povoação, por qualquer motivo que desconhecia.

Sente-se um cheiro adocicado no ar, cheiro a sangue e a manhéu. Há cada vez mais lacraus mortos pelo caminho

Tchincuáni, Tyinkwani – *avental trazeiro, tanga*; Tchitáti, Tyitati – *avental dianteiro, tanga*. (N.)

Manhéu, Manyeu (sing.: Enyeu) – *formiga grande e negra que deixa um cheiro a carne podre. Também conhecida por formiga-cadáver*. (N.)

à medida que me aproximo da povoação. E por cada um que sinto estalar por baixo das minhas botas, há outro que me tenta alcançar as pernas com as pinças infectas. Nunca vira tantos lacraus juntos, nunca! Nem sequer nas terras de serra abaixo, ou de além Cunene, mais quentes e secas, onde eles predominam.

Algo estava para acontecer de muito grave e eu tinha que saber.

Início a entrada na povoação e só o silêncio faz ronda por ali, naquela que é a localidade com mais movimento e bulício das terras altas. A Chibia conta com mais de mil habitantes, muitas propriedades agrícolas, muitos sambos cheios de gado, o que faz dela a povoação mais progressiva do planalto, a terra mais cobiçada, sobretudo para quem vive da razia e do saque.

De cada casa por onde passo, assomam rostos aflitos. Quando chego mais ou menos a meio da rua principal, oiço um pssst!, seguido de um assobio longo e baixo. Paro, viro-me para a direita e, da porta entreaberta de uma casa, alguém me chama. Olho para todos os lados e, vendo que não há vivalma, dirijo-me à porta de onde tinha vindo o chamamento. A porta continua semiaberta e alguém me cochicha ao ouvido. Sinto uma compressão no peito.

Iobana! O que aconteceu?, perguntei.

*

* *

Nada aconteceu a Orlog depois de ter entrado na Chibia e se ter passeado pelas ruas vazias e silenciosas, enquanto

os aterrorizados habitantes se escondiam em suas casas, a maior parte deles sem terem coragem sequer para espreitar. De fora tinha-lhes chegado o som dos pés dos guerreiros a calcar com força o chão, enquanto batiam com as lanças nos escudos; de fora chegavam cânticos de guerra.

Nada aconteceu a Vita quando assaltou os sambos dos moradores da Chibia, arrebanhando o gado que quis. Fechados em casa e transidos de medo, apenas ouviram o mugir das manadas que seguiam o caminho dos Gambos, a terra onde se encontravam os sambos de Orlog.

O salalé não tem asas para voar ao nosso encalço. E o que faria a formiga-branca quando nos encontrasse, a nós que somos vissonde, a formiga guerreira?, perguntava a rir, enquanto os seus guerreiros muchimbas dançavam com os braços em arco a sugerir os cornos dos bois, e os mucuan-calas entoavam, aos cliques, canções de caça e de guerra.

Já no seu refúgio, escondido nos Gambos, quando se encontrava a descansar e a usufruir tranquilamente do rico espólio que conseguira, Orlog recebeu um emissário dos cabeças dos moradores da Huíla e do Bumbo a pedir-lhe colaboração contra os mucubais que tinham atacado a fortaleza de Capangombe e as fazendas de Serra Abaixo.

Contra os mucubais valerá a pena aliar-me ao salalé, pois o gado dessa gente é muito e o saque pode ser de grande valor, arengava para os seus guerreiros mais próximos. Para além disso, não podia deixar de aceitar o desafio que lhe fazia o homem a quem tinha entregue a égua branca de Karuapa.

Orlog levantou-se do tronco onde se encontrava sentado e mandou que servissem maongo. Ele próprio

Maongo – *cerveja de gongó, fruto do Sclerocarya Schweinfurth. (C.)*

bebeu, quase de um trago, uma cabaça da forte cerveja de gongó. Resolveu usar a pele de chita que seu pai lhe havia deixado, solicitando ao espírito do seu antepassado mais força e coragem para enfrentar todos os combates que adivinhava estarem à sua espera. A pele de chita, ao arrastar no chão, fazia rolar as pedras e levantar poeira da terra seca, mas o ruído que se ouvia era o das pinças dos lacraus a baterem umas nas outras. Esmagou um escorpião com o pé descalço. Depois, apanhou o que restava do bicho, uma mistura nojenta de carne branca e gordura amarela ensanguentada, e esfregou primeiro o peito e depois os braços.

*

*

*

Eu, meu pai e Pedro Chaves encontravamo-nos à varanda da casa grande da fazenda Amélia. Chaves quisera sentar-se ali mal lhe fora anunciado que a varanda da casa estava pronta. E naquele lugar de onde se disfrutava um panorama lindíssimo, falávamos sobre os últimos acontecimentos.

Veja só o topete de Orlog! Entrar na povoação da Chibia, assim sem mais nem menos, comentou meu pai.

Orlog é um bravo!, mas acho que se excedeu desta vez.

Também acho, disse eu.

Não deixarei de lhe fazer chegar o meu desagrado e a indicação de que os seus homens só podem aproximar-se das povoações caso estejam devidamente enquadrados como auxiliares do exército.

E devia ser solicitado sempre o acordo dos cabeças dos moradores, avançou meu pai, com algum nervosismo. Não acha?

Pedro Chaves não respondeu e fiquei sem saber se concordava ou não. Depois, virando-se para mim, perguntou:

E lobana? Está tudo bem com ela?

lobana apanhou um grande susto! Felizmente Orlog sabia – não sei como! – que ela é...

... sua companheira!, completou Chaves, com um estranho sorriso.

Pois!, limitei-me a dizer.

Pois!, repetiu meu pai.

Era cada vez mais nítida a sensação de que conhecia cada vez menos aquele homem. O poderoso morador da Chibia, dono da grande fazenda Amélia, oficial de segunda linha, não se deixava mostrar totalmente. Havia sempre um lado nebuloso, um canto de interdito acesso na sua vida. Até onde iriam as suas relações, os seus compromissos com Orlog?

Pedro Chaves estirou-se na cadeira e voltou a carregar o seu cachimbo, limitando-se a resmungar umas palavras ininteligíveis. Um pouco incomodado com o silêncio que se seguiu, meu pai comentou que os moradores da povoação ainda tremiam do susto que tinham apanhado.

Pois, pudera!, aquela gente não é para brincadeiras.

Pedro Chaves levantou-se para esticar as pernas.

E ainda por cima passearam-se pelas ruas da Chibia de armas na mão e gritos de guerra na boca, completou meu pai, levantando-se. Depois, olhou para mim de soslaio.

Mas o que mais perturbou o meu filho foi o desaparecimento de lobana.

Capítulo XVI

“Mas já os candeeiros das ruas tinham sido acesos faz tempo. As janelas dos sobrados estavam fechadas [...]. As cortinas estavam descidas, e aqui e ali apenas alguns reposteiros semi-cerrados permitiam vislumbrar a luz fraca de castiçais, acendidos à noitinha [...]. Aqueles sinais regulavam o trânsito dos amantes para picadas esburacadas ou leitos bonançosos.”

(Arnaldo Santos – *A casa velha das margens*)

Lado a lado cresciam a bom ritmo a povoação da Chibia e a fazenda Amélia. Se a povoação era o corpo, a fazenda era o coração. E quanto mais este batia e se revigorava a cada pulsação, mais aquela crescia e prosperava.

Cada vez mais tinha a certeza de que fizera bem em trocar, logo após o falecimento de meu pai, a sonolenta povoação da Huíla pela Chibia. Eu e meu filho Huilano oferecemos os nossos préstimos a Pedro Chaves em boa hora. Sabíamos que ele precisava de gente, sobretudo de homens que merecessem, à partida, alguma confiança no trabalho que executavam. E Chaves queria inaugurar a sua fazenda quanto antes. Não demorou muito que reconhecesse em mim o seu braço direito, pessoa de sua inteira confiança, esperando de mim o melhor dos desempenhos. Se isso me satisfazia? Sinceramente que, não sei bem. Uma vez julgava acreditar que sim, outras nem tanto.

*

* *

Apaixonei-me por lobana logo ao primeiro olhar, meu pai. Vê-se! Mas tem cuidado, que os Eriksons não são para brincadeiras.

Por que diz isso?

Não te esqueças que eu os conheci, principalmente o tio dela, o Karuapa, com quem privei durante a longa viagem pela Cimbebásia com o padre Duparquet. Não era flor que se cheirasse...

E isso o que tem a ver com lobana?

Sei lá! Nada e tudo...

*

* *

lobana estava sentada à sombra de um muholo, uma figueira-brava que o capião Pedro Chaves se empenhara em manter perto da casa grande. Conversavam, Lizete e ela, quando Huilano se aproximou. Um ramo seco estalou sob a sua bota. Susteve a respiração e logo viu um rosto voltar-se para ele. Sentiu no tambor do peito o bater descompassado do coração.

Lizete riu, levantou-se e deu uma volta sobre si, como se dançasse. Era uma rapariga pequena e nervosa. A estatura vinha-lhe da herança hotentote; o nervoso, dizia-se, era consequência de trabalhar para dona Guilhermina, a senhora da casa. Tinha uma cabeleira farta de caracóis apertados.

O seu apelido Swamströn denunciava sangue europeu do norte, pelo lado do pai; pelo lado da mãe, chegava-lhe o sangue profundamente misturado dos bastardos que acompanharam os bóers até à Humpata.

Lizete dirigiu-se a Huilano sob a copa do grande muholo. Depois apontou para a outra rapariga.

É a minha prima lobana, disse. De longe a longe vem aqui à fazenda visitar-me.

Foi então que lobana se levantou e se dirigiu a Huilano. Este sentiu um formigueiro nas pernas, como se tivesse parado sobre um carreiro de vissonde. Como aquela rapariga o perturbava! Era quase da sua altura, e ele não era baixo, pois media um metro e setenta e cinco. Ao contrário de Lizete, ela não tinha sangue hotentote a correr-lhe nas veias e por isso era muito mais alta e não tinha as maçãs do rosto salientes e os olhos tão rasgados.

Huilano sentiu que o seu olhar se colava aos olhos dela. Balbuciou o seu nome e ouviu pela primeira vez a sua voz, macia e absorvente.

Como é mesmo o seu nome?

Huilano. Huilano Pilarte.

Lizete, excitada com as apresentações, resolveu intervir. Ainda somos parentes, pelo lado dos nossos pais.

Lizete disse-me que também trabalha aqui na fazenda.

Sim! Trabalho...

É curioso! Já vim cá algumas vezes mas nunca o vi.

Nem eu a si. Estranho, não?

Não acho! Aconteceu apenas.

Pois é!

Mas a partir d'agora, sempre que vier cá, conto encontrá-lo.

Vissonde – formiga guerreira (N.). O mesmo que kissonde (K.)

Espero que sim.

Huilano sentia-se perturbado e isso era perceptível para quem olhava para ele. O sinal mais evidente dessa perturbação era a forma como rodava nas mãos o seu chapéu. Nunca se sentira assim, perante uma mulher ou situação que envolvesse perigo. Respirou fundo e atirou o seu chapéu para longe. Por acaso enfiou-se direitinho num tronco seco de árvore. As raparigas admiraram-se da suposta habilidade e bateram palmas. Sentiu-se muito menos tenso e, finalmente conseguiu sorrir.

Bem! Tenho que ir. O capitão aguarda por mim no sobrado.

E eu também, disse Lizete. A capitoa também espera por mim no sobrado.

Iobana deu uma gargalhada que fez levantar em debandada os catuitis que nidificavam no muholo.

Ambos têm um oficial à espera... e no mesmo sobrado!, exclamou com ironia.

Lizete riu e levantou-se do banco em que estivera sentada.

Só que o meu oficial... é bem mais difícil de aturar que o dele. E apontou para Huilano.

Acredito que sim!

E por isso vou requerer uma troca.

Uma troca?

Sim, uma troca!

Não percebo.

Eu passo a estar sob as ordens do capitão e vossemecê, meu caro Huilano, da capitoa.

Ouviu-se outra vez a gargalhada franca de Iobana e de novo os catuitis levantaram voo do muholo.

Quando passar pela lóba, não se esqueça de me ir visitar. Bastará perguntar pela casa de dona Ortrude Erikson, minha mãe. Todos nos conhecem.

*

*

*

Nesse dia fui de viagem até ao Lubango tratar de uns assuntos que se relacionavam com a inauguração da fazenda, que se contava para breve. Quando saía, sobrava trabalho para meu filho. Pedro Chaves ia transferindo para ele a confiança que tinha em mim, agora a abeirar-me dos sessenta anos.

Huilano levantou-se muito cedo, mais cedo do que o costume, para dar cumprimento aos múltiplos afazeres que tinha na fazenda. A vontade de reencontrar lobana era uma chama que o ia consumindo. Por isso quis desembaraçar-se do trabalho de forma a sobrar tempo para ir até à lóba, ao bairro mais antigo da Chibia, localizado na margem direita do rio Tchimpumpunhime. Era ali que residiam, desde um tempo anterior ao da própria fundação da Chibia, algumas famílias de variadas origens, portuguesa, bóer, bastard, sueca, holandesa e inglesa. E a família de lobana era uma dessas.

A casa que indicaram a Huilano ser a dos Erikson era de pau-a-pique, de paredes barreadas com um tipo de barro que, depois de seco, ia ganhando uma tonalidade ocre, muito bonita. Uma porta de girasonde polido e duas janelas pequenas decoravam a fachada. O tecto era de quatro abas de capim. Dos lados e atrás da casa via-se um quintal

paliçado de paus firmes e bicudos, amarrados entre si por maloi, resistentes fitas de entrecasca de árvore.

Huilano aproximou-me devagar. Um cão ladrou e ele reparou que alguém ia a sair pelo portão do quintal.

Quem será? Parece que conheço... Orlog? Estranho!

Mas seria mesmo assim tão estranho? Depois lembrou-se que eu lhe contara estórias do tempo em que Orlog trabalhava para Karuapa, quando fiz aquela viagem com o padre Duparquet pela Cimbebásia. Eram aventuras muito contadas em nossa casa e por isso meu filho Huilano depressa se lembrou que Karuapa, afinal, era tio de lobana.

Huilano deixou de prestar atenção ao homem que lhe parecera ser Orlog e afastou-se em direcção à porta principal da casa. Bateu com os nós dos dedos e aguardou. Ouviram-se passos e uma voz feminina chegou até lá fora.

Quem é?

Sou eu, Huilano.

Quem?

Huilano, filho de Paulino Pilarte! Da fazenda Amélia.

Ah! Sim. Sei quem é.

A porta abre-se devagar e aparece a dona da casa. É uma senhora mestiça, fula, quase cabrita. Desatacavam-se nela os mesmos olhos de lobana, verdes como não havia outros.

Dona Ortrude, suponho.

Sou eu mesma. Em que posso servi-lo?

Procuro lobana.

*
* *

O Bundomaímo é perto e ouve-se o marulhar das suas águas. Vão os dois até às suas margens, lobana de cabelos acobreados a reflectir o sol da tarde; Huilano preso no halo rubi que ela emanava. lobana deixa-o para trás e corre, espantando os grilos e os gafanhotos que se escondem no capim. Tem um corpo esguio e o vento desamarra-lhe os cabelos que refulgem quando o sol os beija. Continua a fugir de Huilano num jogo que o alucina, ou porque corre para ele, ou porque se afasta para um lugar que não o dos seus braços.

Porquê?, pergunta alto.

Mas não ouve nenhuma resposta. E ela continua num saltitar ligeiro, tão ligeiro que por vezes parece que voa como os catuitis do muholo onde ele a conheceu. Depressa se torna numa silhueta branda à distância. Ele corre e pede-lhe que pare, que espere por ele. Mas ela inicia a dança da água ao deitar-se o sol. O brilho na superfície do rio é metálico, como se uma lâmina cortasse lobana pela cintura. Ela é já só minhangolo a vogar na superfície da faca, a aproximar-se perigosamente do gume, do fio que corta. São uma mancha de sangue os seus cabelos. Huilano aflige-se e grita.

lobana!

Um vulto lança uma sombra longa sobre as espadanas do rio. Sente-se um cheiro forte que o vento trás, um cheiro acre. Depois a sombra toma a forma de uma língua espalmada, por onde passam lacraus de pinças ameaçadoras.

Huilano sente uma picada violenta num dos calcanhares. Encolhe-se e tenta perceber o que se passa. Das águas do rio emerge alguém que ainda chega a ver quem é, antes de perder os sentidos...

Bundomaímo – troço do rio *Tchimpumpunhime*, entre a *Chibia* e a *lóba*.

Quando acorda, está numa cama e num quarto que desconhece. Mas há uma fragrância no ar que lhe é familiar. Vira a cabeça, a pituitária a perseguir o caminho do cheiro e os seus olhos param num vulto que se encontra à janela. A claridade por trás não lhe permite identificá-lo logo. Mas sabe quem é e tenta pronunciar o seu nome. Só um murmúrio consegue libertar-se de sua garganta.

lobana!

Finalmente acordaste, Huilano! Já estava apreensiva.

Mas, o que aconteceu?

Um lacrau ferrou-te a canela e...

Um lacrau? Mas quem chegou foi Orlog.

Orlog? Deliraste, só pode.

Vi-o tirar-te do rio, quando os jacarés se aproximavam.

Ouviu-se um riso. Um riso fresco como a madrugada.

Orlog está longe, na sua libata dos Gambos. Olha pr'o que te deu!

Estranho!, murmurou Huilano.

Devem ser efeitos do veneno... da picada do lacrau, disse lobana.

Capítulo XVII

“Manecas não dormira quase, apesar dos confortos do ventre materno. Podia? A noite se engravidara de muitas vozes, do som dos batuques e apitos, e se iluminara de muitas fogueiras em volta das quais dançaram corpos transpirados de suor.”

(Boaventura Cardoso – *Mãe, materno mar.*)

Chaves olhou para mim e limitou-se a tirar longas baforadas do seu cachimbo, enquanto observava o pôr-do-sol que, nesse dia, estava especialmente avermelhado para as bandas do Humbe, como se um grande incêndio lavrasse todo o sul.

Parecendo não ter captado nada da minha perturbação ou ouvido as minhas últimas palavras, voltou a sentar-se, apagou o cachimbo e confessou que uma indistinta apreensão o tinha incomodado todo o dia. Foi então que se ouviu o bater dos cascos de um cavalo que se aproximava a toda a brida. Pouco depois, o jovem filho do dono da casa chega à varanda.

Pai, está lá fora o senhor José Lopes que lhe quer falar. Acho que é assunto muito sério!

O Lopes aqui? Assunto muito sério? Estranho! Pede-lhe que entre, Carlos!

José Lopes chegara nesse dia à Chibia, vindo do Chicusse. E trazia uma notícia do Humbe que era profundamente perturbadora.

“Outra vez o Humbe!”, suspirou Pedro Chaves, invadido pelas lembranças da sua última campanha contra Chaungo.

O conde de Almoester foi morto!

Pedro Chaves não acreditava no que ouvia.

Morto o conde de Almoester? Como? Quando?

José Lopes começou a contar...

No Humbe os bois morrem aos milhares e por lá afirmam que a moléstia que os mata se deve aos que combateram Chaungo e Luhuna...

Eu sabia! Outra vez esses malditos marimbondos! Sempre eles! Sempre eles!

Lopes deixou escapar um leve trejeito de enfado e bateu com o chapéu na perna direita.

Não perdoam quem colocou Tchóia na ombala do grande Humbe, um soba débil que, não tendo o poder de fazer a chuva, levou a terra a ficar estéril e o gado sem força...

Chaves já fazia um grande esforço para não se deixar conquistar por essa ideia de que os sobas tinham o poder de fazer cair a chuva. Ceder nisso era, na sua perspectiva, denunciar fraqueza, deixar-se vencer aos poucos.

Tretas! Isso de fazer a chuva cair só porque se é soba, não passa de lérias! Se fosse assim tão fácil, Chaungo e Luhuna tinham afogado os inimigos em litros de chuva.

Bem! Não se esqueça que não faltou muito...

Não percebo, Lopes!

Não se lembra das chatices que a chuva nos deu quando combatemos Chaungo?

Claro! Era o tempo dela!

Pedro Chaves, com a asa da suspeita a fazer-lhe sombra nos olhos, mal terminou a frase, perguntou a Lopes se ele acreditava mesmo que Chaungo tinha esse tal poder da chuva. Não obtendo mais que um encolher de ombros e um enigmático suspiro, deu a sua opinião.

A acreditar em alguém que controle a chuva eu prefiro que seja S. Pedro, já que a ele o Senhor confiou as chaves do céu. Não acha?

José Lopes sorriu e disse que sim, o que fez Chaves acalmar-se um pouco mais. Depois de uns segundos de silêncio lembrou que alertara ser um erro apoiar Tchóia, mas ninguém o quisera ouvir.

E aí está o resultado! No Humbe acreditam que é por isso que os bois morrem aos milhares, por culpa dos que combateram o grande Chaungo e o indomável Luhuna...

Chaves remecheu-se nervoso e dispôs-se a replicar.

O grande Chaungo? O indomável Luhuna? Essa não! Lopes, ó Lopes, veja lá como fala... ou então, preocupa-me que seja da chuva que tem apanhado, homem! E deve ser mesmo da tal chuva dos sobas...

Lopes fingiu não perceber.

Lá que eles dizem, dizem!

Dizem o quê?

Que foram as guerras injustas que levaram os antepassados do povo humbe a estarem revoltados e a castigarem com a grande doença que mata os bois.

Mas eles acreditam mesmo que é nossa a culpa da doença dos seus bois? E de quem é a culpa quando a maldita doença mata os nossos?

Ah! Isso já não sei! Mas penso que, por uns pagam todos.

Ai é? Pagam os bois deles e os nossos?

Ninguém lhes tira da cabeça que a culpa é de quem fez Tchóia soba do Humbe. Aqui está a raiz do problema

E você a dar-lhe, Lopes! Até começo a acreditar no poder dessa tal chuva...'

Mais uma vez Lopes fingiu não perceber a ironia.

Por isso os muhumbes não aceitaram que o seu gado fosse vacinado pela mesma gente que lhes havia criado tantos problemas. Quando chegaram os homens das vacinas escoltados pelos soldados, ficaram ainda mais bravos.

Se iam soldados, bem podiam embravecer, espedernar...

Só que, uma boa vacinadela deram eles aos soldados, como sabe.

Chaves já não aguentava mais as explicações de Lopes e sentia-se cada vez mais nervoso.

Mas esses marimbondos não perceberam que só com a vacina se podia deter o avanço da terrível moléstia?

Não! Para eles a natureza da moléstia é outra, como tenho tentado explicar-lhe.

Mas sem vacina não demorará a doença a chegar ao planalto, gemeu Pedro Chaves, abanando a cabeça com força, tentando espantar as imagens que, antecipadamente, o faziam ver o gado a morrer na sua fazenda e nos seus sambos.

*

*

*

As autoridades de Moçâmedes, informadas entre Maio e Junho de 1897 do alastramento da epizootia a sul do Cunene, proibem a travessia do rio e ordenam a vacinação

em massa do gado do Humbe, que se encontra na primeira linha, com o objectivo de proteger o do planalto. Mas deparam com a má vontade dos pastores e dos criadores, moradores e gentios, que não compreendem a utilidade de semelhante medida.

O soba do Humbe é aconselhado pelos seus vipundi a não aceitar a milongada dos brancos e as manadas vão-se derretendo ao sol, passando rapidamente de vinte e cinco mil para mil cabeças apenas.

A companhia de dragões da Humpata é enviada para proteger a equipa de vacinação mas nem protege a equipa, nem se consegue proteger a si própria e, quando chega a estação das chuvas, até os transportes deixam de funcionar, dado que os bois de tracção seguem o mesmo destino dos demais.

O último pelotão, sob o comando do tenente João Carlos Saldanha de Oliveira e Daun, conde de Almoester, encontra-se a quatro dias de distância do mais próximo e é composto maioritariamente por doentes e convalescentes. Os guerreiros muhumbes, que aguardam uma oportunidade para mostrarem a sua cólera, ao perceberem a fraca organização e a debilidade daquele exército, encurralam o pelotão perto de Jamba Camufate.

Pelas duas horas da tarde do dia 12 de Dezembro de 1897, encontrando-se a maior parte dos soldados já feridos e com as munições esgotadas, o conde manda formar um pequeno quadrado para tentar a resistência, até chegarem socorros. Patriota como é, ainda chega a pensar que, mesmo naquelas terríveis condições, a táctica do quadrado lhe garantirá a vitória, como acontecera com os seus antepassados em Aljubarrota. Para reforçar a motivação, ainda consegue um tempinho extra, muito breve, para pedir

a protecção do santo condestável, patrono das batalhas vencedoras. Mas na apreciação das condições existentes que levam o conde-soldado a acreditar que ainda pode vencer aquela batalha, há uma falha evidente. Esquece-se que, desta vez, estando muito longe da sua pátria, é ele o invasor e não o invadido, e não conta nas suas fileiras com a importante ajuda dos archeiros ingleses. Os archeiros que ali se encontram não são ingleses e, pior do que isso, estão no lado oposto, entre as forças inimigas.

Valha-nos o Santo Condestável!, ainda se ouve o oficial dizer. Mas, segundo parece, dom Nuno não o ouviu, talvez porque se encontrasse demasiado longe. Em pouco tempo, as flechas, as zagaias e as balas humbes trespassam quase todos, até restarem apenas quatro sobreviventes, entre os quais o conde, ferido numa perna e no ventre. Ainda tentam refugiar-se no mato, em Cambuco, mas em vão.

*

* *

Aí, nesse local, fomos encontrá-los mortos à zagaiada, explicou José Lopes, enquanto Pedro Chaves metia a cabeça entre as mãos e suspirava estupefacto.

O homem que morrera em Jamba Camufate trespassado pelas zagaias dos muhumbes não era um obscuro oficial, tremendo de paludismo num qualquer remoto lugar do sertão africano. Esse homem era neto do duque de Saldanha, descendente do marquês de Pombal, militar e homem de Estado que fora chefe do Partido Regenerador de Portugal.

Com os pensamentos em ebulição, Pedro Chaves levantou-se, dirigiu-se à janela e distanciou o olhar até às lonjuras, onde a sua fazenda terminava e o rio Tchimpumpunhime fazia a fronteira com o imenso território onde se inscrevia o grande Humbe. Era de lá que lhe chegavam desmaiados os gritos de agonia do conde de Almoster e dos seus soldados.

Sentindo o indelével arrepio de uma zagaia de gelo a percorrer-lhe os ossos, fechou o casaco e afastou-se da janela. Num relance ainda teve tempo de ver, ao longe, uma grande mancha de sangue a esconder o sol do final do dia.

Capítulo XVIII

“– Sabemos que a política nunca o atraiu – começou por dizer Jácome Filho – porém, um cavalheiro como o senhor, em cujas veias corre o sangue mais nobre de África, não pode permanecer arredado do grandioso palco da História”

(José Eduardo Agualusa – *D. Nicolau Água-Rosada e outras estórias verdadeiras [...].*)

Uma machila sacolejava nos ombros fortes dos carregadores, integrada numa comitiva de seis homens a cavalo que percorria um longo trilho ladeado pelas carcaças de milhares de bois. Um zumbido sobrepunha-se a todos os silêncios e a quase todas as vozes, o do esvoaçar mole e incomodativo das moscas que, em nuvens gordas se abatiam sobre os esqueletos mais ou menos guarnecidos de carne pútrida. Para além desse zumbido, constante, avassalador, havia um outro som que, de quando em quando, se sobrepunha. O guinchar necrófago dos abutres, seres alados e calvos, que antecipavam a noite com as suas espessas asas negras. Mas eram eles e as suas aliadas hienas os únicos seres que, apesar de tudo, garantiam alguma limpeza naquela terra. Não fossem eles, num persistente labor de bicos aguçados e maxilares poderosos, e a epizootia ter-se-ia transformado em epidemia, tal era o peso da morte que o gado suportava.

O ano ainda ia a meio e já se contavam milhares de baixas, só nas manadas da Missão da Huíla.

Por várias vezes, os carregadores tiveram que suspender a marcha, pois os aborrecidos insectos chegavam a entrar-lhes pelas narinas e a colarem-se-lhes aos olhos, não deixando ver o caminho que percorriam. Foi necessário munirem-se de galgalhos para afugentarem os mais persistentes. Depois de uma curva apertada, numa estrada estreita e rodeada de basto arvoredos, os viajantes estacaram perante a majestosa igreja da Missão. Nunca tinham visto nenhuma assim. Na sua Banza Congo, a urbe antiga de onde vinham e que era conhecida pela “cidade dos sinos” pela quantidade de igrejas ali erguidas, já não existia nenhum edifício tão imponente e tão bem cuidado como aquele que agora se erguia na sua frente.

Os cavaleiros respiraram de alívio pelo termo da grande viagem que os trouxera da cidade de São Salvador do Congo e apearam-se das suas montadas. Da comitiva destacaram-se dois homens que tiraram os chapéus e se dirigiram respeitosamente para a machila. Levantaram as cortinas e pediram a alguém, muito delicadamente, que saísse. Alguns segundos depois, apareceu a cabeça de um menino que teria perto de dez anos de idade, logo seguida da cabeça calva de um velho. Ensonado e evidentemente mal disposto, o pequeno amuou e recusou-se a sair da machila. O velho fez-lhe uma festa e com um gesto deu a entender aos acompanhantes que aguardassem um pouco, enquanto um deles tentava, a todo o custo, manter as moscas afastadas da machila.

Entretanto, da porta da igreja saiu um missionário que logo se dirigiu à comitiva, saudando-a respeitosamente. Os dois acompanhantes continuavam a aguardar que os passageiros saíssem da machila.

Ne Congo dia ntotela! Ne Congo dia ntotela!, iam murmurando.

Sem perceber o que diziam, o padre aguardou. Pouco depois as cortinas da machila foram afastadas e um homem de idade avançada apareceu, apresentando-se como sendo o padre Velho, companheiro e tutor do príncipe do Congo, dom Pedro de Água Rosada.

Talvez seja melhor esperarmos um pouco que lhe passe o incómodo, aconselhou, enquanto afastava da calva uma dúzia ou mais de moscas que pretendiam ali poisar.

Nós aguardamos que ganhe coragem para sair, disse, sorrindo, o padre da Missão.

Pois é!, com tanta moscaria gorda a zumbir e tanta carcaça de boi a cheirar, não sei mesmo se será bom o príncipe vir cá para fora, disse aborrecido o padre Velho.

Que remédio! E o melhor mesmo é sair depressa para nos refugiarmos no interior da Missão. Estas moscas não nos largam...., aconselhou o padre anfitrião, já a ficar nervoso com a espera e com o zumbir da moscaria.

Porquê tantos bois mortos como se tivesse havido uma guerra contra eles?, questionou o padre visitante.

Tudo começou lá naquelas lonjuras a norte do Zambéze, onde não houve rebanho de búfalos que não contasse inúmeras baixas. Mas depois explico-lhe lá dentro, pois é assunto para... E o padre foi interrompido pelo ataque de uma dúzia de moscas que lhe invadiram a goela. Ficou roxo de aflição e foi a intervenção oportuna de um dos recém-chegados, com uma forte chapada nas costas, que o fez expelir a névem de moscas e ganhar fôlego. A confusão

Ne Congo dia Ntotela!; Ne Kongo dya Ntotela! – *senhor do reino do Congo! (Kik.)*

que se gerou levou o príncipe a deixar a machila, desperto pela curiosidade e pela vontade de... fazer chichi. O padre Velho viu nessa necessidade fisiológica um bom motivo para, finalmente o retirar dali e recolherem-se na Missão.

Numa tarde triste do primeiro ano da omunomo, da peste dos bois, o príncipe herdeiro do reino do Congo, dom Pedro de Água Rosada, dava entrada naquela que seria, nos anos próximos, sua casa e sua escola.

*
* *

Ora bem!, retomava a informação sobre a mortandade bovina, o padre Malaquias, depois de todos terem descansado e ele próprio bochechado e gargarejado com uma solução desinfectante, não fossem as malditas moscas terem-lhe deixado na goela alguma maleita, logo a ele que tanto gostava de emprestar a canora voz ao coro da igreja da Missão.

Ora bem!, voltou a repetir, após a doença ter feito das suas entre os búfalos do norte do Zambeze, seguiu-se o gado do povo ndebéle, levando-o a uma revolta feroz, há dois anos atrás. Depois foi a vez dos shonas, que ficaram doidos de raiva contra os colonos da Rodésia, por eles considerados os principais culpados de tanta morte entre o seu gado...

Chegado aqui, o missionário parou um pouco, observou os seus ouvintes e soltando um longo suspiro, recomeçou a explicação.

Omu-Nomo, Omunomo – *designação da peste bovina de 1897 a 1898.* (N.)

E, de região em região, lá foi a doença alastrando, alastrando, até consumir os recursos essenciais dos povos pastores.

O padre Malaquias fez uma pausa e pediu um pouco de água para molhar a garganta, desconfiando que as moscas da invasão, afinal, haviam deixado rasto.

Malditas moscas!, berrou ele, antes de recomeçar, mais uma vez, a estória da peste bovina.

E como vos dizia, a maldita doença chegou à nossa fronteira sul, fazendo com que os hereros perdessem metade do seu gado, enquanto o diabo esfregava um olho... que é como quem diz, num repente, emendou o padre, percebendo que, talvez não tivesse sido uma boa ideia meter o diabo naquela estória.

Foi então que as autoridades de Moçâmedes, mal souberam do que acontecia com os bois de além Cunene, proibiram a sua passagem para cá do rio, a partir de Junho deste ano, ordenando a vacinação em massa do gado do Humbe, para assim se proteger o nosso, o do planalto.

Abelungo, o acompanhante do príncipe que desferira a chapada salvadora nas costas do padre Malaquias, disse qualquer coisa em quicongo, a sua língua.

Mas pelos vistos não adiantou nada, como se pode ver..., traduziu o padre Velho. Depois explicou que os nobres acompanhantes do príncipe, Caimbambo e Abelungo, entendiam o português mas que não o falavam por lhe terem perdido o jeito.

Perdido o jeito? Como assim?, perguntou o padre Malaquias.

É como quem diz, por não o praticarem acham que não o falam bem. Por isso preferem que eu traduza e assim não cometem erros. Detestariam ser motivo de chacota...

Pois bem!, voltemos ao assunto. Ninguém por aqui acreditava que as ordens para vacinar o gado tivessem razão de ser.

E mesmo assim deram-lhes crédito?

Claro! Quem as emitiu não foi um homem qualquer, foi o coronel Artur de Paiva, homem dos duros, que reside aqui bem próximo, na vila da Humpata.

Pelos vistos não é tão duro assim!, interveio Caimbambo, o outro acompanhante do príncipe, tendo sido traduzido de imediato.

É!, é muito duro, sim! Só que... enfrentou de imediato a má vontade de quase todos, pretos e brancos, que não entendiam a importância da vacinação, explicou o padre Malaquias.

E o resultado é terrível, nojento, bois mortos como moscas, disse repugnado o padre Velho.

Mortos como moscas? Pelo contrário, quanto mais bois mortos mais moscas vivas, corrigiu o padre anfitrião.

Nós soubemos, quando nos aproximámos do planalto, que havia problemas com a saúde do gado, mas nunca pensámos que fosse assim!

Terminada a explicação sobre as causas de tanta mortandade entre as manadas bovinas da Huíla e porque os recém-chegados mostravam um visível esgotamento, foram encaminhados para uma pequena sala onde lhes foi servido uma refeição ligeira e depois foram descansar.

*

* *

A novidade da chegada de gente de muito longe correu célere. Sabendo que pessoas importantes do distante e cristão reino do Congo tinham chegado à sua Missão, mais padres e missionários tinham pedido para verem o príncipe e assistirem a um encontro que fora promovido pelo padre Malaquias, satisfeito em poder protagonizar evento tão invulgar.

Quase todos queriam perceber melhor as razões escondidas por trás da vinda daquelas pessoas; só alguns sabiam que tinham sido as autoridades portuguesas de Benguela e de Loanda a solicitarem, ao superior da Missão, apoio, guarida e instrução para o jovem Pedro de Água Rosada.

A reunião começou com uma apresentação dos recém-chegados e com uma breve introdução sobre as suas pessoas. O padre Malaquias, após ter terminado, deu a palavra ao padre Velho, que todos passaram a ouvir com muita atenção.

A actual instabilidade do reino e a crise em São Salvador têm origens mais remotas, nos acontecimentos de há quarenta anos, aquando do passamento de dom Henrique II, e ao facto de terem aparecido vários pretendentes à cadeira, explicou.

Pretendentes à cadeira?, perguntou o padre Malaquias.

Bem!, é como lá no Congo se designa o trono.

Ahh!, exclamaram quase todos.

Caimbambo ganhou então entusiasmo e deu uma explicação em quicongo que depois, como das vezes anteriores, foi traduzido pelo padre Velho. Contou que o clã Quinsundi havia feito eleger dom Álvaro Macadolo, marquês de Dongo, sobrinho de dom Henrique II e quais as consequências desse passo.

Henrique II, do Congo, faleceu a 23 de Janeiro de 1857.

Entretanto, o repasto ficou pronto e guardou-se para depois o resto da narrativa.

Os nossos amigos devem estar esfomeados, não?, perguntou um dos presentes, a esfregar uma mão na outra e a salivar uma fome maior do que a dos recém-chegados, ainda um tanto agoniados com a viagem da véspera e com o cheiro nauseabundo dos bois mortos.

A sede já nos foi apagada, mas talvez os estômagos reclamem algo mais consistente, disse outro, também com vontade de seguir para a mesa da refeição.

Seguir-se-ia uma comezaina, pouco habitual naqueles tempos difíceis. Após terem comido carne de galinha e de porco, iniciou-se o serão e continuou-se a conversa. Desta vez o padre Velho solicitou a Abelungo que desse continuidade ao tema que seu primo Caimbambo iniciara antes do jantar, ao que ele anuiu com evidente gosto.

Conforme os costumes da nossa gente, o candidato à banza real só pode sentar-se na cadeira depois de ter passado um ano sobre a morte do rei. Por isso, foi aceite uma irmã do defunto, para exercer a regência. Como ela pertencia ao clã Quivugi, logo um dos seus filhos, Pedro Lefula, marquês de Catende, reivindicou a coroa.

Chegado aqui, Caimbambo bambeou o lábio inferior com um certo ar de desdém e fez uma pausa breve, que o padre Velho aproveitou para a tradução. E deste modo foi sempre traduzindo para que nada da conversa dos congueses escapasse à curiosidade da assistência.

Então a confusão instalou-se, pois Pedro Lefula reivindicou a coroa, com o apoio dos portugueses do Bembe, referiu.

E foi bem aceite esse apoio?, interrogou um dos padres.

Nem por isso! Parece que dom Álvaro Macadolo, também sobrinho do defunto rei, tinha mais seguidores. Dom Pedro

Lefula, sendo filho da irmã do rei, estava mais próximo da cadeira, opôs Abelungo.

Mas o acto de vassalagem à coroa portuguesa, assinado por ele e seu irmão, Henrique Nuzanga, não agradou a todos, que acharam que os portugueses passariam a interferir ainda mais nos assuntos internos do reino, concluiu o padre Velho.

Os padres mostravam-se atentos às explicações dos acompanhantes do príncipe. Este continuava indiferente à conversa e, quando não dormitava, entretinha-se a observar o pêndulo do grande relógio que se encontrava a um canto da sala.

Foi a vez do padre Velho continuar as suas explicações.

Nessa altura, aí por finais de 1858, estava eu no Bembe quando, a solicitação do marquês de Catende, foi preparada uma expedição, constituída pelos padres Gavião e Ferreira, que eu conhecia bem, o chefe do concelho do Bembe, tenente Zacarias, e uma escolta de trinta soldados. O destino era a Cidade dos Sinos e o objectivo principal era os padres procederem às cerimónias do itâme, as exéquias funerárias do rei do Congo.

Ainda hoje se fala do ataque dos kissondes que os padres sofreram, interrompeu Caimbambo a rir, seguido por Abelungo.

O padre Velho não conseguiu conter-se e esboçou um sorriso. Depois lembrou que Adão Congo, o homem que tinha recebido a comitiva do Bembe à chegada a S. Salvador e que fora o guia durante a permanência na cidade, era tio de Caimbambo e de Abelungo. Tinha sido ele a contar aos seus sobrinhos as peripécias daquela viagem, que acontecera ainda eles não tinham nascido. E na memória do padre Velho reacenderam-se os serões, no Bembe, com os

padres Gavião e Ferreira a contarem o que tinham passado e presenciado em S. Salvador.

Foi há quase quarenta anos já..., murmurou.

*

*

*

Quando a expedição se aproximou dos portões de São Salvador, foi recebida por um grupo de vinte guerreiros que a saudou como era da tradição, com cânticos e tiros festivos para o ar. O tenente Zacarias, que comandava a escolta dos padres Gavião e Ferreira, não cabia em si de contente por terem chegado, sem problemas de maior.

Sejam bem-vindos a São Salvador. Sou Adão Congo e estou aqui, a mando do marquês de Catende, para os acompanhar.

Os padres acercaram-se, cumprimentaram e dirigiram-se para o local que lhes fora destinado. Não tinham dado dez passos quando foram barrados por um grupo de sessenta guerreiros. O chefe brandiu o bastão de comando e deu ordens para formarem uma fileira e descansarem as armas até novas ordens. Os padres chegaram-se a Adão Congo, receosos do aparato bélico, mas ele sossegou-os e, dirigindo-se ao guerreiro do bastão, perguntou-lhe quem eram e quem os havia enviado. Souberam, então, que ali estavam a mando de dom Álvaro Macadolo, marquês de Dongo, “o legítimo pretendente à cadeira”, fez questão em vincar o chefe dos guerreiros.

Enquanto os observavam, o chefe do grupo levantou, acima da cabeça, o bastão de comando e, fazendo-o girar,

fez com que os seus guerreiros apresentassem armas, ao que se seguiu o vozear forte dum cântico de combate.

O que eu quero agora é descansar, que não aguento com um gato pelo rabo!, piou o padre Gavião.

Também acho que merecemos uma cama, tiniu o padre Ferreira.

Perante a prostração geral, acharam melhor irem andando para as habitações que lhes estavam destinadas.

Sentindo os recém-chegados vacilarem, Adão Congo tentou sossegá-los.

Dom Pedro, marquês de Catende, é o vosso verdadeiro anfitrião, porque foi ele que vos convidou a vir aqui. Enquanto cá estiverem velará por vós.

Contudo, mal chegaram ao local onde seriam alojados, os visitantes viram logo que algo estranho se passava. A residência que lhes fora destinada, não passava de um conjunto de miseráveis cubatas, velhas e esburacadas.

Não percebo! Não nos garantiu ainda há pouco que o marquês de Catende velava por nós? Estas cubatas esburacadas não querem dizer precisamente o contrário?, questionou o tenente Zacarias, não obtendo resposta.

No dia seguinte, logo pela manhã, quiseram os recém-chegados dar um passeio pela cidade.

Afinal não são só as nossas habitações que estão em mau estado!, comentou o padre Gavião.

A toda a volta, viam-se casas sem ordem e com o capim bastante alto pelo meio delas.

Até é difícil transitar por aqui, confirmou o tenente Zacarias, tentando abrir caminho pelo capinzal.

O que vale é que, pelo meio deste mato todo, crescem algumas árvores de préstimo, bananeiras, palmeiras e embondeiros, atalhou o padre Ferreira.

Não sabia que vinha encontrar São Salvador neste estado!, lamentou o tenente Zacarias.

Adão Congo explicou-lhes, então, que aquela situação se devia ao interregno, como era conhecido localmente o tempo vazio que ia da morte de um rei até se sentar na cadeira o rei seguinte. Temendo as guerras que, geralmente aconteciam nesse período, muitos dos habitantes da cidade ausentavam-se e só voltavam depois de haver novo rei.

E é por isso que as casas parecem abandonadas e o capim está tão grande...

Satisfeita a curiosidade, resolveram regressar às suas habitações. Adão Congo lembrou que seria delicado darem parte da sua chegada ao duque de Bamba, irmão do marquês de Catende, por ser ele quem coadjuvava sua mãe, dona Ana, no governo. Tratava-se de uma formalidade indispensável, pois o duque estava como regente, na ausência da rainha, já que esta se encontrava fora, para assistir ao enterro de sua mãe. E assim foi. Os recém-chegados foram recebidos pelo duque de Bamba, homem de média estatura e simpático, que foi muito cordial para com eles, mas nada disse sobre as más condições das suas habitações.

Acabadas as formalidades da apresentação, o duque convidou-os a irem até à Sé onde se encontrava a ser velado o corpo de dom Henrique. Mal chegaram, veio ter com eles um mensageiro que solicitou que esperassem um pouco.

Confio que seja mesmo um pouco, pois está aqui um calor de morrer!, piou o padre Gavião, ainda frágil da febre que o acometera durante a viagem. Mas não demorou muito que, de dentro da Sé, chegasse a indicação para entrarem. À medida que penetravam no interior do templo, iam vendo melhor na semi-obscuridade que predominava.

Na nave principal da igreja estava o corpo do rei, dom Henrique II, jazendo numa tarimba alta e coberta de panos, tendo na parte superior o manto real de gorgorão, lavrado de cor de laranja e forrado de seda branca, cujo cabeção, desta mesma seda, estava coberto de estrelas de prata e tinha alamares de prata dourada. Aos pés, encontrava-se um crucifixo de marfim, com um palmo de tamanho. Os padres ajoelharam-se e rezaram pelo falecido, tentando ver o cadáver mas sem sucesso, dada a altura em que se encontrava o esquife.

Após cumprimentarmos os familiares do defunto, saíram da Sé e dirigiram-se à casa dos ídolos, que não ficava longe dali, até se quedarem em frente da casa junto à banza, onde puderam apreciar o que restava dos antigos ícones, imagens e objectos rituais.

Disseram-me que o duque de Bamba e seu irmão, o de Catende, têm muitas coisas guardadas, que só aparecerão depois da eleição do novo rei, tiniu o padre Ferreira.

Só se vier a ser rei o marquês de Catende!, explicou Adão Congo.

Enquanto iam andando, ouviam falar de coisas e factos da cidade, nomeadamente, sobre o comércio que se fazia com os comerciantes do Mangue Grande e Boma, no Zaire.

E o comércio é feito com quem?, perguntou o tenente Zacarias a Adão Congo.

Com os brancos de Boma, que costumam mandar comprar mantimento aqui em São Salvador.

Adão Congo lembrou então que se fazia tarde e que, talvez fosse melhor regressarem às suas habitações.

Os padres, pelo contrário, mostraram-se interessados em visitar as antigas igrejas, primeiro a igreja de São Miguel, construída de pedra e cal e coberta de telha.

É maior do que a igreja de São João, em Loanda, observou o padre Gavião.

Um grande arco podia ainda ver-se, bem conservado, mas as paredes da capela-mor estavam arruinadas. O altar-mor, de pedra e, sob o pavimento, muitas sepulturas de religiosos e de gente grada da terra. A igreja da Sé encontrava-se ligada ao hospício de Santo António, onde se viam dois grandes torreões e um muro grosso, ao meio do qual se encontravam paredes e arcos em sacada, indicando ter sido ali o vestíbulo do edifício.

O adro deste edifício é imenso!, disseram em uníssono os padres, admirados com o que viam e compungidos com a degradação daqueles velhos edifícios.

Seguiu-se o convento de Santo António, do qual restavam apenas os alicerces, através dos quais dava para conjecturar a grandeza daquele edifício. Com a mesma impressão ficaram dos templos de Nossa Senhora da Conceição, da Bela-Cruz, da Misericórdia, de Nossa Senhora do Rosário, de São Tiago, São João, São José e do Espírito Santo, dos quais só se viam ruínas... apenas a pedra dispersa e a cal dissipada dos templos que outrora tinham feito daquela urbe a Cidade dos Sinos.

A cidade de São Salvador localizava-se na planura de um morro com cerca de seis milhas de circunferência, possuía cerca de quatrocentas casas e tinha uma população de cerca de três mil habitantes. Quase todas as casas tinham quintais fechados com hastes de insandeira, maiores ou menores conforme o capricho dos seus donos.

Insandeira – *sicómoro*, espécie de figueira utilizada na manufactura de têxteis, como os panos kitundu, que gozavam de grande prestígio (*Ficus Sycomorus*).

O padre Gavião, apontando para as pequenas passagens que se viam entre os quintais, questionou-se como era que os seus habitantes acertavam no caminho, se este era tão labiríntico. Adão Congo disse-lhe que era uma questão de hábito e dispunha-se a ir explicando tudo o que queriam saber, ou o que o próprio achava importante contar.

O solo, apesar de elevado, era de terra preta e fofa, mostrando ser da melhor qualidade. Por muito sol que fizesse, sempre o chão se encontrava húmido e por isso cheio de capim, mas também de plantações úteis. Não havia pântanos, pois todas as águas da chuva corriam para o rio. Era elevada a percentagem de humidade, encontrando-se a povoação quase sempre encoberta pelo cacimbo, que só se dissipava a partir das nove horas da manhã.

O trabalho de limpeza do terreno circundante à moradia dos visitantes era feito por um grupo de mulheres, sob a vigilância de um homem, o nLembo, que vestia um velho pano encarnado, decorado com cruces. Era o que restava dos escravos das igrejas. Os padres puderam, assim, observar os descendentes dos antigos escravos, que se contavam por mais de oitocentos, e que agora viviam e trabalhavam nos arimos que haviam pertencido aos frades. Desses escravos, cerca de trezentos encontravam-se arregimentados e armados por dom Álvaro, marquês de Dongo.

Seriam umas dez horas da manhã quando chegou uma carta de dom Álvaro Dongo a anunciar a sua visita. Estavam os padres a baptizar junto do maior dos muitos embondeiros que por ali existiam, quando ele chegou, precedido de muito povo e de dois clarins que soavam bem alto. Dom Álvaro fazia-se transportar numa tipóia de rede, coberta com um capote de pano encarnado e era acompanhado por uns

oitenta homens armados, que iam saltando e gritando, ao mesmo tempo que davam tiros para o ar.

O recém-chegado apeou-se e foi sentar-se junto ao altar, numa cadeira que trouxera para esse efeito. Depois mandou que um dos elementos do seu séquito fosse informar que ele próprio esperaria pelos visitantes, à porta da sua residência.

Dom Álvaro era um homem de estatura regular, com cerca de vinte e cinco anos de idade, com o olhar muito vivo e apresentando os dois dentes incisivos superiores limados de forma a ficarem pontiagudos, como era habitual nos homens de alta estirpe do Congo. Trajava sobrecasaca de uniforme do extinto batalhão de linha de Loanda e calçava sapatos de veludilho verde. A cadeira em que se sentava era transportada por um escravo, assim como um tapete para pôr os pés. Após a apresentação de cumprimentos, fez um sinal e da sua comitiva saiu uma jovem, com cerca de dez anos, que ficou a dois passos de si, de cabeça baixa. Olhando para os padres, dom Álvaro disse que lhes oferecia a rapariga para que ela os pudesse ajudar nas suas tarefas. Os padres agradeceram, dizendo-lhe que a mandariam educar. Depois retribuíram a gentileza com duas garrafas de aguardente, que o visitante fez distribuir, sem que nada bebesse ele próprio. Depois retirou-se.

O resto do dia foi passado sem novidade. Chegada a hora do jantar, foi oferecido aos visitantes carne de cabrito assada na braseira, acompanhada com funje. As luzes das fogueiras e das tochas tremeluziam em toda a Cidade dos Sinos, como se as estrelas se tivessem transferido do céu para aquele lugar. De quando em quando, ouviam-se cânticos e o rufar de tambores que se foram calando, à medida que a noite se adensava e as estrelas voltavam a subir. Já todos dormiam descansadamente em suas tarimbas quan-

do, pelas duas horas da manhã, o padre Ferreira levantou-se aos berros e aos sacolejos, seguindo-se o padre Gavião e os demais. Por sorte, naquela noite, o cacimbo estava em falta e o luar deixava ver com alguma nitidez. Daí que não tenha sido muito difícil fugirem das cubatas sem as levar atrás de si, cada qual coçando-se a seu modo e aos gritos. Obrigados a largar as camas e a fugir para a rua, tiveram que caçar uma a uma as formigas kissonde que enterravam fundo na carne as suas mandíbulas aguçadas; primeiro soltava-se o corpo e só depois a cabeça. Doía quando o kissonde mordia e doía quando era retirado à força da pele onde se agarrava.

Que kissonde este! É do pior que eu já vi na vida!, pipilava o padre Gavião.

E metem-se em cada sítio, malditos!, fuzilava o tenente Zacarias.

Tenho que ficar nu aqui no meio da rua, regougava o padre Gavião, olhando para todo o lado, não o fossem ver naquele estado.

Felizmente é noite e não nos vêem bem, retinia por sua vez, o padre Ferreira.

Arre que são dos bravos!, gemiam todos.

E assim foram passando uma parte da noite, entre urros de dor e xinguilanços de aflição. Tirados um a um todos os kissondes, puderam vestir-se de novo e voltar à cama, não sem antes terem desbaratado o carreiro até quase à sua origem. E assim o sono veio tarde e mais tarde ainda foi o acordar no novo dia.

*

*

*

Os ouvintes estavam a um tempo encantados e incomodados com o que ouviam. Encantados com a quantidade de igrejas e com a devoção que ainda parecia existir em terras tão distantes; incomodados com a visão de padres nus a correr ao luar, a abanar os braços e a gíngar as pernas, como se estivessem numa qualquer dança gentia e, ainda por cima, com as vergonhas expostas a pingar formigas. Não podiam dar parte fraca os religiosos, perante os seus visitantes, por isso fingiam ter muita pena dos infelizes, quando verdadeiramente o que sentiam era uma vontade enorme de rir com tão inusitada cena.

O dia ia passando, com o piar agreste dos abutres a sumir-se, enquanto a noite ia crescendo, com o gritar das hienas a aumentar, fartas de tanta abundância de carne. Caimbambo aspirou, com evidente nojo, o ar carregado de cheiros e retesou os lábios como se fosse vomitar. Tendo reparado nisso, um dos padres foi logo buscar um fogareiro que cobriu de erva cota-cota para limpar o ar, não fosse o conguês sujar-lhe de bÍlis o chão lavado da sala principal da Missão. Depois, serviu uma infusão de folhas de laranjeira, o que muito agradou aos visitantes, sobretudo a Caimbambo.

Depois que o ar ficou lavado dos maus cheiros e os visitantes começaram a sentir-se menos agoniados, o curso das estórias voltou a ser retomado, para que os padres da Missão da HuÍla percebessem melhor as razões que haviam conduzido até eles o príncipe herdeiro do Congo.

*

* *

Como só dali a um mês poderia ter lugar a eleição do sucessor do trono e como os visitantes não poderiam esperar, foi decidido que a encomendação do defunto rei Henrique II seria efectuada antes de os visitantes partirem. E assim foi. Pelas sete horas da manhã do dia 21 de Outubro, procedeu-se à cerimónia. No local estava a rainha regente, guardada por um corpo de cem guerreiros, fidalgos e povo. As exéquias fizeram-se com bastante recolhimento, tendo os padres celebrado missas por alma do defunto. Só pelas nove horas chegou o marquês de Catende, guardado por uma escolta de vinte homens armados, precedido de outro que tocava clarim. Foi recebido com tiros de alegria que o duque, seu irmão, mandou dar em sua honra.

Ao início da noite, o tenente e os padres foram despedir-se da rainha, que estava acompanhada do marquês de Catende. Este instou para que ficassem até à eleição do novo rei, mas o oficial respondeu de novo com a impossibilidade de tão grande demora. O marquês de Catende, ao despedir-se, falou das suas esperanças em suplantar o concorrente à coroa, dom Álvaro Macadolo, e entregou ao tenente Zacarias uma carta para o governador-geral de Loanda, ao que aquele respondeu com a oferta de alguma fazenda e coral, retirando-se de seguida.

Pelas três horas da madrugada de 22 de Outubro, sob um banho de luar e uma chuva de balas oriunda das alas de guerreiros de dom Álvaro Macadolo, a coluna do tenente Zacarias iniciou a sua fuga de São Salvador rumo ao Bembe, seguindo o mesmo caminho que tinha feito na vinda.

Por tradição antiga, a legitimidade do Rei do Congo era dada pelo baptismo, cerimónia que consagrava a investidura.

*
* *

Os padres da Missão Católica da Huíla continuavam atentos ao que ouviam contar. Tudo o que se relacionava com o Congo também lhes dizia respeito, ou não pertencessem à Diocese de Angola e Congo. Para além disso, ao Congo pertencia um dos mais antigos processos de evangelização cristã da África negra. Mas fazia-se tarde e o cansaço já era visível em todos os presentes. Também o jovem príncipe há muito que deixara de estar interessado no pêndulo do grande relógio e dormitava encostado ao padre Velho, seu tutor.

Bem! Agora vamos jantar, descansar um pouco e, ao serão, continuaremos a ouvir as vossas estórias. Amanhã teremos cá importantes moradores do planalto, informou o padre Malaquias.

Quem?, perguntaram em uníssonos, curiosos, os padres da Missão.

Pedro Augusto Chaves, chefe do nosso concelho, José Alemão Coimbra, comandante da fortaleza do Bumbo, e os irmãos Almeida, da Chibia.

Após o jantar seguiu-se o serão. Os padres presentes estavam cheios de curiosidade em seguir a narrativa dos recém-chegados.

E foi o marquês de Catende apoiado pelos portugueses que venceu e se sentou na cadeira?, perguntou um dos religiosos que, atentamente, ouvira a parte final da estória.

Não! Escolhido pelos grandes eleitores, dom Álvaro Macadolo gozava de uma popularidade muito maior que o marquês de Catende. Só que, sentindo-se ameaçado

e pouco seguro, deixou a Cidade dos Sinos, explicou o padre Velho.

E qual foi a reacção de Loanda?

O governador de Loanda foi deixando que os pretendentes à cadeira se digladiassem mutuamente, para depois apoiar o vencedor. Mas quando a situação começou a arrastar-se demasiado, decidiu apoiar o marquês de Catende.

Com homens e armas, interveio Caimbambo.

E assim foi. Os portugueses, enviados pelo governador de Loanda, fizeram chegar algumas peças de artilharia ao Bembe, via Ambriz. Só que, dizimadas pela doença e pelas privações, as escassas tropas, apoiadas pelos partidários do marquês de Catende, não ousaram entrar em São Salvador, limitando-se a coroar o marquês que, sem demora, se declarou vassalo da corte de Lisboa, tomando o nome de dom Pedro V.

E fez muito bem!, interrompeu-o um dos mais patrióticos presentes, que não escondia o seu contentamento por tal desfecho.

Caimbambo sorriu, olhou para o seu companheiro e disse-lhe qualquer coisa em quicongo. Abelungo tomou, então, a palavra. Só fez uma pausa quando foi necessário o padre Velho traduzir.

Entretanto, os portugueses começaram a ouvir dizer que os cônsules britânico e brasileiro em Loanda estavam a manobrar o filho de Henrique II, o príncipe Nicolau de Água Rosada e Sardónia. Pensaram então que havia sido uma tramóia do príncipe Nicolau que, por instigação dos seus amigos, conseguira publicar, num grande jornal de Lisboa, um artigo inflamado a denunciar a vassalagem do Congo.

Foi a vez de Caimbambo intervir.

Dom Nicolau tinha toda a razão quando escreveu que os seus parentes haviam assinado um texto cujo teor ignoravam. Para eles não havia dúvida nenhuma de que o Congo era amigo e aliado de Portugal...

Mas não seu súbdito, confirmou, por seu turno, Abelungo.

Mais uma pausa para a tradução e para mais umas explicações da lavra do padre tradutor.

E o que aconteceu, então?, questionaram os ouvintes, cada vez mais interessados.

À guisa de represália, o príncipe Nicolau, que na prática era um funcionário das finanças da administração portuguesa, acabou por ser transferido para o Ambriz, explicou o padre Velho.

Os presentes mostravam-se encantados com o serão, longo mas instrutivo. Embora os padres da Missão da Huíla tivessem recebido informações oficiais sobre o Congo e a situação do príncipe herdeiro, dom Pedro, não deixavam de ter apenas ideias vagas dos acontecimentos e sempre na perspectiva das autoridades civis e religiosas de Loanda. Por isso mostravam interesse em ouvir, para perceberem melhor o que deles era esperado na educação do jovem príncipe.

Fazia-se tarde e, apesar de ainda continuarem atentos aos relatos, resolveram dar por terminado o serão e seguir para o dormitório. A sala onde faziam o serão era contígua ao refeitório e este encontrava-se no lado sul da igreja, a partir do qual se tinha acesso à cozinha, pela extremidade oeste. Esta era separada do edifício principal e ligava-se, por uma passagem, a um edifício onde estavam os fornos para cozer o pão e assar as carnes, bem como os dormitórios dos serviçais.

Sobre o refeitório ficava o vestiário, onde se guardavam as roupas do dia-a-dia dos religiosos. A oeste do grande

pátio traseiro, via-se outro edifício com dois pisos, com o celeiro no rés-do-chão e a despensa e armazém no primeiro andar. Entre esse edifício e a igreja, havia apenas uma porta a que se tinha acesso a partir do pátio exterior.

Da parte de trás da igreja, achavam-se dois grupos de edifícios, um com as diversas oficinas para o ensino das artes, e outro, no qual se destacava uma belíssima varanda frontal com arcadas, com a biblioteca e os arquivos da Missão.

A casa do médico ficava contígua à enfermaria e ao horto medicinal, no canto nordeste. Entre outras dependências, continha uma drogaria e uma câmara para os doentes em estado mais grave. A casa das purgas e sangrias ficava a oeste.

A escola incluía uma grande sala de aulas, dividida ao meio por uma partição e rodeada por quatro pequenos quartos para os estudantes. Era aqui que ficavam os visitantes.

A casa do mestre-escola encontrava-se do lado oposto, junto à parede norte da igreja. Um pouco afastada, encontrava-se a horta, onde se colhiam batata inglesa e batata-doce, abóboras e matiras, cebolas e alhos, couves e alfaces, nabos e cenouras. No pomar, cresciam laranjeiras, pitangueiras, anoneiras, mamoeiros, goiabeiras, mangueiras, macieiras, pereiras e marmeleiros. Havia ainda a eira, o celeiro e o moinho. A seguir, os sambos dos bois e os currais das ovelhas, cabras e porcos, a criação de patos e galinhas, bem como as cubatas dos serviçais que tratavam deles e os guardavam.

Precisamos todos de descansar, disse o padre Malaquias. Amanhã teremos gente de fora da Missão, como já disse, e por isso há muita coisa a fazer, as limpezas e a preparação da sala grande das visitas. E porque se trata

de gente grada da terra, é preciso garantir que sejam bem recebidos e que se sintam bem connosco.

Os padres apressaram-se, então, a distribuir algumas velas pelos presentes e o próprio padre Malaquias, de lamparina em punho, dispôs-se a indicar o caminho para o dormitório. Iniciou-se assim uma inusitada procissão de velas no interior da Missão, sempre acompanhada por outra de sombras alongadas, disformes, espectrais, que percorria as paredes dos corredores e das salas.

*

* *

E dom Nicolau, continuou no Ambriz?, perguntou Pedro Chaves, até aí calado, mas atento.

O príncipe Nicolau de Água Rosada recebeu conselho dos seus amigos e autoridades do Ambriz para fugir do território português, onde poderia ser preso.

E fugiu?

Claro que fugiu!, para o Quissembo, a norte de Ambriz, que não estava em poder dos portugueses.

Mas não percebo!, se ele não tinha em boa conta os portugueses, se estava refugiado fora dos territórios de sua influência, de quem fugia ele?, foi a vez de Alemão Coimbra indagar.

O padre Velho explicou que o que se seguira mais não fora que uma vingança dos solongos contra um congus de São Salvador...

Contra um “colaborador”, cujo pai, Henrique II, aplaudira a ocupação do Ambriz, e cujo primo, dom Pedro, se declarou fiel a Lisboa, interveio Abelungo.

O que foi que disse? O que foi que disse?, questionaram em uníssonos os ouvintes, quase sem darem tempo ao padre Velho de fazer a tradução. Via-se que estavam entusiasmados com a conversa.

É o que se pode dizer, morto por ter cão e morto por não ter, interveio o missionário das hortas.

Pois é! E foi isso mesmo que lhe aconteceu, esclareceu o padre Velho.

Foi mesmo morto?

Sim! No dia 13 ou 14 de Fevereiro desse ano conturbado de 1860, os comerciantes ingleses e americanos de Quissembo, ameaçados pelos solongos, entregaram-lhes o príncipe...

Que logo foi feito em postas...

Feito em postas?!, ouviu-se em coro.

Em postas, sim... mas na versão mais sangrenta!

Há outra versão?, perguntaram em coro irmãos Almeida.

Sim, há outra..., disseram em os primos congos.

Qual?, perguntaram à uma os cunhados Chaves e Coimbra.

Há quem afirme ter visto dom Nicolau a pairar sob o luar calmo dessa noite terrível, escapando assim dos machetes inimigos, concluiu o padre Velho.

*

* *

Era a última noite em que os acompanhantes de dom Pedro de Água Rosada se quedavam pela Huíla. Apenas o padre Velho ficaria com o príncipe na Missão. No outro dia,

bem cedo, iniciariam o seu regresso ao reino do Congo. E porque tinham de deitar-se mais cedo e os padres desejavam ouvir o que faltava dos seus interessantes relatos, o jantar foi servido logo, ainda o sol não havia desaparecido no horizonte. O padre Malaquias deu início ao serão, desta vez já sem a presença dos importantes moradores da Huíla.

Ficámos a saber ontem do horrível fim e estranho desaparecimento de dom Nicolau de Água Rosada e que o sobrinho de dom Álvaro Macadolo, após o passamento deste o mandou amortalhar e secar, o que, convenhamos, é um costume muito pouco cristão!

Pouco cristão mas conforme os nossos usos, atalhou Caimbambo. E esse sobrinho transformou-se no nosso dom Afonso V, que deu tranquilidade ao reino durante trinta anos, até 14 de Fevereiro de 1891, ano do seu falecimento, completou Abelungo.

E quem foi o sucessor?, perguntaram os padres.

O sobrinho, dom Álvaro de Água Rosada.

Entretanto, um dos padres levantou-se e retirou do bolso da batina uma pequena cruz de metal que colocou sobre o tampo da mesa. De seguida, fez questão de lembrar que o reino do Congo, excepção feita ao de Prestes João das Índias, era o mais antigo e firme reino cristão em terra gentia, o que correspondeu a um sorriso vago da parte dos visitantes. O padre pediu, depois, que se continuasse com o relato. Foi a vez do padre Velho tomar a palavra.

Soube-se então que dom Álvaro continuara animista, opondo-se à Missão Baptista e à Residência dos representantes do rei de Portugal em São Salvador, o que levou o padre da cruzinha a levantar-se de novo, a voltar a pegar na cruz e, de forma solene, a dirigir-se ao pequeno Pedro de Água Rosada.

Meu príncipe, gostaria muito que recebesse e usasse sempre esta cruz que me foi oferecida pelo criador desta missão, o querido padre Antunes. É uma cruz singular e que sempre guardei como um pequeno tesouro. Tome e guarde-a, para que não lhe sobre o demo como fez com o seu parente, esse dom Álvaro animista.

O pequeno príncipe sorriu e estendeu a mão que logo agarrou a cruzinha. O padre voltou-se, então, para os congos e fez-lhes sinal para que continuassem o relato.

Caimbambo revirou os olhos e repuchou os lábios num evidente mal-estar, que os demais atribuíram ao seu já habitual enjoo por causa dos maus cheiros. Depois contou que, encontrando-se doente, dom Álvaro de Água Rosada fora recebido na Missão Baptista, tendo esta colocado à sua disposição as maiores facilidades de tratamento da Missão de Wathen, no Estado Independente do Congo.

E os portugueses deixaram-se ficar?, alvoroçaram-se alguns padres.

Foram ultrapassados pelos estrangeiros na ligação ao rei?, guincharam outros.

Mas quem se julgam esses estrangeiros, heim?, vituperaram ainda outros.

Ao Congo fomos os primeiríssimos a chegar. Ora isso não conta, não?, avançaram ainda os que menos haviam falado.

E os portugueses deixaram-se ficar?, voltaram a repetir os primeiros padres.

Caimbambo e Abelungo olharam um para o outro e trocaram umas palavras em quicongo que ninguém mais entendeu, pois o padre Velho não as traduziu. Após um curto silêncio, até que os ânimos se aquietassem, resolveu continuar ele a explicar.

Claro que não! Logo que souberam da tentativa de alicia-
mento do rei, a missão portuguesa convenceu-o a ir receber
tratamento num meio católico e português.

Ahhhh! Assim, sim!, voltaram os padres a excitar-se,
agora pela positiva.

Eu vi logo que esses tais estrangeiros nos conheciam
muito mal!, latiu um padre pequenino com cara de perdi-
gueiro, do qual ainda se não ouvira a canina voz.

Não havia volta a dar! No Congo só nós, nós e mais
ninguém!, quase declamou o frade das hortas.

Fez muito bem o rei em ter-se mantido fiel à igreja cató-
lica e aos portugueses, concluíram outros.

Uma pausa e era chegado o momento de continuarem o
relato. Abelungo tossicou para aclarar a voz e informou que,
apesar das reticências do rei, pois o ntotela estava proibido
de ver o mar, ele e o seu séquito acabaram por embarcar
para o hospital de Cabinda, depois para Loanda e finalmente
para Lisboa, no início de 1895.

Para Lisboa?!, exclamaram os padres.

Caimbambo fez um gesto afirmativo e avançou um
passo, dispondo-se a contar a parte de que gostava mais
daquele relato, o da estadia do rei dom Álvaro na cidade
capital do Muene Puto.

Mal dom Álvaro chegou a Lisboa, foi recebido na corte
pelo seu homólogo português, o rei dom Carlos.

E então?, e então?, interrogaram os padres curiosos.

Mas o narrador, de propósito, estendia as palavras,
arrastava a voz, fazia inusitadas pausas entre cada frase,
exasperando os seus atentos ouvintes.

De início, dom Álvaro até gostou da forma simpática
como o receberam...

Só de início, porquê?, porquê?, perguntavam, algo confusos.

O pior... Bem!, o pior foi depois...

O pior?, gemeram os padres.

Longe de ficar impressionado com o fausto de Lisboa, sentiu-se ultrajado...

Meu Deus! O que lhe fizeram?, persignaram-se os mais místicos, adivinhando aziagos momentos.

Quando dom Álvaro viu que a farda dos soldados da guarda real era igual à que tinha sido oferecida, pelo rei dom Luís de Portugal a dom Afonso V do Congo...

Ohhhhhh!, ouviu-se alto a colectiva exclamação.

... foi a humilhação real. O ntotela sentiu que se consolidava nele a antiga vontade de eliminar a influência europeia na sua, e nossa, terra.

O silêncio que se seguiu a esta quase proclamação tinha a densidade do chumbo. E foi a vez de Abelungo contar o que faltava, o que acontecera depois de o rei do Congo ter deixado Portugal e ter regressado a São Salvador, em Abril desse mesmo ano. Um dos seus primeiros alvos seria a Missão Baptista, seguindo-se todos os brancos de São Salvador.

Alvos? Não percebo..., interveio o padre Malaquias, com ar consternado, a pressentir coisa má.

Alvos de morte!, respondeu Caimbambo, com as narinas escancaradas por um sopro cruel.

Pausa feita e pesada, logo sentiram os padres uma costura de angústia traçar-lhes o peito. Quando experimentavam uma vontade inquieta de saber o que havia acontecido, logo o narrador, de olhos a rodar, de braços no ar, de narinas apertadas, lhes contou que, conhecedores do plano, os irmãos baptistas tinham avisado Sant'Anna, o oficial português residente na Cidade dos Sinos e...

E..., então?, exclamaram os padres, em coro.

Então... Sant'Anna, com bastante sangue frio e servindo-se da intimidação, anunciou que usaria canhões de bronze, fazendo abortar os projectos do rei.

Um suspiro de alívio fez-se ouvir na Missão. Diz-se até que as hienas pararam, por momentos, de mordiscar as bovinas carcaças e de fazer ouvir na noite os seus gritos de criança.

O mesmo bronze dos nossos sinos!, empolgou-se o padre Malaquias.

A esse bronze se deve tal vitória!, uivou o padre com cara de perdigueiro.

Foi então que o missionário das hortas se levantou bruscamente, de barba desgrenhada como rama solta de cará e os braços abertos para o ar.

Canhões, abençoado o bronze com que foram fabricados!

Bem, que eram de bronze os canhões, lá isso eram!, disse Caimbambo.

Se era do mesmo metal dos sinos, duvido, pelo menos dos que tocam na Cidade dos Sinos, avançou Abelungo.

Se os canhões estavam abençoados, desconfio!, completou Caimbambo, alargando as narinas e inspirando fundo.

E não foi por causa deles, do medo que o inimigo tinha dos canhões, que os portugueses venceram?, interveio o hirsuto missionário.

É que não foi pelo seu troar que os portugueses ficaram vivos, respondeu-lhe Caimbambo.

Não?

Claro que não! Foi porque dom Álvaro não conseguiu atrair para o seu lado os grandes do reino, que achavam inútil, mesmo perigoso, matar os brancos.

Matar os brancos?!, ouviu-se em coro.

É que, se tal acontecesse, temiam, sobretudo, as represálias dos europeus, respondeu Abelungo.

E pensaram eles muito bem!, pois, muito mais do que as represálias dos reinos europeus aliados de Portugal, tinham a temer as represálias DIVINAS!, voltou a latir o padre com cara de perdigueiro, já os religiosos se tinham recomposto e acalmado.

Os primos congos voltaram a trocar umas palavras em quicongo que teve o condão de apaziguar o padre de voz canina. O padre da cruzinha voltou a intervir, perorando sobre os mistérios e os poderes da cruz de Cristo e os da cruzinha do Pe. Antunes, enquanto afagava a cabeça do pequeno príncipe, que voltara a adormecer. E, finalmente, os congos concluíram o seu relato, informando que dom Álvaro de Água Rosada acabara por deixar os brancos em paz até ao final do seu reinado, que ocorrera em Novembro de 1896, tendo sido eleito seu sucessor dom Pedro de Água Rosada, o menino que, naquele momento, dormia profundamente, embalado pelo som do grande relógio da Missão da Huíla.

*

* *

A sentinela anunciou a chegada dum estafeta, fazendo ouvir os poucos que restavam dos muitos sinos que tivera S. Salvador, a Cidade dos Sinos. Estafado e esfarrapado, de forquilha na mão onde se encontrava presa uma pequena pasta de couro já muito gasta pelo uso, entrou pelo portão grande da paliçada principal, apresentou-se e abriu

a pasta, dela tirando um rolo de papel que entregou a um jovem recém-chegado. Este, na posse do rolo, dirigiu-se à banza real, onde se encontrava Henrique Nteiequengue, um parente do último rei do Congo, que fora escolhido para regente, enquanto lá longe, na Missão da Huíla, o príncipe herdeiro se instruía para melhor reinar.

Correio da Huíla para o regente! Correio da Huíla para o regente!, anunciou, parando em frente da banza. Passado algum tempo, a grande porta abriu-se e apareceu um cortesão que se encarregou de guardar o correio. O regente encontrava-se sentado no tamborete real, era alto e musculado, de olhos fundos e brilhantes, a denunciar uma fina inteligência, e estava vestido com a farda de tenente-coronel do exército português.

Dom Henrique Nteiequengue fez sinal para que o seu cortesão se aproximasse, o que este fez de imediato, entregando-lhe o rolo de papel. Enquanto o desenrolava mandou chamar o ambaquista João Leitão de Lisboa para lhe ler o documento. Quando este chegou, o regente estendeu-lhe o rolo e aguardou.

– *Missão da Huíla, 1898.*

Prezado Regente do Reino do Congo, meu parente. Espero que esteja tudo a correr bem entre os meus familiares, súbditos e vassallos. Serve esta para vos dizer que, apesar de estar a ser muito bem tratado pelos padres desta Missão, não vejo altura de regressar para junto do meu povo que tanto amo. Já lá vai um ano que deixei a minha cidade e ainda falta algum tempo para terminar os meus estudos e poder, assim, regressar ao Reino para, finalmente, erguer bem alto as insígnias reais do Congo. Bem-haja o Regente pelo trabalho que tem desenvolvido na minha ausência. Por isso, desde já lhe digo que saberei recompensá-lo quando che-

gar o momento. Peço-lhe que me envie notícias do Reino. Quero estar a par do que por aí vai acontecendo. Eu sei que a distância é enorme, mas que não seja por isso que eu não saiba do que se passa na terra que em breve irei governar.

O clima aqui é macio no tempo da chuva, mas no do cacimbo chega a fazer um frio a que não estava habituado. Mas o pior é a terrível doença bovina que tem trazido muitos problemas às pessoas desta região.

Abraça-vos fraternalmente

Dom Pedro de Agua Rosada Lello, príncipe herdeiro do Congo.

Dom Henrique ouviu sempre tudo com muita atenção. Quando o ambaquista deu a leitura por terminada, fechou os olhos por alguns instantes e, depois, fez sinal para ele se retirar. O rolo fora previamente depositado numa cesta que se encontrava a seu lado. Depois levantou-se, olhou para o documento sem lhe pegar e dirigiu-se à Residência, onde foi recebido com toda a solenidade por Faria Leal, o representante do Muene Puto em São Salvador. O que conversaram, por certo tinha a ver com as notícias que recebera da Huíla, mas mais nada se soube.

Capítulo XIX

“Nasci num lugar estranho. Tão estranho e tão minúsculo que nunca o consegui identificar no mapa; volátil como a aragem, tornava-se inacessível aos ambiciosos que lhe queriam conhecer os segredos. [...] Todos os habitantes do estranho lugar onde nasci eram seres exóticos, diferentes, nem brancos, nem negros, de pele fresca graças ao vento da montanha que cercava a aldeia com um anel de rochas e mistério.”

(António Oliveira e Castro – *Tâmbwe – a unha do leão*)

O jovem João Bettencourt concluiu a primária na escola do Lubango, dirigida por um funcionário cujo desempenho levava o director da Colónia, dom José da Câmara Leme, a informar superiormente o seguinte “Apraz-me também consignar n’esta ocasião o zêlo e cuidado com que o funcionario que está à testa da escola dirige este serviço”. Ainda uma criança e com tanto para aprender, seus pais entenderam que seria melhor para todos que o menino fosse continuar os estudos na escola da missão católica da Huíla. Ali poderia até aperfeiçoar-se nos trabalhos em madeira, o que lhe poderia garantir ocupação no futuro. Os alunos, durante meio dia, recebiam a instrução literária e religiosa; no outro meio dia trabalhavam nas oficinas e na agricultura.

Como te chamas?

João Bettencourt.

E tu?

Pedro de Água Rosada.

És daqui da Huíla?

Não, sou de muito longe, do Congo. E tu?

Eu sou daqui de perto, do Lubango.

Foi assim, de uma forma simples e espontânea, que os dois jovens alunos da escola da Missão da Huíla se apresentaram, logo no primeiro dia de aulas. Ficaram na mesma carteira e de tarde foram juntos para as oficinas e para a horta.

Confesso que gosto da parte da tarde, distraímo-nos mais, sobretudo na horta, disse João ao seu colega.

Eu não estou aqui para isso, respondeu o jovem congues.

Para isso o quê?

Para trabalhar nas oficinas e no campo. São trabalhos de plebeu.

Não percebo!

É que eu sou o herdeiro do trono do Congo. Quando acabar os meus estudos regressarei a S. Salvador, a Banza Congo, e serei rei. Não se espera que um monarca trabalhe como agricultor ou artesão, não achas?

Talvez!, exclamou João, surpreendido com a resposta do colega. Depois, com um sorrindo maroto, retrocou.

Olha! E eu sou o herdeiro do trono das ilhas Canárias.

Mas que coincidência! Então não foi por acaso que os padres nos juntaram...

Mas já o seu colega não o ouvia, pois o padre que lhes ensinava algumas técnicas agrícolas os repreendera por se estarem a distrair com a conversa.

Os dias foram passando e João acabou por saber que, afinal, era mesmo verdade o que o seu colega lhe havia con-

fidenciado. Pedro de Água Rosada era o herdeiro do trono do Congo. E teve então que explicar ao seu amigo que, no seu caso, a estória não era verdadeira, tinha sido apenas uma brincadeira com o seu apelido, pois este denunciava uma antiga e provável ligação a Jean Bettencourt, fidalgo normando que havia conquistado as ilhas Canárias para a coroa espanhola. Mas isso não alterou em nada a amizade que foi nascendo entre eles.

*

* *

Dom Pedro de Água Rosada, vossa majestade não se importa de acompanhar este humilde amigo num passeio até à povoação?

Eu, o futuro rei do Congo, não me importo de vos acompanhar até à vila mas... só se for a cavalo, que não quero sujar as minhas botas de pó. A não ser que o plebeu mais importante desta escola leve um pano para as ir polindo.

E era com brincadeiras do género que João e Pedro iam cimentando a sua amizade. Para além de se encontrarem na escola e no internato, davam juntos passeios à vila quando o severo regulamento da Missão tal permitia. Numa dessas saídas, João cruzou-se com uma jovem, magra e alta, morena, de cabelos ondedos e negros, sempre a brilhar de óleo de nompeque. Olharam-se de longe, mas foi o suficiente para não se esquecer mais dela. Pedro brincava com ele,

Nompeke – *arbusto odorífero "Ximenia Americana" do qual se extrai óleo.*

com a paixão que ia ganhando cada vez mais espaço no coração do seu amigo.

Tenho de a conhecer!, dizia ele para si próprio, e Pedro ia-o aconselhando a que tivesse cuidado, pois já começara a falar sozinho e isso não era um bom prenúncio. Levou algum tempo a saber como se chamava, quem eram os seus pais e onde morava. Era suspeito um jovem quase desconhecido andar a perguntar por uma rapariga da terra.

Chama-se Amália!, confidenciou ao seu amigo, com ar de triunfo. E já sei onde mora.

Olha que ouvi dizer que o pai dela não é para brincadeiras, avisou-o Pedro.

Como sabes?

Tanto o pai como o irmão são caçadores, andam normalmente de arma na mão, sempre à procura de bicharada. De repente... no lugar do bicho estás tu e... Pum!!, disse Pedro com ar jocoso..

Pum!? Pum o quê?

Podes ser tu, de repente, a onça e...

E...

Levar um tiro, daqueles que entram de um lado para sair do outro.

Convencido de que o amigo só queria assustá-lo, João não o levou a sério.

Terei que ter cuidado, c'os diabos! O que vale é que tenho o rei do Congo a proteger-me..., disse, fingindo estar aterrorizado

Pedro sorriu com a brincadeira do colega, mas foi dizendo que nunca se sabia se, pelo facto de ser quem era, não lhe viria a ser útil um dia.

Com tanto cuidado, a maior parte das vezes por conselho e pressão de Pedro, não houve perturbações de maior no

seu relacionamento com Amália e sua família, a não ser as do seu próprio coração. Foi o padre Malaquias que apadriñou a relação desde o início e, deste modo, a aproximação foi muito facilitada. O religioso era amigo de casa de João Martins e de dona Maria da Conceição, pais de Amália, e o namoro pôde prosseguir sem problemas.

Foi então que um acontecimento veio perturbar os dias do jovem príncipe. Numa tarde calma, em que se encontrava a admirar um bonito pôr-de-sol, percebeu que o seu amigo se aproximava um tanto excitado.

Pedro! Pedro! Está aqui um padre à tua procura. É uma notícia muito importante.

Meu príncipe, meu príncipe, chegou uma carta do Congo, dizia o missionário, enquanto exhibia um pequeno rolo de papel.

Dom Pedro de Água Rosada desenrolou-o e começou a ler. João viu-o empalidecer e, aos poucos, assumir uma atitude grave.

Morreu o Regente. Tenho que me preparar para regressar, disse apenas. Depois afastou-se e entrou na igreja da Missão.

*

*

*

Enquanto na Huíla o jovem príncipe aguardava pelo regresso, em Banza Congo já um novo regente havia sido encontrado pelos portugueses. O residente, Faria Leal, havia conseguido que as várias linhagens aceitassem Pedro Bemba, que ele próprio escolhera, como dom Pedro VI, e

que assim passou de regente a rei. Em Loanda era tratado com a deferência devida a uma alta personalidade e, tendo sido convidado a ir a Lisboa, foi ali recebido como descendente de dom Afonso I.

Não pode ser! Isto é uma verdadeira aberração! Como é que se trata como soberano este Pedro Bemba, quando o legítimo herdeiro ao trono, dom Pedro de Água Rosada Lello, se encontra na Huíla já há oito anos a aguardar?, barafustava irritado o padre Isaías, na residência, perante a evidente má disposição de Faria Leal. E sabe-se que Água Rosada é uma pessoa instruída, afeito às nossas coisas, à nossa forma de viver, temente a Cristo Nosso Senhor. Não vos esqueçais que foi educado por padres espiritanos...

Padre! Sei que gostais de dom Pedro mais pelos educadores que teve do que por ele próprio. Lembre-se que saiu daqui quando ainda era um miúdo e hoje nem sequer o conhecemos. Pelo menos, Pedro Bemba é da nossa confiança. Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Quereis dizer com isso que nós, os religiosos, não nos devemos meter nesta questão porque se trata de política, não é assim? Pois devo dizer-lhe que pode não ser um assunto essencialmente religioso, mas é matéria de moral e uma questão de honra. Então por que motivo se enviou dom Pedro de Água Rosada para a Missão da Huíla se não foi para se cultivar na nossa fé e nos nossos princípios? O príncipe já concluiu os seus estudos e está pronto para regressar.

Padre Isaías, peço que vos caleis sobre este assunto. Pedro Bemba já foi aceite por todos e... pronto! Assunto encerrado.

E dom Pedro de Água Rosada?

Esse continuará pela Huíla, até ver...

Capítulo XX

“Estive na Chibia!

Vinha febril. Sentou-se no majestoso trono de verga que o bisavô do albino trouxe do Brasil. Cruzou as pernas, descruzou-as. Pediu um uísque. O meu amigo serviu-o, aborrecido. Santo Deus, o que fora ele fazer à Chibia? Fui visitar a campa do meu pai.”

(José Eduardo Agualusa – *O vendedor de passados.*)

Estava calor nesse dia de Março de 1900, em que o sol se deixava reflectir no espelho de quartzo e mica das rochas, recentemente quebradas, que adornavam a ponta do Lubango. Uma boa parte dos habitantes da povoação encontrava-se no interior de suas casas, aqueles que o trabalho da lavoura dispensara nesse dia.

Entrei a trote na principal rua da povoação, deixando um rasto de poeira amarela.

Por favor, pode indicar-me a casa do senhor José Bettencourt?, perguntei a um indivíduo que por mim passava, olhando-me com evidente curiosidade.

É aquela acolá, a única que tem as janelas e a porta com um rebordo azul, respondeu, apontando em direcção ao meio da rua.

Era fácil dar com a casa. Agradei e fiz a montada avançar mais depressa. Chegado ao local, preendi as rédeas do

animal a um tronco de árvore e dirigi-me à casa. Bati à porta e aguardei. Pouco tempo depois, a porta abriu-se.

Boa tarde! Chamo-me Paulino Pilarte, resido na Chibia e venho cá a pedido de sua senhoria o chefe do concelho da Huíla.

Boa tarde, sou José Bettencourt. Seja bem-vindo!

Estendi-lhe a mão e sorri. O dono da casa também sorriu.

Como verá, não se trata de nada extraordinário. Apenas lhe trouxe uma encomenda...

Não deixando de revelar alguma estranheza, o dono da casa convidou-me a entrar. Já dentro, apresentou-me à sua mulher e depois fomos até à pequena sala de jantar onde também recebiam as raras visitas que tinham.

Maria Cristina ofereceu os seus licores. Eu preferi uma bebida mais fresca, pois a viagem tinha-me deixado sedento. Depois de ter bebido a água que um moringue refrescava, dei uma vista de olhos pelo quarto, chamando-me a atenção um nicho onde se encontrava a imagem, iluminada por uma candeia, de um Menino Jesus de ferro preto, e o retrato a óleo de uma das paredes.

Então, o que me quer Pedro Chaves?, perguntou José Bettencourt.

Trago-lhe um pedido e uma surpresa para sua esposa.

Não percebo! Um pedido e uma surpresa?

Eu explico! É que a fama dos vossos licores já chegou à Chibia.

Maria Cristina sorriu, um pouco embaraçada.

Não os inventei com esse fim! Os licores que faço são apenas o resultado de uma tradição antiga de família. Aqui, apenas mudei a matéria-prima, explicou.

Pois é! Só que dona Guilhermina, a esposa do capitão Pedro Chaves, que já conhece a qualidade dos seus licores,

foi deixando claro a seu marido, que nunca lhe nega nada, que gostaria muito de os ter no jantar de inauguração da sua fazenda.

E fez a viagem só por isso?

Não! Eu tive que ir à povoação da Huíla tratar de uns assuntos e não me importei de dar um pulo até aqui ao Lubango.

Por momentos interrompi a conversa e voltei a fixar o olhar no retrato.

É o meu trisavô!, disse Maria Cristina, apercebendo-se da minha curiosidade.

É curioso mas... faz-me lembrar alguém!

Todas as figuras antigas nos parecem idênticas! A mesma forma de posar, a mesma roupa, o mesmo estilo..., observou Bettencourt.

Não, não! É o seu olhar... Lembra-me o retrato do meu bisavô, permanentemente a observar-nos na sala do casarão de minha avó, em Benguela, retorqui.

Este tem para nós um simbolismo especial, pois representa a minha mais antiga ligação a esta terra, interveio Maria Cristina.

Levantei-me e fui observar o quadro mais de perto.

Incrível, mas parece-se mesmo muito com o meu bisavô!

Pois asseguro-lhe que este é o meu trisavô! Um dos primeiros capitães-mores da Huíla.*

Aqui, recuei e, virando-me para ela, perguntei como se chamava.

Chamava-se António, António Rodrigues Jardim.

Por momentos fiquei sem fala.

Também é o nome do meu... bisavô! Como é possível?

* Ver: *O Planalto dos Pássaros* (2002)

Capítulo XXI

“Pelo grau de prosperidade que atingiu a Chibia [c. 1890], pela sua óptima posição no centro da fertilíssima bacia do Nene, pela importância das suas transacções comerciais [...] e relações com os centros produtores dos Gambos e Humbe, pelo rápido crescimento e estado florescente das suas propriedades agrícolas, é considerada a colónia mais rica do planalto e aquela a que está destinado um mais brilhante futuro”.

(Pereira do Nascimento – *O districto de Moçâmedes.*)

Dona Guilhermina estava nervosa como poucas vezes. A cada passo de suas grossas pernas, gemiam as tábuas novas que forravam o chão de seu quarto e tremelicavam os cachos do penteado, presos por pequeninos pentes de tartaruga e travinquinhas de marfim com embutidos de prata. Os convidados iam chegando, uns de muito perto, das fazendas que iam nascendo nas margens do rio Tchimpunhime, outros da povoação da Huíla, dali a uns dezoito quilómetros de distância; os mais distantes de Serra Abaixo e mesmo de Moçâmedes, já hospedados aqui e ali desde alguns dias antes do evento. Dona Guilhermina estava ansiosa que chegassem todos para verem com os seus próprios olhos como ela vivia no melhor sobrado do planalto, de plantações ricas e bem tratadas, onde sobressaía o engenho de moer

cana. Sempre sonhara em ser senhora de engenho e se não o fora na sua Caconde natal, no longínquo Brasil, era-o agora na Chibia, na sua fazenda... Amélia.

O único senão era o nome que o teimoso do seu marido quisera em lugar do seu, que era muito mais bonito, muito mais cheio, muito mais sonante. Mas, enfim, isso que ficasse para lá, que ela já não queria maçar-se mais. O que importava agora é que ela era a dona da maior e mais rica fazenda da região, prestes a ser palco de uma festa como nunca houvera outra, em todo o planalto.

Uma festa assim terá que contar com gente importante, não apenas comerciantes e sertanejos como a maioria dos que por aqui andam. Destes, que venham os mais abonados de cabedais, mas gostaria de ter aqui alguém com melhores pergaminhos..., dizia dona Guilhermina.

A minha mulher já está a fantasiar; essa sua mania das grandezas ainda lhe vai dar algum desgosto, criticava Pedro Chaves.

O meu marido não gostaria de ter aqui, na sua fazenda, sentado à nossa mesa, um militar de alta patente que..., e aqui suspendeu um pouco o que dizia para, de seguida, vincar melhor, ...fosse de primeiríssima linha?

Pedro Chaves, que desta vez não gostara mesmo nada da alusão que sua mulher fizera ao facto de ser oficial... de segunda linha, mostrou um ar de aborrecimento e, quando se preparava para dizer qualquer coisa, ela continuou a falar.

Oh!, como gostaria de ter aqui um fidalgo, um genuíno, que tivesse vindo do reino, ou do Rio de Janeiro, para dar o lustre que a nossa festa merece. Mas para cá só vêm pés-rapados...

Pedro Chaves resolveu usar a arma definitiva e avançou, certo da vitória final.

Se lhe faz tanta falta um fidalgo, há um aqui bem próximo.

Um fidalgo aqui bem próximo? Onde?

Pedro Chaves olhou-a de frente, triunfante.

Ora onde? Aqui perto, no Lubango!

No Lubango? Não me faça rir..., ripostou dona Guilhermina, sustendo o seu avanço.

O chefe da colónia é um fidalgo madeirense, dom José da Câmara Leme, insistiu Pedro Chaves.

Dona Guilhermina vacilou, mas recompôs-se depressa.

Sempre é fidalgo, esse sujeitinho? questionou.

Sujeitinho, Guilhermina?

Eu pensava que era por chacota, ou porque era espanhol que o tratavam por dom. Lá poderia imaginar um dom verdadeiro a viver no meio daqueles barracões de pau a pique e capim ...

Barracões de pau a pique?, exclamou Pedro Chaves.

Sim! Ouvi dizer que os tais colonos que chegaram ao vale do Lubango não tinham onde cair mortos, quanto mais um sítio decente para residirem. Por isso construíram, com as suas próprias mãos, cubatas como as do gentio, para não pernhoitarem ao relento em companhia dos bichos, rebateu ela, certa da estocada final.

Pedro Chaves, estrategicamente, recuou para ganhar forças. Por qualquer razão mais profunda que desconhecia, chegou-lhe à memória uma fugaz lembrança de Chaungo que ainda mais o enfureceu.

Ó mulher!, fuzilou ele, de sobrolhos arqueados como sua mulher não estava habituada a ver-lhe. Depois esfumou-se a lembrança e acalmou-se um pouco. Olhe que isso da construção dos barracões já foi há quase quinze anos e era uma situação provisória; agora a povoação está diferente, cresce a olhos vistos e dom José habita uma bela casa.

Sem acreditar muito na explicação do marido, mas sem vontade de lhe ver de novo o assomo de fúria inusitada, lá condescendeu dona Guilhermina.

Está bem!, convide-o lá. Sempre é melhor do que nada.

Quando já seu marido começava a esfregar as mãos, embevecido pela vitória, ela deu um passo atrás no que tinha dito.

Mas como seria diferente termos um titular, mesmo que fosse dos escalões mais baixos, tipo barão, arremeteu. De seguida, mudou de tática, amaciando a voz num ronronar de palavras melosas, como só ela sabia dizer no seu português do Brasil. Quando usava esta estratégia, seu marido amolecia e deixava-se (con)vencer. Pedro Chaves, mansinho como sempre ficava quando sua mulher lhe falava assim, com aquelas palavras aprendidas na sua juventude mineira, pôs a cabeça a funcionar a todo o vapor para ver se tirava dela uma ideia que lhe agradasse. Foi então que se lembrou de algo que poderia mudar tudo.

Guilhermininha, lembrei-me agora mesmo que reside na Huíla, há pouco tempo, não um barão, mas um príncipe mesmo! Pode ser que...

Mas dona Guilhermina não o deixou continuar. Quase a sufocar de nervosismo, com a papada a pulsar fortemente, deu um grito e avançou para o seu marido que, assustado com a súbita transformação, recuou um passo.

Como foi que não soube disso antes? Quem é esse príncipe? Onde mora? Temos que o convidar!

Calma meu anjo! Não se perturbe assim, que só lhe faz mal.

Mal vou ficar se não me conta ra-pi-di-nho o que se passa!

Pedro Chaves contou então a sua mulher como soubera da existência dum príncipe, na Missão da Huíla. Só que

deixou para o fim a informação de que se tratava, não de um príncipe europeu, nem brasileiro, mas de um africano, oriundo do longínquo Congo, vindo para a Missão com o nobre objectivo de estudar e preparar-se, para melhor servir a sua terra. Dona Guilhermina, que embandeirara em arco e exultava de felicidade, abrandou os abraços e as carícias ao seu marido.

Bem!, à falta de um príncipe europeu, que venha mesmo esse, sempre será melhor que nada, foi dizendo, sem esconder o desapontamento.

Mas sempre é um príncipe, e herdeiro da coroa conguesa! É melhor do que um simples barão, mesmo que reinol, não acha a minha mulher?, tentou animá-la Pedro Chaves.

Talvez tenha razão!, contemporizou ela. Só que, espero, não seja um desses reizetes gentios, quase nus e com uma pele de onça a esconder-lhe as vergonhas. Havia de ser bonito, os cães cá da fazenda a atirarem-se a ele, julgando estarem perante um leopardo. Que escândalo. Deus me livre!

Pedro Chaves que, de novo, voltava a sentir as zagaia-das da irritação, pronunciou o nome dela na totalidade, sinal de que o jindungo lhe chegara ao nariz, e depois explicou-lhe que se tratava dum príncipe do reino cristão do Congo.

Não sei se sabe, e se não sabe fica a saber, que os monarcas desse antigo reino são tratados por irmãos pelos reis de Portugal, já há quatrocentos anos.

Ai sim?, gemeu ela, percebendo que mais valia ceder. Então as coisas mudam de figura! Mas estaremos perante alguém com nome de gente, presumo.

Sim, claro! Chama-se dom Pedro de Água Rosada.

Pedro, como você, meu marido, e... Água Rosada soa-me bem. Gosto do nome cristão desse príncipe congues.

Afinal, o que interessa é assumir que ele tem mesmo importância e... pronto! Os nossos convidados comerão o que lhes dermos, não é assim, meu marido?

Pedro Chaves fitou sua mulher, sorriu e disse para si mesmo que Guilhermina era um portento. Sem ela, ele poderia ser alguma coisa na vida, mas nunca teria chegado até ali, a ser o morador mais importante de todas as terras altas da Huíla. O seu presente, e provavelmente o seu futuro eram, em muito, fruto da ambição de sua mulher. Preparou-se, então, para ir até à povoação da Huíla, convencer os padres da Missão a levarem o jovem príncipe à sua festa.

*

* *

Quando a importante data começou a estar muito próxima, logo ali ao virar da esquina do tempo, os dias iniciavam-se para dona Guilhermina, ainda os primeiros alvares da manhã espreitavam. Durante os cinco dias que antecederam a festa, ouvia-se por todo o sobrado da fazenda Amélia os seus passos pesados e nervosos, não deixando a criadagem quieta. As cozinheiras que tivessem em conta os produtos vários e frescos para os caldos e sopas, a variedade de peixe do rio e peixe seco do mar, a carne de todos os tipos de animal doméstico comestível mais a dos antílopes, que os caçadores de seu marido haviam garantido; os criados de fora que trouxessem tudo aquilo que era necessário para que a cozinha correspondesse, as águas, as banhas e os óleos vegetais, as aguardentes regionais de cana e os vinhos portugueses, as lenhas para aquecer os grandes

fogões de ferro e os fornos de cozer o pão; os criados de dentro que areassem bem os tachos e as panelas com areia misturada com cinza, lavassem as vidraças e gelosias, limpassem o pó ao mobiliário, mudassem as velas antigas por novas e cheirosas, encerassem o soalho, esfregassem a pedra da escadaria e de cantaria.

Ah! E os licores? E os licores de dona Cristina? Não poderão faltar na minha festa, seria uma falta imperdoável!, lembrou-se de repente dona Guilhermina, que de imediato fez saber a seu marido o seu súbito e tardio desejo. Este, sorrindo, foi logo dizendo, com um certo ar de triunfo, que já providenciara para que os famosos néctares chegassem a tempo e que convidara, para estarem presentes na inauguração da fazenda, dom José da Câmara Leme, dona Cristina e seu marido, José Bettencourt.

E se poucos houver, que venha pelo menos o de pitanga!, disse excitada dona Guilhermina.

Aproveitei uma ida de Pilarte àquelas bandas para, no regresso, trazer os licores... que já estão cá e bem guardados, disse, a sorrir, Pedro Chaves.

Ai que surpresa boa!, fez ouvir alto dona Guilhermina, fazendo uma festa na face de seu marido. Este, agradado, continuou a dar informações.

E aproveitei para solicitar a dom José o obséquio de trazer com ele o casal Noronha Bettencourt, dada a dificuldade em se arranjar um transporte cómodo até aqui.

E fez muito bem!, que eu, finalmente, vou ter o prazer de conhecer a autora dos famosos licores do Lubango. E quem sabe, talvez consiga que ela me deixe algumas receitas...

Capítulo XXII

“A cana-de-açúcar foi a cultura que conferiu à Chibia uma prosperidade que [...] a levou a destacar-se das restantes colónias agrícolas do planalto [...]. Deste período de apogeu restavam testemunhos, o mais expressivo dos quais era a Fazenda Amélia – que em 1891 contava com 200 serviçais – cuja casa em ruínas revelava pela arquitectura e vestígios deixados na decoração interior sinais da abastança dos seus proprietários.”

(Maria do Céu Gomes – *Vila João de Almeida*
(Chibia) [...].)

Chegado o dia da grande festa e ainda antes desta começar, dona Guilhermina já estava quase morta de esfalfamento. A seguir ao almoço, resolveu retirar-se para o seu quarto, repousar um pouco e depois proceder à sua toilette, para a qual contava com a ajuda preciosa de Lizete, sua criada de quarto. Esta há muito que esperava pelo dia da festa, pois desde que fora anunciada nunca mais tivera sossego, no muda que muda de vestimenta, no troca que troca de meias e sapatos, no altera que altera do penteado da patroa. Nunca havia visto a sua senhora tão irascível, nervosa e prepotente. Chegara mesmo a pôr a hipótese da fuga do sobrado da fazenda Amélia, mas depois matutou, e bem, que viria a arrepender-se, não só pela perseguição

que a sua senhora lhe poderia mover, furiosa pela traição, como porque não iria encontrar uma casa tão rica e farta como aquela. Mas dona Guilhermina queria que tudo corresse na perfeição e, ainda antes de fechar as portas de seu quarto, mandou que viesse depressa o intendente da fazenda para se inteirar de que ele estava a par de tudo, de todas as estratégias, de todos os planos da festa, para que nada corresse mal.

Exaltada, dona Guilhermina mirava-se ao espelho e gritava a Lizete o seu desespero por não conseguir meter os pés nos sapatos que melhor iam com o vestido que, finalmente, escolhera para aquela noite.

É do calor e de ter andado muito, minha senhora!, dizia baixinho a criada de quarto, enquanto se empenhava em alargar os sapatos seleccionados.

Dona Guilhermina gemia e gritava, de cada vez que os sapatos embebiam os seus pés inchados.

Vai, maldita, buscar depressa uma bacia com água fresca para mergulhar os meus pés!, gritava ela, lançando os sapatos pelo ar, enquanto os canudinhos do seu cabelo tremelicavam, presos dos pentinhos de tartaruga e travinquinhas de marfim.

Finalmente, serenado o ambiente no quarto, dona Guilhermina mandou que chamassem o seu marido e com ele se retirou dos aposentos, sob uma chuva de suspiros de Lizete. Ansiosa, a anfitriã foi-se preparando para a sessão do beija-mão. Sua parentela, a que vinha de Serra Abaixo, já se encontrava na fazenda.

Uma carruagem fez soar seus rodados pelo caminho que conduzia ao portão principal da fazenda Amélia e, pouco tempo depois, quatro cavalos ajaezados de forma festiva irromperam pelo terreiro fronteiro do sobrado de Pedro

Augusto Chaves. O soldado miliciano que postado estava para trompetar avisos, de cada vez que se aproximava um convidado, distraíra-se e só deu pela chegada da carruagem quando esta já se encontrava à sua frente. Nervoso, meteu à pressa a corneta na boca, mas o único som que se ouviu foi o da sua aflição, pois quase engolira o instrumento, tendo ficado com ele engatado nas goelas e com dois incisivos a abanar. Esta foi a primeira baixa que o batalhão de trabalhadores do major Pedro Chaves sofreu nesse dia em que, segundo diziam, o oficial travava a sua mais importante batalha. Daí que tenha sido necessário providenciar outro corneteiro, de gasganete e dentadura mais resistentes e de fôlego mais consistente.

O casal anfitrião, nervosa mais ela do que ele, assomou ao cimo da escadaria e aguardou que subissem os recém-chegados, o fidalgo dom José da Câmara Leme, director da colónia Sá-da-Bandeira do Lubango, e o casal Noronha Bettencourt. Logo atrás vinha José da Nóbrega, muito direito na pequena charrete que havia mandado fazer, sob a sua directa orientação, com base na carroça que lhe dera fama. Embora já com a possibilidade de a construir com pregos e parafusos, entendera fazê-lo, também desta vez, só com encaixes e cola de madeira. Felizmente, este carro não chiava como o primeiro, o que fez dona Guilhermina suspirar de alívio. Não lhe perdoaria se tivesse vindo naquela geringonça barulhenta!

Não é que a tivesse visto, mas ouvi dizer que o sossego, lá para as bandas do Lubango, nunca mais foi o mesmo, comentou, enquanto fazia o gesto de aparafusar o dedo mindinho no ouvido.

Seu marido, que também não escondia o alívio, lembrou-lhe que convidara o Nóbrega porque, garantidamente, ele

não viria à festa na tal carroça chiadeira. Depois sorriu e fez um aceno aos convidados que chegavam. Câmara Leme trajava uma casaca escura e por cima de um grande laço de veludo azul deixava ver um rosto pequeno que parecia maior porque prolongado numa barbicha de tons acastanhados, como o ralo cabelo. O nariz era comprido e os olhos pequenos e reluzentes. Quanto ao casal que com ele vinha, apresentava-se modesto no vestir, dadas as pobres condições que a recente colónia ainda enfrentava. A senhora trajava um vestido de cambraia de algodão e apenas um lenço sobre os ombros, preso com uma pequena joia. Os cabelos apresentavam-se simples e naturais. Seu marido, de barba e bigode, vestia calças de casimira e casaca, lenço no pescoço e empunhava uma bengala que lhe deixara seu avô materno, José António de Albergaria Perestrelo, de quem, aliás, herdara o físico e o nome.

Sejam bem-vindos! Como vai dom José? A viagem foi boa? E a senhora, dona Maria Cristina, e o senhor José Bettencourt, como estão? Estejam à vontade, como se estivessem em vossa casa. Depois, virando-se para Nóbrega, estendeu-lhe a mão num enérgico cumprimento.

Gostei de o ver chegar numa charrete tão bonita e... tão silenciosa!, não conseguiu deixar de dizer, dona Guilhermina, apesar do apertão de contrariedade que seu marido lhe fez sentir no braço. Nóbrega apenas sorriu, enquanto cumprimentava a ilustre anfitriã. Esta, chegando-se a dona Maria Cristina, sussurrou-lhe ao ouvido, que já quase acabara, sozinha, com o licor de pitanga. Também num sussuro foi a resposta obtida. Pedro Chaves, sentindo que qualquer coisa lhe escapava, nomeadamente quando notou uma marotice qualquer no rosto de sua mulher, cutucou-a com a ponta do cotovelo. Dona Guilhermina

soltou um gritinho, olhou ternurenta para o seu marido e enganchando-se nele, acompanharam os convidados até à entrada da residência.

A escadaria era ladeada por serviçais, empunhando archotes que não só iluminariam a fachada do sobrado da fazenda Amélia, quando se fizesse mais escuro, como perfumavam o ar com o cheiro da cera silvestre misturada com capim cota-cota e folha de eucalipto; eram, a um tempo, lanternas que clareavam a noite e fumigadores que afugentavam a mosquitada, sempre tão agressiva quando as primeiras sombras do final do dia começavam a esvoaçar.

Mais uma carruagem que chega. As portas abrem-se e saem o facultativo de saúde do concelho da Huíla, doutor José da Silveira Montenegro, e sua esposa, dona Maria da Encarnação Ribeiro.

Sejam bem-vindos à fazenda Amélia!, disseram os anfitriões.

Os nossos agradecimentos pelo simpático convite e muitos parabéns pela obra, cumprimentaram os convidados.

E o distinto casal avançou para o salão, conduzido pelo intendente da fazenda que, com salamaleques, ia indicando o caminho. Um barulho de rodados voltou a fazer-se ouvir e uma caleche deu entrada no pátio fronteiro à casa. Dela saíram os irmãos Almeida que, após terem observado rapidamente em redor, se entreolharam com admiração, pois não era habitual tal pompa por aquelas terras. Sorriram satisfeitos por terem escolhido para habitar um local que proporcionava tal riqueza e avançaram para a escadaria. Chegados ao cimo, primeiro avançou o mais velho, António José, que repenicou um beijo na mão papuda que dona Guilhermina lhe estendia, sendo seguido no gesto por Jo-

aquim. De seguida, cumprimentaram o dono da casa que não escondia um sorrisinho de satisfação e vaidade.

Parabéns por esta obra que é um exemplo para todos nós e motivo de confiança no futuro que estas terras nos reservam, avançou o Almeida mais velho.

E agradecemos muito o convite para estarmos hoje aqui. É um privilégio!, completou o Almeida mais novo.

Soa de novo o cornetim e eis que se aproxima uma machila. Entretanto, os Almeidas avançam em direcção ao salão, cujas portadas se abrem de par em par. Em baixo, a machila parou e dela saiu o casal Soares Rosa.

Aí vem mana Teresa! Como se sentirá ela ao entrar na nossa fazenda, coitada?!...

Guilhermina, não seja assim! O Francisco faz o que pode, não deixou, seu marido, de a recriminar.

Pois é... ele faz o que pode!, desdenhou ela.

Se o nosso filho sabe ler, escrever e contar bem, a teu cunhado o deve, atalhou ele.

Mas como o casal recém-chegado já se encontrava muito perto, calaram-se, sorriram e, enquanto Pedro Chaves recebia seu concunhado com um forte abraço, dona Guilhermina pespegava dois sonoros beijos à irmã. Quando foi a vez de receber os cumprimentos de Francisco, perguntou-lhe como corriam as coisas na escola. Ele lá foi respondendo que, felizmente, as coisas corriam bem quanto ao ensino e que as escolas do sexo masculino e do sexo feminino, esta última inaugurada há apenas meia dúzia de anos, estavam cheias de crianças desejosas de aprender.

Até a este nível, a Chibia é um sucesso!, interveio dona Teresa, olhando para a irmã. A nossa povoação da Huíla fi-

Machila – *liteira*.

cou parada no tempo e com a mudança da sede do concelho para cá, também viemos nós. O que ficávamos lá a fazer?

Pois é, sem dúvida que fizemos bem!, concordou Pedro Chaves.

Eu larguei o cargo de escrivão fiscal do concelho e fui nomeado professor da escola da Chibia. Para além de tudo, é um magistério que muito me apraz, informou Francisco Rosa.

E o casal Teles Grilo, já não volta à nossa escola?, perguntou-lhe dona Guilhermina, sem vontade de partilhar sucessos com mais ninguém.

Não! Gostam de viver e trabalhar na Humpata, segundo ouvi dizer.

Gostam? Estranho! Com aqueles bóers todos a passearem-se por lá... Dizem que é gente bem difícil de aturar.

Para si foi bom, pois assim pôde regressar à escola, não é verdade?, interessou-se Pedro Chaves.

Sem dúvida! Eu gosto muito de ensinar.

E quantos alunos tem agora a seu cargo?

Este ano são mais de meia centena e chegam quase a este número as alunas. São mais de uma centena no total, respondeu Francisco Rosa, um tanto admirado com as perguntas, sobretudo naquele lugar e momento.

Nada mau para uma povoação tão recente, concluiu Pedro Chaves. Outras mais antigas não conseguem ter tantos alunos nas suas escolas.

Outra vez o cornetim e mais convidados chegavam. Primeiro, Albino Vidigal, no seu boi-cavalo preto e branco, que apresentava um curioso sinal triangular na cabeça, como se fora o boi nauânga, o boi sagrado do cortejo da ondjélua,

Ondjélua, Ondyelwa – cortejo do boi sagrado que se fazia sob os

seguido de José António Lopes, montado num magnífico cavalo negro. Logo atrás, vinham duas machilas, conduzida cada uma por quatro fortes carregadores, nas quais se faziam transportar o enfermeiro-farmacêutico Nicolau da Silva Carvão e sua esposa, dona Lucinda Leocádia Ferraz, o capitão de caçadores do Quiteve, Júlio César Barata-Feio e sua mulher, dona Josefina Alice da Silva Carvão, filha do enfermeiro-farmacêutico. Os anfitriões prepararam-se para recebê-los e os Soares Rosa foram encaminhados para o salão, onde já se encontrava a maior parte dos convidados.

E eis que chegam os Carvões devidamente escoltados pela Barata-feia, sussurrou dona Guilhermina de linguinha viperina.

Tenha tento, minha mulher, que eles podem ouvir, avisou o marido.

Seria muito pior se me ouvissem dizer “escoltados pela Barata-tonta”, não é?

Está bem, está bem! Mas agora acalme lá esses seus comentários, que os convidados já estão muito próximos. E olhe que o capitão tem fama de irritadiço...

Dona Guilhermina encolheu os ombros, torceu a boquinha num muxoxo pouco dissimulado e depois abriu-se num sorriso para as senhoras que chegavam. Estas avançavam, fazendo ouvir os frufus dos seus longos vestidos de cerimónia quando roçavam na pedra da ampla escadaria. Seguiam-nas, solenes, os seus esposos, o sogro-capitão e o genro-farmacêutico, o primeiro envergando um pomposo uniforme militar e o segundo, mais discreto, de casaca cin-

auspícios do soba da Huíla, durante o mês de Outubro, com o objectivo de honrar o espírito dos sobas falecidos. O boi sagrado “Nawanga” distingue-se pelo sinal, em forma de triângulo branco, que apresenta na cabeça. (N.)

zenta e um lenço ao pescoço preso por um alfinete de prata, no qual se via gravado o desenho de uma seringa sobre um boião de farmácia. Se este não escondia a idade já um tanto avançada, a rondar os setenta anos, aquele aparentava ter quarenta anos de idade, cabelo ainda sem brancas e porte marcial que não escondia um arrastar da perna direita, mazela sofrida durante uma dura refrega, em que uma zagaia humbe se lhe espetara na coxa, diziam os mais chegados à amizade ou apenas à lambidela de botas; espectáculo apenas, fingimento de cicatrizes de guerra e heroísmos de quem nunca entra em combate, diziam os menos chegados, movidos pela antipatia ou pelo ódio ao capitão do Quiteve.

Uma cicatriz mais antiga, mas da qual nunca transpirara a causa, marcava-lhe o lado direito do rosto, dando-lhe um ar estranho, quase ameaçador. Quando falava, o sotaque era tão marcado por xes que depressa deixava clara a sua proveniência serrana da Guarda, no profundo Portugal.

Obrigado por xe ter lembrado de nós, os desterrados do Quiteve, disse o capitão, com a cicatriz a acompanhar os xes.

Mas é uma honra tê-lo cá, capitão. O Quiteve não é no fim do mundo!, respondeu amavelmente o anfitrião.

Pois é tão fim do mundo para mim, como o Ponto Euxino era para o imperador romano meu homónimo. Como ele – a quem faxo por xeguir na conduta militar – também gritei, quando cheguei ao Quiteve: vini, vidi, vici!

Após ter gritado o seu latinório, o capitão encheu o peito de ar e fez a cicatriz inchar e ganhar uma tonalidade violácea, causando um calafrio a dona Guilhermina, o que não passou despercebido a seu marido. Este tratou de fazer os recém-chegados avançarem para o interior do sobrado, onde depressa desapareceram.

Entretanto, já refeita do calafrio, dona Guilhermina começou a andar de um lado para o outro e a esfregar de nervoso miudinho as mãos papudas.

Estou a ficar ansiosa! Será que aconteceu alguma coisa? Nunca mais chega o carro da Missão com o príncipe!

Pedro Chaves tentou acalmá-la.

Deve estar mesmo a chegar, tenha calma. Olhe, não lhe dizia! Aí está a machila da Missão. Vamos lá então conhecer o nosso príncipe.

As cortinas da machila abriram-se e dela saiu um missionário que, dando a volta ao veículo, abriu as cortinas daquele lado e, estendendo a mão para o seu interior, ajudou a sair o jovem Pedro de Água Rosada. A sorrir, este foi conduzido pelo missionário até ao casal que se abeirava, curioso.

Dom Pedro de Água Rosada, príncipe herdeiro do Reino Cristão do Congo, apresentou o missionário.

Dona Guilhermina ficou embaraçada, não sabendo como cumprimentar o príncipe, se de beijo, se de abraço, se só com palavras de boas vindas. Percebendo isso, o missionário apresentou-os ao príncipe e este, fazendo jus à educação que recebera, retirou o chapéu alto que trazia na cabeça e, dirigindo-se à anfitriã, pegou-lhe com delicadeza na mão e levou-a levemente aos lábios, simulando um beija-mão. Depois, virando-se para Pedro Chaves, cumprimentou-o com uma pequena vénia.

Seja bem-vindo à nossa fazenda, dom Pedro. Sentimo-nos muito honrados com a sua presença, disse Pedro Chaves. Depois, saudou o já seu conhecido padre Velho, e convidou-os a segui-los até ao interior da casa grande.

*

* *

No grande salão, os convidados aguardavam a chegada dos donos da casa, o que aconteceu quando se abriram duas grandes portas de girasonde, trabalhadas em alto-relevo com motivos clássicos que, aqui e ali, se misturavam com elementos da fauna e flora locais. Os convidados, iluminados pelo grande lustre de cem velas do salão principal, viram então entrar o casal anfitrião, dona Guilhermina Alemão Coimbra, de cabelo negro aos canudinhos presos por pentinhos de tartaruga e travinquinhas de marfim, de braço dado com seu esposo, o oficial de 2ª linha Pedro Augusto Chaves, cavaleiro da Ordem de Torre e Espada, fundador de São Pedro da Chibia e grande proprietário da fazenda Amélia. Com eles chegavam o padre Velho e dom Pedro de Água Rosada, príncipe herdeiro do reino do Congo.

Mas que pompa a de minha irmã e seu marido!, comentou dona Teresa.

Pois está visto que estas terras são criadoras de riqueza, sussurrou seu marido, Francisco Rosa.

Quem é aquele negrinho? O que vem cá fazer um rapaz da Missão?, perguntou uma das senhoras, recentemente chegadas de Serra Abaixo.

Esse rapaz não é mais nem menos do que o príncipe herdeiro do Congo e está a terminar os seus estudos na Missão, como me confidenciou minha irmã Guilhermina, elucidou dona Teresa, com alguma irritação na voz.

Fizemos bem em ter deixado Caconda, disse, convencido, António José de Almeida a seu irmão Joaquim.

A nossa povoação da Huíla já deu o que tinha a dar. Agora é a Chibia que conta, constatou José Lopes, dirigindo-se a Albino Vidigal, seu amigo e conterrâneo, que cavaqueava comigo. Ao reparar que o casal Bettencourt se encaminhava na nossa direcção, pedi licença a Vidigal e a Lopes e

dirigi-me aos meus parentes, a quem cumprimentei com satisfação.

Ainda bem que vieram! Gostei tanto de vos conhecer.

No dia em que descobrimos que algumas das nossas raízes eram comuns, disse dona Cristina.

É verdade! Quem haveria de dizer que o retrato que tinham na parede de vossa casa era... do meu bisavô?

Do seu bisavô e meu trisavô, completou dona Cristina, com um sorriso de boa disposição. Não escondia que lhe agradava ter-me encontrado ali.

Já agora, aproveito para lhe apresentar um grande amigo, José da Nóbrega, avançou José Bettencourt.

Nóbrega, que tinha estado atento à conversa, não deixou de perguntar que estória era aquela do nosso antepassado comum. Expliquei-lhe, então, que há quase cento e cinquenta anos a povoação da Huíla, quando se chamava Alba Nova e era o tempo do grande soba Kanina Ngonga, tinha tido como capitão-mor um nosso ancestral.*

Que interessante! E como se chamava?

António Rodrigues Jardim.

E a conversa manteve-se animada até que, Pedro Augusto Chaves, dirigindo-se aos convidados, com a voz encorpada de grande solenidade, disse que não podia deixar de salientar a passagem por sua casa de uma pessoa muito especial.

Apresento-vos dom Pedro de Água Rosada, príncipe herdeiro do reino do Congo.

Seguiram-se palmas de saudação da parte dos convivas, que receberam, do príncipe, uma elegante vénia de agradecimento. Pedro Chaves sorriu, ao sentir o olhar embevecido

* Ver: *O Planalto do Pássaros* (2002).

de sua mulher. Definitivamente tinham-se desvanecido as dúvidas sobre a realeza do jovem. Os padres também teriam feito bem o seu trabalho, pois transparecia, para além do porte altivo de quem se sentia elite, uma educação esmerada e uma cortesia só reservada a pessoas de ilustre nascimento, de sangue azul correndo nas veias... ainda que pouco transparecesse na negrura da sua pele. Mas habituada que estava, desde a infância, a conviver com todos os cambiantes de cor, dona Guilhermina obliterou por completo esse pormenor e regozijou-se novamente com o brilho que a presença real emprestava à sua festa.

A transbordar de felicidade sorriu para o seu marido e este, satisfeito com o rumo que as coisas levavam, fez um sinal para seguirem para o centro do salão, onde se encontrava uma vitrina.

Gostaria muito de mostrar aos meus convidados uma preciosidade, o livro da grande viagem que fizeram suas excelências os oficiais da Armada Real Portuguesa, Brito Capello e Roberto Ivens, para cujo sucesso também contribuímos. *De Angola à Contra-Costa, descrição de uma viagem através do Continente Africano*, leu de seguida, quase de forma teatral, dona Guilhermina, fazendo tremelicar a papada e os canudinhos de cabelo. Mas convém que fique bem claro que, pese embora a modéstia de meu marido, se não fosse o seu esclarecido e experimentado apoio, não sei se esses exploradores teriam conseguido dar muitos passos por essa mataria fora..., rematou logo de seguida, após um longo e poderoso suspiro.

Dom Pedro de Água Rosada não demonstrou especial interesse pelo livro em si, mas mereceu-lhe particular atenção uma gravura, na qual se podia ver um grande elefante jazendo morto no chão, enquanto os seus caçadores posa-

vam para a posteridade, dois sentados nas suas enormes patas e um outro encostado à barriga.

Um belo elefante! Deve ter sido uma grande caçada.

O ilustre anfitrião, que emprestara tanta solenidade ao momento, ficou radiante por ter captado a atenção do jovem príncipe e, por momentos, ficou sem saber o que dizer. António José de Almeida, que se encontrava muito próximo do príncipe, aproveitou a pausa e deu uma breve explicação sobre a importância da caça ao elefante, dado que o marfim tinha um lugar relevante no comércio do país.

Entretanto, o casal Noronha Bettencourt aproximou-se, com vontade de conhecer o príncipe, de quem o seu filho lhes falava com muito apreço. Percebendo a sua aproximação, logo após ter terminado a explicação sobre o comércio do marfim, Almeida fez as apresentações. O príncipe mostrou-se satisfeito por ter, “finalmente”, conhecido os pais de seu colega e amigo João. Após uma breve troca de palavras, cujo tema foi, inevitavelmente, a relação existente entre os jovens e as aulas na Missão da Huíla, solicitaram-no para outras apresentações e conversas.

Pedro Chaves aproveitou a pausa que se seguiu à explicação e deu uns passos para outro lugar, entabulando conversa com João Inácio do Amaral, que se encontrava na companhia de José Alemão Coimbra e sua esposa.

Não há dúvida que as terras de serra abaixo não conseguem competir com estas terras altas, asseverou Amaral a um dado momento, apesar das saudades da sua Moçâmedes natal. Faltava-lhe o mar, o barulho do bater das ondas, o cheiro a maresia, enfim! Agora o único correr de água que ouvia era a do rio Tchimpumpunhime, cujas margens não ficavam longe de sua casa, mandada construir mesmo à entrada da Chibia.

Pois é! Já lá vai o tempo em que o Bumbo é que tinha importância, confirmou José Coimbra. Este não se cansava de tudo admirar, de tudo espreitar, para que a sua fazenda, se não superasse esta, pelo menos fosse da mesma categoria. Raspou com a biqueira do sapato o soalho de madeira e pôde observar que este estava muito brilhante.

Está encerado com uma mistura de cera natural e óleo de mamona, comentou sua mulher, que lhe seguira o gesto com os olhinhos pequenos mas atentos. Fui eu que dei a receita à mana Guilhermina.

Está bonito! Também gosto do desencontro das pranchas de jacarandá e mupaco, como se o meu cunhado quisesse casar aqui o Brasil e Angola...

Eu, que soubera não há muito tempo da morte de Cedofeito Silva*, velho amigo de meu pai e de quem eu próprio guardava algumas, embora vagas, recordações, trocava impressões sobre o acontecimento com os irmãos Almeida, António José e Joaquim.

A primeira grande viagem que o velho sertanejo fez do Bihé até Benguela foi com o meu pai. Ainda hoje guardo na memória algumas das estórias que ele me contava dessa grande quibuca.

Nós não o conhecemos, pois quando essa quibuca passou por Caconda ainda não tínhamos nascido, disse Joaquim.

Diz-se que Cedofeito se suicidou, ateando fogo a um barril de pólvora, comentou Vidigal, que, entretanto, se aproximara.

Mupaco, Mupaku – *pau-ferro* “*Burkea africana*”. (N.)

* Ver: *O Planalto do Salalé* (2012) – alusão à personagem “Cedofeito Silva”, inspirada em Silva Porto.

Quibuca – *caravana sertaneja* (K.)

Afinal, fez o que faziam os mais importantes sobas daquelas terras. Talvez tenha achado que era a forma mais digna de morrer, adiantei eu.

E acha que um europeu agiria assim, imitando os sobas, mesmo que os mais importantes?, questionou dona Teresa, subitamente atenta à conversa.

É que ele de europeu já devia ter pouco! Chegou jovem ao Bihé e sempre ali fez a sua vida, cada vez mais adaptado à terra onde fixou a sua definitiva residência.

Joaquim de Almeida concordou comigo com um aceno de cabeça.

Estava velho, doente e cego. Já não suportava viver assim, ele que sempre fora independente e seguro de si, interveio Pedro Chaves, até ali dividido por distintas conversas e por cumprimentos aos numerosos convidados.

Para além disso e segundo se diz, algumas intrigas fizeram-no perder a face junto do soba Ndunduma. Achou que salvaria o prestígio que soubera grangear com tanto esforço, agindo como um grande senhor, como só um soba grande pode agir nos seus últimos momentos..., dei a minha opinião, eu que era o único naquela sala que havia conhecido o velho sertanejo.

Sentindo que a conversa em torno de Cedofeito estava terminada, António José de Almeida, virando-se para mim, fez questão em lembrar que sua mãe lhe costumava falava da amizade que existira entre seu pai, Inocência de Almeida, e o meu, Luís Pilarte.

Ah, sim! Lembro-me que chegaram a fazer juntos uma grande viagem, de Caconda até à povoação da Huíla, no tempo do soba... do soba... Nangolo, recordei, já quase esquecido do nome do hamba que havia recebido os nossos pais, por volta de 1843.

A Huíla! A ideia de que nesta terra é que estaria o futuro de nossa família, foi a principal herança que nosso pai nos deixou. É graças a isso que nós estamos hoje aqui, disse António José, de uma forma um tanto solene.

E quando José Nóbrega e o casal Bettencourt, meus parentes, se aproximavam para dar dois dedos de conversa, foi anunciado de que o jantar ia ser servido.

*

*

*

A mesa grande da sala principal de refeições cobre-se de uma toalha alva de linho bordado da ilha da Madeira, sobre a qual se encontram três castiçais de prata de quatro braços de onde emergem velas brancas que, ao queimar, deixam um leve odor a alfazema. O serviço de mesa é da Real Fábrica de Porcelana da Vista Alegre, com uma decoração delicada e requintada, ao estilo das famosas fábricas europeias de Sèvres e da Herend, com uma base a azul, grande fogo com ornatos a ouro e pequenas flores coloridas.

Por cima, do tecto estucado em círculo com nervuras a imitar cordas, pende um lustre de latão polido como ouro, de cujos braços nascem cinquenta velas que iluminam a mesa e a sala.

Espero que apreciem o jantar que vai ser servido aqui, nesta sala, diz dona Guilhermina aos convidados. Os sumos, os licores e o café serão servidos depois, lá fora. E não se esqueçam de provar os licores de dona Maria Cristina.

Quando toda a gente se encontra sentada à mesa, a criada, em fila, vai trazendo as diferentes iguarias, ora nas

travessas e terrinas de baixela fina, importada do Reino, ou nos recipientes de barro das tradicionais oleiras da região. Primeiro a sopa, depois o peixe, tainhas-de-boca-em-baixo fritas em banha de porco do mato e garoupa assada no forno, tudo aquecido com lenha vulgar misturada com bocados de muipanhoca; por fim, as carnes, bifes de peito de capota, fitas de carne seca de holongo, carne de porco assada na brasa, espetadas de carnes várias e caldeirada de cabrito, tanto servidas em travessas e pratos fundos de loiça fina, como nos barros regionais, tal era a quantidade e variedade. Os vinhos são de Colares, região portuguesa de onde a família do dono da casa é originária, servidos em copos de vidro trabalhado da Marinha Grande. As belas garrafas e jarros em que são servidos os vinhos e os refrescos, são de cristal da Boémia, proveniência que dona Guilhermina não resiste a referir sempre que tal vem a propósito. No final, a sobremesa seria composta de pêra abacate com aguardente de cana, doce de minhango com lasquinhas de nombe, pudim de café e bolo podre.

Por sobre a animação ouve-se, de repente, um anúncio. Após o jantar, deviam os convidados dirigir-se ao terreiro, onde os esperava uma... surpresa.

Uma surpresa? Que bom, gosto tanto de surpresas!, diz excitada dona Maria da Encarnação Ribeiro, que se senta ao lado do padre Velho. Este, que estava entretido com as contas do seu rosário, desequilibra-se um pouco da cadeira e, sem querer, apoia-se no ombro da senhora.

Muipanhoca, Muipanyoka – *lit. “mata cobra”, raiz com cheiro a cânfora. (N.)*

Minhangolo, Mirangolo, Omunyongolo – *fruto silvestre, muito comum no planalto, destinado preferencialmente à confecção de doce. (N.)*

Nombe – *fruto silvestre, muito vulgar no Humbe (N.)*

Eu também, eu também gosto muito de surpresas!, diz o príncipe, sorrindo com simpatia para dona Maria da Encarnação. Esta, fazendo vista grossa e de lábios revirados a denunciar algum aborrecimento, recompõe o vestido, sobretudo o tufado do ombro que ficara ligeiramente amolgado.

O casal anfitrião levanta-se, quando vê a última colher de sobremesa ser deixada no prato e avança para fora da casa grande, abrindo o caminho para o exterior, onde os convidados poderiam ver os terrenos trabalhados da fazenda e o brilho das águas do rio nos seus limites. A lua é um globo de fogo brando nos céus limpos daquela noite, iluminando tudo. Entre as poucas árvores existentes no terreiro, os serviçais haviam colocado mesas a envolver os troncos, cobertas de tecidos coloridos, onde se podem ver sumos de maracujá, laranja e tangerina, e um refresco de café cultivado na fazenda, que dona Guilhermina, enfaticamente, aconselha as suas amigas a beberem. Quanto aos cavalheiros, têm à sua disposição uma mesa de tabacos variados, tabaco de enrolar, tabaco em bola e em trança, tabaco de cachimbo e de mutopa, tabaco de mascar e de cheirar e, proveniente da Baía de Todos os Santos, no Brasil, uma bela caixa de charutos “Danneman”.

No tempo do cacimbo, os cavalheiros procuram a sala de fumo, sublinha a anfitriã. Mas hoje é uma excepção. Ficarão cá fora, para apreciarem a surpresa que preparei.

Aqui e ali, alternadamente dispostos, ardem tições mais altos e tochas mais baixas, iluminando os carreirinhos que conduzem às mesas onde os refrescos, o café e os licores seriam servidos. Ao fundo começa a levantar-se o vozear dos batuques da sanzala, entremeado do tilintar de bulumbumbas e compassado com o gemer da puíta.

Pedro Augusto Chaves, aparentemente mais calmo, não deixa de esclarecer os ilustres convidados que a festa terminaria com uma sessão de fogo-de-artifício, preparado em Moçâmedes pelos degredados do forte de S. Fernando.

Ah! E pela surpresa que minha mulher anunciou.

Dona Guilhermina, ansiosa e pressionada por um grupinho de senhoras que lhe pergunta em que consiste a surpresa, não perde mais tempo e lá desvenda o segredo.

A seguir ao fogo-de-artifício, será a estreia do grupo de carnaval da fazenda Amélia... que eu própria orientei nas fantasias, inspirada no carnaval brasileiro da minha Caconde natal, esclarece, com os olhos a brilharem de emoção.

Enquanto aguardam, é-lhes servido um licor muito especial, o último a ser inventado por dona Maria Cristina... e os foguetes começam a riscar os céus e a estalar, deixando cair sobre a fazenda Amélia uma chuva de estrelas prateadas e douradas.

Um Ahh!! de colectiva surpresa é ouvido quando, escrito no céu, com letras de fogo, se pode ler

Fazenda Amélia, 1900.

As pessoas deslumbradas de tanta elegância, brilho da festa e abastança de comes e bebes, enchem o ar com conversas e risos. Uma euforia, pouco habitual, vai abafando os sons da puíta que ainda se ouvem ao fundo e o eco do último foguete.

De repente, começa a ouvir-se um cantar que, aos poucos, se vai encorpando. Silencia-se o vozear excitado dos convivas, deixa de ouvir-se o arrastar das cadeiras e dos sapatos. Há um grupo de dança que dá entrada no terreiro. São cerca de cem participantes que avançam a dançar e

a cantar, primeiro o porta-bandeira, muito sereno e firme, abrindo caminho à rainha e às infantas, acompanhadas de suas damas de honor, de amplos vestidos rodados, inspirados nos trajes e danças fidalgas. Nas cabeças ostentavam coroas de rainha e de princesa, manufacturadas em latão. O coro é entoado por bocas que se destacam nos rostos negros empoados de branco, rostos enfarinhados que o bailado e o calor fazem transpirar até se sulcarem de negro, fazendo-os desaparecer na noite, quando esta engole a pouca claridade que as tochas oferecem. E assim as mulheres transfiguram-se em zebras...

Olhem zebras!

Até as zebras trouxeram?, interrogam-se alguns convivas, boqueabertos de espanto.

... ou são as zebras que se transmudam em mulheres, enquanto bailam ao som forte dos tambores, do gemer das puítas e do entoar do coro?

Dona Guilhermina, na primeira fila, começa a sentir uma excitação que vai crescendo, crescendo, até sentir-se uma das dançarinas do grupo.

Quando vê que sua mulher se levanta da cadeira e começa a cantar e a bater palmas ao ritmo dos dançarinos, Pedro Chaves fica muito preocupado. Sua esposa não era dessas coisas, bem pelo contrário, pretendia sempre dar uma imagem de segurança e de fina compostura ao apresentar-se em sociedade. Estupefacto, vê-a rodar o amplo vestido e começar a rodopiar, rodopiar, até perder-se entre as dançarinas. Receia, então, que a sua festa vire um fracasso e arrepende-se de ter concordado com Guilhermina nessa surpresa do desfile, inspirado nas festas carnavalescas da sua terra.

E que surpresa!, suspirou, enquanto, de um trago, engole

o licor que ainda tinha no cálice. Estranhamente, depressa sente desvanecerem-se os seus temores...

O ar enche-se de ruídos, de sons, de gritos de comando, de ritmos, as mulheres de longas e rodadas saias rodopiam, rodam, piam e as vagens secas presas aos seus tornozelos emitem sons de maracas, de matracas, e os homens, de calções tufados nas pernas e apertados nos joelhos, de blusões com folhos e pregueados, de chapéus extravagantes e elmos prateados, brandem bastões coloridos, espadas que cortam o ar e chicotes que dilaceram o vento e os ouvidos.

O príncipe que, de início se entusiasma com a festa e até já nota as pernas a quererem folgar, sente agora uma tontura que o incomoda e o suor a humedecer-lhe a pele. Instintivamente pede protecção ao padre Velho, que, discretamente coloca a suas mãos entre as dele. Mas também o religioso sente-se tentado a bailar e por isso se persigna para afastar a tentação.

Só pode ser do Entrudo celebrado fora de época e sem o resguardo da Quaresma que evita os excessos, murmura embaraçado.

Mas já se ouve o capitão-condestável gritar, enquanto rasga os ares à espadeirada; o porta-bandeira acerca-se dos convidados, logo seguido dos bumba-meu-boi e dos tamborileiros que percutem forte suas ngomas e puítas; a seguir, as bailarinas em roda, de saias largas e brancas como flores de minhangolo, a rodarem, a girarem, a rodopiarem por todo o terreiro, com os convidados a segui-las de olhos espantados e cabeça entontecida no seu voltear.

De súbito, os tambores param e só fica no ar um leve gemido de puíta, rouco, choroso, amargurado. Uma das bailarinas cai desamparada...

Será dona Guilhermina?, ouve-se perguntar.

Mas houve logo quem dissesse que não, que tal não era possível; e quem jurasse que sim, que era ela em pessoa.

... e o feiticeiro, a saracotear-se, aproxima-se dela...

Pedro Chaves goza estranhas sensações e sente que uns arrepios lhe trepam a coluna e se ampliam nas arcadas do peito, fazendo tilintar o metal das condecorações.

... de penachos na cabeça e peles de bicho no corpo....

O príncipe dá um grito e abraça-se ao padre Velho que, de batina enredada num dos pés da cadeira, se julga já presa do diabo.

... que xinguila em redor da desfalecida...

Os manos Almeida, com espanto, vêem na bailarina caída a velha Tchivuca de Caconda. É impossível!, murmuram. Ela morreu faz tantos anos!...

... pronunciando palavras estranhas, flutuantes, mágicas...

Eu, meio tonto, vejo um dançarino a rodopiar como um pião sobre uma perna só, enquanto atira a outra para longe como um pau sem préstimo. Só um nome me vem à cabeça, Catonhotonto!? Mas pode lá ser! Catonhotonto ficou há muito no Bié.

... rindo e babando-se, milamilando antepassados...

Alemão Coimbra sorri de forma pouco habitual e deixa-se embalar naqueles sons e dançares, bamboleando o corpo e batendo com os pés no chão, enquanto vai batucando com a língua, Bumbo! Bumbo! Bumbo!!!

... enxotando sombras, que ninguém mais vê, com uma cauda de guelengue...

O casal Bettencourt entreolha-se surpreendido. Será do licor?, perguntam ambos. E vêem, abraçado ao porta-bandeira, o velho capitão-mor da Huíla, seu antepassado.

Como é possível?, perguntou dona Maria Cristina. Não é possível, disse José Bettencourt.

...enquanto revira os olhos e faz tremer a cabeça e as mãos...

José Lopes, incomodado com o calor, distrai-se e entorna sobre Amaral o seu licor. O conde de Almoester vivo? Pode lá ser!, duvida então, ao mesmo tempo que Amaral se zanga e lhe dá um puxão. Fique quietinho, homem!, que me suja de vinho.

... as pernas a gingar doidamente e a torcer-se como papelão...

O capitão do Quiteve não quer acreditar que é uma tocaia. Mas um guerreiro muhumbe surge da caterva e atira-lhe uma zagaia. Esquiva-se para o lado e agacha-se num repente, sentindo a coxa dormente e a vista toldada de névoa roxa. Magoou-se capitão?, ouve Vidigal perguntar. É que embateu no meu joelho!, explica ele. Mas do oficial apenas se ouve um gemido a contragosto, fazendo tremer-lhe a cicatriz do rosto.

... com as orelhas a pender e os penachos da cabeça soltos pelo chão...

José da Nóbrega admira-se com a chiadeira que vai chegando, que abafa os outros sons e que o ouvido todo inunda... Só pode ser da carroça que inventei! Mas como, se ela ficou na Mapunda?

... enquanto a bailarina caída faz soltar a bunda doidamente. O feiticeiro revira os olhos em arrebatamento e atira-se para cima dela. Xinguilam os dois em conjunto sobre as penas caídas no chão. Depois levantam-se e vão dançar com os outros...

Pedro Chaves sente-se agarrado à cadeira, a boca presa e a língua tesa, os braços dormentes e as mãos pependentes, as pernas a tiritar e os pés a suar...

... mas já o grupo desanda para a outra banda, o feiticeiro desaparece e dona Guilhermina reaparece.

Mulher minha, mas o que foi que aconteceu?, pergunta-lhe ele ainda derretido em calafrios.

Não vi nada, meu marido!, responde-lhe ela, indiferente.

Pedro Chaves olha em volta, vê tudo sereno e... enfim!, Guilhermina está a seu lado, nervosa mas direita, com os canudinhos do seu cabelo a tremelicar, presos de pentinhos de tartaruga e travinquinhas de marfim.

Epílogo

A inauguração da fazenda Amélia marca um momento importante na vida da povoação que nasceu nas margens do Tchimpumpunhime, o rio cujas águas rugem como o leão e guardam a voz dos espíritos.

A Chibia e a fazenda Amélia foram a concretização do sonho mais grandioso e absorvente de Pedro Augusto Chaves. Se a primeira foi consagrada a um santo com o seu próprio nome, S. Pedro, a segunda foi baptizada com o nome de sua mãe, D. Amélia. Uma e outra, fazenda e povoação, nasceram na mesma altura, uma e outra conheceram o apogeu ao mesmo tempo e juntas viveram o drama dum declínio que chegou cedo demais.

Luís Pilarte, que no tempo do soba Nangolo fora o primeiro dessa família a regressar às terras altas da Huíla, teve um filho apenas, Paulino Pilarte, nascido no Bié e que acompanhou seus pais até à Huíla. Um filho deste nasceu aqui e, em memória de sua trisavó, Huilana Pilarte (n. 1765) e em honra da mesma terra que os viu nascer, recebeu o nome de Huilano, Huilano Pilarte.

Pai e filho acompanharam Pedro Augusto Chaves na realização do seu sonho ou na materialização das suas ambições. A Chibia foi, então, o cenário das suas vidas, tendo participado no apogeu da fazenda e do progresso da povoação. Se o desenvolvimento da primeira é fruto, sobretudo, do investimento da família Chaves, já o da segunda

conta com a ambição e o esforço de outros moradores. A estrela dos Chaves/Coimbra vai empalidecendo à medida que o novo século vai avançando, elevando-se em seu lugar novos e dinâmicos actores, de entre os quais se destaca a figura incomparável de António José de Almeida. Mas isso já são outras estórias...

Glossário e Notas

A

Africânder, afrikaans – *Língua dos bóers. Ver: Bóer. (A.)*

Arimbo – *lavras, terrenos de cultivo. (U.) O mesmo que Arimo (K.)*

Arimo – *lavras, terrenos de cultivo. (K.) O mesmo que Arimbo (U.)*

B

Bicuatás – *pertences, tralhas, bagagem. (U.). O mesmo que imbambas (K.)*

Bóer, Bóer – *descendente dos holandeses e huguenotes franceses que, em meados do século XVII, se estabeleceram no Cabo. Deriva do termo holandês (neerlandês) “Boer” (pron. Bur), que quer dizer camponês ou agricultor. (A)*

Branco, séc. XIX – *“Em geral, por estas paragens [Centro e Sul de Angola] dão o nome de brancos a todas aquelas pessoas que vestem calças, sem excepção de cor e menos de condição, bastando para isso possuir alguma fazenda” (Silva Porto – Viagens e Apontamentos. Coimbra: BGUC, 1986, vol. I, p. 305).*

Brique, Ombilike – *travão do carro bóer. Do holandês “brake”, travão, derivou a palavra (corruptela) Ombilike em olunhaneka. A sua adaptação ao português originou o termo “Brique”. (H.N.)*

Bulunga – *cerveja de milho grelado (N.)*

Bundomaímo – *troço do rio Tchimpumpunhime, entre a Chibia e a lóba.*

C

Cabeça, o – *assim se chamava o morador mais importante de uma povoação ou o representante dos demais moradores.*

Chibia, S. Pedro da – *povoação fundada, oficialmente, a 16 de Setembro de 1885, com um grupo inicial de 45 pessoas, localizada nas margens do rio Tchimpumpunhime, nas terras altas da Huíla, a c. de 40 km, para o sul, da cidade do Lubango. Em 1890 passou a sede do concelho da Huíla e era considerada a povoação mais progressiva e promissora das terras altas da Huíla, contando com uma população total de 1.063 habitantes (683 brancos, 230 pretos e 150 mestiços). (Cf. JAlmeida – Sul de Angola. Lisboa: AGC, 1936, p. 99). São vários os testemunhos dessa realidade, dos quais destacamos o de Pereira do Nascimento, no seu livro “O districto de Moçâmedes”: «Pelo grau de prosperidade que atingiu a Chibia [c. 1890], pela sua óptima posição no centro da fertilíssima bacia do Nene, pela importância das suas transacções comerciais com os indígenas e relações com os centros produtores dos Gambos e Humbe, pelo rápido crescimento e estado florescente das suas propriedades agrícolas, é considerada a colónia mais rica do planalto e aquela a que está destinado um mais brilhante futuro». Muitos anos depois, Leonel Cosme escreveria assim, a propósito da sua população “[...] Curiosamente, numa localidade que dista menos de dez léguas de Sá da Bandeira, a povoação da Chibia, onde a diminuta população*

madeirense fundadora se foi contraindo por transferência dos filhos jovens para as grandes cidades, [foi] ficando cada vez mais mestiça, a ponto de a 'elite' económica e intelectual da urbe ser representada significativamente por famílias mulatas [...]" (Leonel Cosme – Muitas são as Áfricas. Coimbra: Novo Imbondeiro, 2006, p.18)

Chimbas (ou **Himbas**) – povo localizado na zona da *Oncócuá (Onkókwa)* e que, com os *Dimbas (Ndimba)*, *Chavícuas (Tyavíkwa)*, *Cuanhocas (Kwanyoka)*, *Cuvalés (Kuvale)* e *Guendelengos (Ngendelengo)* constituem o grupo étnico *Herero* do lado angolano.

Cimbebásia – terra dos *cibembas*, ou *chimbas* (ou *himbas*), cujos limites eram os seguintes: ao norte o rio *Cunene*, curso inferior do *Cassai* e o rio *Liba*, ou parte ocidental do *Zambeze*, ao sul o rio *Orange*, a leste o rio *Haart* e a *República do Transval* e a oeste o *Oceano Atlântico*, compreendendo a *Damaralândia*, o *Ovampo*, os *Ganguelas* e os *Amboelas*, muito para além do território dos *chimbas* ou *himbas*. (Segundo o Pe. *Duaparquet*, designado vice-prefeito da nova Prefeitura, conf. pela Santa Sé pelo Decreto de 13 de Julho de 1879).

Colono – até 1975, ano da independência de Angola, o termo *colono* era aplicado aos grupos de portugueses que, sobretudo no séc. XIX, tinham ido para Angola em “colónias de povoamento”, isto é, em grupos organizados e aos quais tinham sido distribuídas terras para se fixarem e terrenos para cultivarem. Só a partir de 1975 se generalizou o termo, sobretudo entre os angolanos negros, como identificativo de branco. Este termo era repudiado pelos angolanos brancos, que não se sentiam colonos mas “filhos da terra”. Na época que este romance trata, nas povoações podiam coexistir morado-

res (brancos, negros e mestiços) e colonos. Ex.: Pedro Chaves e José Lopes eram moradores, não colonos; os madeirenses eram colonos. As gerações de descendentes destes colonos já se tratavam por “filhos da terra” ou por “chicoronhos” (descendentes dos antigos colonos), nunca por colonos.

Congo, investidura do Rei – *por tradição antiga, a legitimidade do Rei do Congo era dada pelo baptismo, cerimónia que consagrava a investidura.*

Congo, rei – *Dom Pedro de Água Rosada Lello, depois de ter acabado os seus estudos na Missão da Huíla (1897-1900), foi aguardando que chegasse a hora de voltar a S. Salvador para ocupar a “cadeira”. O tempo foi passando, mas o príncipe não pôs de lado a possibilidade de um dia vir a ocupar o trono do Congo. Até que um dia lhe chegou a notícia do passamento de Dom Pedro VI, ocorrido a 24 de Junho de 1910. De imediato os seus seguidores, nomeadamente os baptistas, lhe fizeram crer nas suas reais possibilidades de ascender ao trono vago. Ele era o legítimo herdeiro e já havia esperado demais. Outros dois partidos apareceram então e a revolta fez-se sentir em volta do trono vago de S. Salvador do Congo. Os outros dois partidos tinham como pretendentes ao trono Manuel Fernandes Comba Lombo e Manuel Martins Kiditu. E mais uma vez o residente português opôs-se à escolha de Dom Pedro de Água Rosada Lello. Tudo fez para que fosse designado Manuel Fernandes Comba Lombo, sobrinho de Dom Pedro VI. Só que ninguém queria Comba Lombo no trono da Cidade dos Sinos. A solução de compromisso foi então Manuel Martins Kiditu, que os grandes eleitores declararam querer para rei a 5 de Abril de 1911. Tendo em Portugal terminado a monar-*

quia, o governos deste país deixou de se interessar pelo pretendente ao trono do Congo e a este foi oferecido um lugar de funcionário dos correios de Angola, no Lubango. Como funcionário dos Correios não tinha um grande salário e por isso teve uma vida reservada e discreta. (René Pelissier – ob. cit., vol. 1; Ribeiro da Fonseca – “O rei do Congo”. Revista Militar, Nº 10, 31 Maio 1891, p. 299-300; José Heliodoro de Fria Leal – “Memórias de África”. B.S.G.L., 32ª S., Nº 9, Set. 1914, p. 307).

Congo, títulos nobiliárquicos – *Os antigos chefes de linhagem passaram a intitular-se duques, marqueses e condes, a partir do Regimento de 1512, levado por Simão da Silva na embaixada ao rei D. Afonso I, do Congo.*

Congo, viagem, 1858 (testemunho do tenente Zacarias) – *Uma boa quarta parte do caminho trilhado pela coluna, com destino a S. Salvador do Congo, só pôde ser feita a pé; no restante, andava-se em tipóia, mas o mato era tanto que rasgava tudo o que com ele tivesse contacto. Na ida para o Congo, a gente das povoações mostrava-se receosa por ver soldados. No regresso já vinham esperá-los ao caminho, trazendo o que tinha para vender. Há muita abundância de palmeiras e bananeiras. Das primeiras tiram o maláfo (é como ali chamam ao vinho dessas árvores) com que se embriagam tão continuamente. As bananas comem-nas verdes. Os homens não largam jamais a espingarda. Em caminho vão-lhes esfregando os metais com um trapo azeitado, e por isso as trazem sempre mui limpas; o que não quer dizer, todavia, que todas andem em bom estado para fazer fogo. [(“Relatório do Tenente Zacarias, Out. 1858”. B.O., n.º 690 e 691 (1858); n.ºs 692, 695, 696, 701, 702, 710 e 711 (1859)].*

Cota-cota, kota kota – herbácea muito aromática. (N.)

Cúa, Oncúa, Onkwo – grito de guerra. Cúa é a corruptela de onkwo (N.)

Cuvale, Kuvale – com os Himba (ou Chimba), Dimba, Hacavona e Guendelengo forma o grupo étnico Herero. No século XIX os Cuvale eram também conhecidos por Dombes (ou Mundombes) e prestavam uma espécie de vassalagem ao soba da Huíla. Assim acontecia desde o grande hamba, Kanina Ngonga, no séc. XVIII.

D

Damaralândia – lit. “terra de negros”. “Dama” quer dizer negro em Hotentote. E a Damaralândia designava a terra habitada pelos Herero, povo banto que ocupa o sul de Angola e o norte e centro da Namíbia. (H.)

Dungula – soba do Mulondo. Seu irmão, o grande Hangalo, viria a sucedê-lo, reinando até ser morto, em Outubro de 1905, durante o ataque do exército português à sua ombala.

E

Elao – altar familiar. Lugar, junto ao fogo, onde se fazem os sacrifícios públicos e se celebram as principais cerimónias (H.). O mesmo que Tchôto (N.)

Embondeiro – árvore de grande porte, também designado por Imbondeiro, Licondo, Baobá (*Adansonia digitata*).

Endaca, Endaka – problema, conflito. (N.) O mesmo que maca, maka (K.)

Enthilili – erva da espécie do absinto. (N.)

Etanga – batalhão cuanhama, grupo de cerca de cem guerreiros (Amb.)

Eumbo – residência, povoado. (N.)

F

Funante – *comerciante do mato. Do quimbundo kifuna, vender (K.)O mesmo que **pumbeiro** (ou pombeiro) de mpumbu, sertão (Kk).*

G

Gentios e Moradores – *termos usados neste livro como era uso à época, com o objectivo de identificar quem estava na dependência das autoridades tradicionais, os sobas ou hambas (os gentios) e quem estava na dependência do governo de Luanda (os moradores). Estes últimos constituíam um conjunto heterogénio de brancos reinóis e brancos da terra (brancos, mestiços e quimbares).*

Guelengue – *antílope. (N.)*

Guerra Preta – *nome que se dava à tropa de auxiliares negros do exército português, ou dos exércitos particulares de alguns dos mais influentes moradores ou sobas aliados do governo de Luanda. Na página de rosto deste livro podem ver-se alguns guerreiros (Chimbás). Foto datada de 1910, Gambos (J. de Almeida – Sul de Angola, p. 152).*

Guerras do Nano – *eram assim conhecidas as correrias guerreiras que, vindas “de cima”(do Nano, do Huambo), assolavam vastas áreas do sudoeste angolano, chegando a atingir o litoral.*

H

Hamba – *soba, rei (N.)*

Henrique II – *rei do Congo, faleceu a 23 de Janeiro de 1857. Ver tbm.: Itame*

Hinyinyiki kalomboka nyana, tyivela kaliwa na fwa! – *provérbio: “A formiga não salta o rio, o metal não é comido pelo salalé”. (N.)*

Hotentote – grupo etnolinguístico pré-banto. Com os *Bochímanes* forma o grupo étnico *khoi-San*, originário da *África Austral*. Do termo holandês “*Huttentut*” que quer dizer “gago”, por causa do falar aos clics ou estalinhos, típico destes povos. (A.)

Huíla, missão católica – fundada pelo padre Joé Maria Antunes, decreto de 27 de Julho de 1881.

Huíla, povoação – localizada no planalto da Huíla, junto às margens do rio Lupolo, foi fundada, em 1769, pelo governador de Angola, D. Francisco Inocêncio de Sousa Coutinho, com a designação de *Alba Nova* (Orago: *Nossa Senhora das Lágrimas*). Quase cem anos depois, na sequência da chegada a *Moçamedes*, dos colonos pernambucanos de 1849-50, um pequeno e desencantado grupo de oito pessoas resolveu abandonar o litoral, subir a *Serra da Chela* e fixar-se nas terras altas da *Huíla* (Ofício Nº 362 de 17.04.1850 do Governador ao Ministro – Pasta Nº 16, Angola, 1850, cit. em Raul J. Candeias – *Subsídios para a História da Colonização de Moçamedes*.).

Humpata, S. Januário da – povoação das terras altas da *Huíla*, fundada, a 19 de Janeiro de 1881, com um grupo de 277 bóers oriundos do *Transvaal*, aos que se juntaram, em 1885, um grupo de 15 a 19 madeirenses. (N.)

I

Imbambas – coisas, bagagem, móveis. Pertences de alguém (K.). O mesmo que **Bicuátas** (U.).

Iéla k’Ehinga – O de Cabeça Levantada, *Altivo*. (N.). Trad. livre do nome em português “*Cabeça Grande*”, pelo qual o soba do Vale do *Lubango* ficou conhecido na historiografia colonial.

Insandeira – sicómoro, espécie de figueira utilizada na manufactura de têxteis, como os panos kitundu, que gozavam de grande prestígio (*Ficus Sycomorus*).

lóba – bairro mais antigo da vila da Chibia, localizado no outro lado do rio Tchimpumpunhime (margem direita). Ainda antes da fundação oficial da vila já por ali iam fixando residência pessoas de múltiplas e longínquas origens, portuguesa, bóer, inglesa, sueca, holandesa.

Itame – exéquias funerárias dos principais do reino do Congo. (Kik.)

Rei do Congo, investidura – por tradição antiga, a legitimidade do Rei do Congo era dada pelo baptismo, cerimónia que consagrava a investidura. Ver tbm.: **Henrique II, Itame, Ne Congo dia Ntotela.**

K

Kissonde, Quissonde – formiga guerreira (K.). O mesmo que **chissonde** (U.) e **mussonde** (N.). Em Angola vulgarizou-se o termo **kissonde** (**quissonde**), originário do kimbundu (K.)

Kuta, kuta ombriki! – Liter. “Amarra, amarra o travão!” do carro bóer. Aqui travão vem do afrikaans “Brake”.

L

Lubango – cidade capital da província da Huíla. Foi oficialmente fundada a 19 de Janeiro de 1885 por um grupo de famílias de origem madeirense, sob a direcção de D. José da Câmara Leme.

Lucula, Lukula – mistura de manteiga e de pó do cerne vermelho da árvore omulilohonde, trad. lit.: “chora sangue”. (C.)

Luhuna – *soba do Humbe, c. 1891-1898.*

Lunga – *chefe de um grupo de guerreiros. (U.). O mesmo que Lenga. (C.)*

Lupale, Olupale – *terreiro, zona de estar. (N)*

M

Maboque, Mabok – *fruto de casca muito dura, esférico, que contém no seu interior um líquido espesso de sabor agridoce. (K.). O mesmo que Upole (U.) e Mulondo (N.). Vulgarizou-se no português de Angola o termo maboque, de origem quimbundo (K.)*

Maboqueiro – *árvore que dá o maboque “Strychnos Schum.”. Ver: Maboque.*

Machila – *liteira.*

Malói – *fitas de entrecasca de certas árvores. (U. N.)*

Manhéu, Manyeu (sig. Enyeu) –, *formiga grande e negra que deixa um cheiro a carne podre. Também conhecida por formiga-cadáver. (N.)*

Maongo – *cerveja de gongó, fruto do Sclerocarya Schweinfurth. (C.)*

Mapunda – *de onomphunda, zona de montanhas, arredores do Lubango. (N.)*

Maria Índia – *Maria Índia Marcelino de Sousa nasceu no navio “Índia”, quando este sulcava já águas angolanas, durante a viagem dos 222 colonos madeirenses (12 Out.- 19Nov. 1884) destinados ao vale do Lubango. Por 1898 encontrava-se a residir em São Pedro da Chibia. (Cf. Ass.º Bapt.º, Chibia, 1898, nº 53, fl. 19 vº). Viria a falecer a 20 de Maio de 1938 na Humpata, encontrando-se sepultada no cemitério bóer daquela vila.*

Marimbondo, mari'mbondo – *insecto da família das vespas. (K.)*

- Massambala** – cereal, sorgo “*Andropogon Sorgo*”. (K.)
- Milamilar** – de *omamila-mila*, espécie de catalepsia. Estar possuído pelos espíritos dos antepassados. (N.)
- Minhangolo, Mirangolo, Munyongolo** – fruto silvestre, muito comum no planalto, destinado preferencialmente à confecção de doce. (N.)
- Moçâmedes** – cidade fundada no sul de Angola, em 1840. Em 1849-50 recebeu largas dezenas de colonos luso-pernambucanos.
- Mopane** – árvore, o mesmo que *Munthiati* (N.), “*Copaifera mopane*”.
- Morador** – designação dos indivíduos de todas as raças que habitavam uma povoação, presídio ou fortaleza, e que se identificavam com os interesses do governo de Luanda.
- Mphole** – cogumelo venenoso que nasce nos morros de *salalé*. (N.)
- Muadié** – senhor, fulano. (K.)
- Mucanda, Mukanda** – carta. No texto o plural é conseguido a partir do singular na língua vernácula - ex.: *Mukanda(s)*. É desta forma que, geralmente, os vocábulos bantus são adaptados e introduzidos no português local. *Mukanda*, sing.; *Mikanda*, plur. (K.)
- Mucuále, Mukwale** – facção de dois gumes. (U.)
- Mucuancala** – *boxímane*, povo pré-banto que, conjuntamente com os *hotentote*, formam o grupo étnico *Khoi-San*. Habitam as zonas mais áridas do sul de Angola e Namíbia. *Mu-cuancala*, *Mu-kwa-nkala*, quer dizer “o do caranguejo”.
- Muene Congo, Mwene Kongo** – senhor (rei) do Congo. (Kk.)
- Muene Makesongo, Mwene Makesongo** – senhor (ministro) da Guerra. Chefe dos guerreiros (N.).

Muene Manha, Mwene Many – senhor (guardião) da Pedra (sobre a qual se fazem as libações para fazer cair a chuva). (N.)

Muene Phembe, Mwene Phembe – senhor (guardião) do Caulino Ritual (mphembe); é o Curandeiro-Mor da Corte. (N)

Muene Puto, Mwene Putu – senhor (rei) de Portugal. (K., etc.)

Muhikuena – rapariga. (N.)

Muhumbe, Omu-nkhumbi – natural do Humbe, região a sul da povoação da Huíla. (N.)

Muhumbe(s), adap. fonética – quando um vocábulo de uma língua banto é incorporado no português, sofre adaptações próprias da língua receptora, i. é, as palavras originalmente no singular ao passarem para o plural recebem a letra s no final. Ex.: um muhumbe, dois muhumbes. É raríssimo ouvir-se dizer dois va-humbe, ou ainda, dois ova-khumbi. Os etnólogos que estudaram os povos do Sudoeste angolano adotaram o seguinte método: os prefixos que identificam o sing. e o pl. na língua original (omu e ova, entre outros) são retirados, usando-se apenas os radicais para fazer o singular e o plural quando inseridos numa frase ou expressão em português (ex.: um humbe, dois humbes). Contudo, no português corrente na Huíla, não é assim que se diz, mas um muhumbe e dois muhumbes; um mucubal, dois mucubais. Seguiremos esta prática corrente e só usaremos a outra quando tal se verificar mais usada no falar do dia-a-dia, como é o caso do etnónimo Cuanhama (Kwanyama). No português usado localmente não se diz o mucuanhama ou os ova-cuanhama (a exemplo do anterior, com o humbe), mas sim um cuanhama, dois cuanhamas (N.)

- Muipanhoca, Muipanyoka** – *lit. “mata cobra”, raiz com cheiro a cânfora. (N.)*
- Mujimbo** – *boato, falsa notícia. (K.)*
- Mulela** – *manteiga de vaca usada como cosmético. (N)*
- Mulola** – *depressão de terreno onde, durante as chuvas, se acumula água. (?)*
- Munano** – *o do Nano (do alto). Pessoa nat. do planalto central, do Huambo. (U. N.)*
- Muntiáti, Munthiati** – *árvore, o mesmo que Mopane “Copaifera mopane”. (N.)*
- Mupaco, Mupaku** – *pau-ferro “Burkea africana”. (N)*
- Murilaonde, Mulilohonde** – *lit. “chora sangue”, árvore de seiva vermelha “Pterocarpus erinaceus”. (N.)*
- Mutápi** – *adivinho. (N.)*
- Mutchila, Mutyila** – *cauda (N.)*
- Mutunga** – *arma branca de dois gumes, facão. (N.)*
- Muxito** – *mata, bosque. (K.); o mesmo que Vissapa (U?)*
- Muxoxo** – *estalido feito com a boca em sinal de desprezo ou de fastio. (K.)*

N

- Nano** – *planalto central, Huambo. (U. N.)*
- Ne Congo dia Ntotela!; Ne Kongo dya Ntotela!** – *rei do Congo! (Kk.)*
- Ñgoma** – *tambor, batuque. (N.)*
- Nhime, Nyime** – *Leão. Designação arcaica deste felino. (N.)*
- Nocha, Nontcha, Nontya,** – *fruto de cor amarelo-alaranjada, saboroso e odorífero, da árvore designada mutya ou mutcha (pl. mitya ou mitcha). (N.)*
- Nompeque, Nompeke** – *nome de uma planta “Ximenia Americana” que dá um óleo de forte cheiro e com pro-*

priedades amaciadoras. Os antigos costumavam usar o óleo para tornar os cabelos mais macios e saudáveis. (N.)

Noncangue, Nonkange – *milho frito, espécie de pipocas. (N.)*

Nongombe – *bois (N.)*

Ntotela – *título mais importante do Congo, rei (Kk.)*

O

Ohaco, Haco, Ohako, Hako – *distintivo de guerra. Fita ou lenço de cor que distinguia os guerreiros de cada partido ou soba (N.)*

Ohala – *penacho de avestruz que os guerreiros ostentam na cabeça. (N.)*

Olunhaneca, Olunyaneka, Lunyaneka – *língua dos nahaneca ou nyaneka, povo do planalto da Huíla. (N.)*

Olupale, Lupale – *terreiro, zona de estar. (N.)*

Omaramba – *chana, planície de vegetação rasteira e alagadiça. (C.)*

Ombadja, Ombadya – *outra das designações do povo Cuamato, ou Kuamatwi, que integra o grupo étnico Ambó (Ova-Ambó).*

Ombala, Embala – *a mais importante das residências dos sobas. (N.U.)*

Ombala Grande do Lupolo – *residência real da Huíla, próxima do rio Lupolo e da povoação do mesmo nome. (N.)*

Omunomo, Omu-nomo, – *designação da peste bovina de 1897 a 1898. (N.)*

Omutiquíli, Omutikili – *adivinho-curandeiro (C.). Equivalente a quimbanda, kimbanda (K.), ou tchimbanda, tyimbanda (N. U.).*

Ondai – *espião. (N.)*

Ondjái, Ondyai – *chefe dos guerreiros. (N.)*

Ondjélua, Ondyelwa – cortejo do boi sagrado que se faz sob os auspícios do soba da Huíla, durante o mês de Outubro, com o objectivo de honrar o espírito dos sobas falecidos. O boi sagrado “Nawanga” distingue-se pelo sinal, em forma de triângulo branco, que apresenta na cabeça. (N.)

Ondjululo, Ondyululu – erva aromática, espécie de manjerição. (N.)

Onongombe – bois (N.)

Ôntué tu vanto uá Karuapa!; Onthwe tu vantu wa Karwapa! – nós somos gente do Karuapa! (N.). Karuapa era o nome africano de Erikson, o famoso caçador sueco do Cabo (séc. XIX).

Orlog – ver: **Vita**. (A.)

Ovahona da Humpata – bóers da Humpata. (N.). Ovahona quer dizer, literalmente, “gente rica” (possuidora de muito gado).

Ovambo, Ova-Ambo – Ambo (plur. ova-Ambo) é o grupo étnico que habita um e outro lado da fronteira sudoeste de Angola com a Namíbia. Em Angola estão os povos Cuanham (Kwanyama); Cuamátui (Kwamatwi; tbm Ombadja, Ombadya); Dombondola; Evale; Cafima (Kafima).

Ovipundi – conselheiros do soba. (N.)

P

Peste Bovina – A epizootia começou a fazer-se sentir entre os búfalos do norte do Zambeze, seguindo-se o gado dos ndebéle, que os levaria a uma revolta feroz, em 1895. Seguiram-se os shonas, que se amotinaram contra os colonos da Rodésia, por eles considerados os principais culpados da morte do seu gado. E de região em região foi a doença alastrando, consumindo os recursos essenciais

dos povos pastores, até atingir tragicamente as terras a sul do rio Cunene, fazendo com que os hereros perdessem, em pouco tempo, metade das suas manadas. Foi então que as autoridades portuguesas de Moçâmedes, tendo sido informadas do que acontecia com os bois de além Cunene, proibiram a sua passagem para o lado norte do rio, a partir de Junho de 1897. A seguir ordenaram a vacinação em massa do gado dos humbes, para assim se proteger, também, o do planalto. Mas de nada adiantou e, um dos seus principais defensores, o coronel Artur de Paiva, enfrentaria de imediato a má vontade de quase todos, pretos e brancos, que não entendiam a importância da vacinação. Ver tbm.: **Omunomo**

Puíta, Mpwita – membrafone, similar à cuíca brasileira (N.).

Pumpamado – sentado, de pumpama. (N.)

Pumpamar – sentar, de pumpama. (N.)

Q

Quimbanda, Kimbanda – adivinho-curandeiro. (K.)

Quimbare, Kimbare – serviçais. Negros livres, ou libertos, agregados aos brancos. “O prestígio [dos] ambaquistas era tão grande que nos sobados tradicionais surgiram numerosos imitadores seus – frequentemente designados por ‘quimbari’ [...]”. (Beatrix Heintze – *Pioneiros Africanos*. Lisboa: Caminho, 2004, p. 59-61). (K.).

Quintino Rogado, tenente – chefe da fortaleza dos Gambos, foi recebido por Hangalo, soba do Mulondo (Humbe), em 1898.

Quissonde, Kissonde – formiga guerreira. (K.). Em olunhaneka diz-se “omu-sonde” (sing.) e “ovi-sonde” (plur.). No português do sul de Angola usa-se mais o termo “vissonde” ou “bissonde”. (N.U.)

S

Salalé – *formiga-branca, térmite, em quimbundo (K.). Foi este o termo que mais se vulgarizou em Angola. Em olunhaneca diz-se “o-fuá” (N.)*

Sambo – *de “ohambo”, curral. (N.)*

Sertanejo – *homem que se dedicava ao comércio do sertão. Este dispunha de alguns serviços permanentes, os quimbares.*

Sipandeka, Sipandeka ya Saningika – *soba (hamba) dos cuanhamas, herdeiro de Sefeni ya Mukwiyu. (C.)*

Sonecar, Sonekar – *escrever, de soneka, kusoneka. (K.)*

Sualalar – *mexer-se muito como o salalé (térmite), de “sualala, kusualala”. (K.)*

T

Tchilongo, Tyilongo – *terra, país. (N.)*

Tchimpumpunhime, Tyimpumpunyime – *nome do rio que passa na vila da Chibia e vai desaguar no rio Caculovar.*

Tchincuáni, Tyinkwani – *avental trazeiro, tanga;*

Tchindi, Tyindi – *urna funerário dos soberanos (hambas) da Huíla, constituído por uma grande bilha de cerâmica. (N)*

Tchitáti, Tyitati – *avental dianteiro, tanga. (N.)*

Tchituca, Tyituka – *ente sobrenatural, misto de pessoa e fera, que deita fogo pela boca. (N.)*

Tchóia, Tyioya – *soba do Humbe, c. 1886-1891.*

Tchôto, Tyoto – *altar familiar (N.)*

Tswana – *de Ba-tswana, habitantes da região que viria ser o actual Botswana.*

U

Uanga, Wanga – *feitiço. (K. U. N.)*

Uí, Wi – espécie de visgo, obtido da seiva viscosa de uma planta. (Amb., N.)

V

Vipundi, Ovipundi – conselheiros do soba. (N.)

Vissapa – mato. (U.?); o mesmo que muxito (K)

Vissonde (pl.), mussonde (sing.) – formiga guerreira. (N.)
O mesmo que **kissonde** (K.)

Vita – caçador e companheiro de Erikson, tornou-se um grande guerreiro. Era de origem tswana pelo pai (filho de Tom, outro guerreiro, nascido no Botswana, e chefe de uma temida horda de mercenários formada por berg-damaras, hereros, bastardos e bochimanes). Vita nasceu na missão alemã de Otjimbingue (no antigo Sudoeste Africano, hoje Namíbia), em 1863 e diz-se que morreu em 1937 no Kaôko, para onde fora depois de 1918, encontrando-se enterrado em Opuho, na Namíbia. Começou a combater ao lado dos portugueses, em 1890, nas campanhas portuguesas do Bié. Vita quer dizer “Guerra” em várias línguas do sudoeste africano. Os bóers chamavam-no de “Oorlog”, palavra que quer dizer “guerra” em afrikaans.

Vortrekers – bóers errantes (A.)

Indicação da origem das palavras:

A. (Africânder ou Afrikaans); **Ab.** (Ambó); **B.** (Brasil); **C.** (Cuanhama); **G.** (Ganguela); **H.** (Herero); **K.** (Kimbundo); **Kk.** (Kikongo); **N.** (Nhaneca); **U.** (Umbundo).

O PLANALTO DO KISSONDE

Autor: JORGE ARRIMAR

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

MUKERENG MPÔIO CALUNGA CARDOSO



Todos os direitos desta obra reservados a

JORGE ARRIMAR

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL
PORTUGUESA"**

Esta obra está sob uma *Licença Commons*.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito ao autor original –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.



JORGE ARRIMAR [Jorge Manuel de Abreu Arrimar]

Nasceu na Chibia, nas terras altas da Huíla, numa casa antiga, plantada pelo seu avô materno nas margens do rio Tchimpumpunhime.

Na década de 70 foi um dos fundadores do Grupo Cultural da Huíla, tendo dirigido um suplemento literário no "Jornal da Huíla". Fez

parte da geração universitária dos cadernos de poesia do Lubango (1973-74) e colaborou em alguns trabalhos com o etnólogo Carlos Estermann, sendo da autoria deste o prefácio de *Ovatyilongo* (Lubango, 1975).

Nos Açores, dirigiu, num jornal local a "Página Africana"; consta da antologia *Nós palavras* (1979), e no âmbito da História insular publicou *Cinco cronistas dos Açores* (1983).

Em Macau dirigiu a Biblioteca Nacional (1986-1998); membro da comissão organizadora do I Encontro de Poetas de Macau (1994) e membro fundador da ANANGA - Associação de Naturais e Amigos de Angola em Macau e foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural (1997).

Fez parte da equipa organizadora dos Encontros de Poetas do Mundo em Almada (2010 e 2011) e coordenou o evento "Literatura e Música Popular Angolana Contemporânea", iniciativa da Casa da Cultura Angolana Welwitshia, Lisboa (Set.2012).

Em Angola participou no 1º Encontro de Escritores Angolanos, Lubango (2004); nas mesas redondas "A História e a Literatura" e "Os novos rumos da Poesia Lusófona", integradas na iniciativa cultural da Associação Chá de Caxinde "Ler é uma Festa", Luanda (2012).

Tem participação em várias antologias, nomeadamente: *Ovi-sungu - 13 poetas de Angola* (Brasil); *Contos do mar sem fim - antologia afro-brasileira* (Brasil); *Divina música - antologia de poesia sobre música* (Portugal); *Antologia de poetas de Macau* (Macau); *I Roll de Dice: contemporary Macao poetry* (Macau).

Colaborou em diversas publicações: *Dicionário cronológico de autores portugueses* (Lisboa, 2000); *Dicionário temático da lusofonia* (Lisboa, 2005); "RC Revista de Cultura" (Macau), revista "Macau" (Macau), "Zunái" (Brasil), "Literatas" (Moçambique), "Seixo review" (Canadá).

Publicou os seguintes livros: *Ficção - Viagem à memória das ilhas* (2002); *O planalto dos pássaros* (romance, 2002), *Os infortúnios de Juvêncio* (conto, 2003), *Malfadada e os kimbandeiros* (conto, 2010), *O planalto do salalé* (romance, 2012), *Catarina* (conto, 2013), *O planalto do kissonde* (romance, 2013); *Poesia - Ovatyilongo* (1975), *Poemas* (c. EBPinto, 1979), *20 poemas de savana* (1981), *Murilaonde* (1990), *Fonte do Lilau* (1990), *Secretos sinais* (1992), *Confluências* (c. YJingming, 1997), *Ovatyilongo - poesia da Terra* (2010).

É membro da União de Escritores Angolanos.

A trama deste romance desenvolve-se no sudoeste angolano, nas duas décadas finais do séc. XIX, época de grandes eventos e de significativas mudanças, alguns deles reflexos da Conferência de Berlim (1885) que impôs ao continente africano a sua divisão pelas potências europeias. Contudo, houve episódios que a História quase não deu importância mas que mereceram a atenção do A., entrando, por isso, na construção deste romance.

Figuras oitocentistas aparecem aqui como personagens de ficção. Delas destacaremos algumas: Pedro Augusto Chaves, fundador da povoação da Chibia e da célebre fazenda Amélia, edificadas nas férteis margens do rio Tchimpumpunhime; D. Pedro de Água Rosada Lello, príncipe herdeiro do reino do Congo e aluno da Missão da Huíla; o padre Duparquet, missionário e viajante, criador da inatingível Cimbebásia; os insubmissos e bravos Chaungo e Luhuna, sobas do Humbe; o incontornável e ambíguo Orlog ou Vita, cujo nome carrega o próprio peso da guerra.

Paulino e seu filho Huilano Pilarte, membros mais recentes da velha família Pilarte, cujas raízes se perdem nas lonjuras do séc. XVII, centram as suas actividades entre o Lubango e a Chibia, ajudando Pedro Chaves a desenvolver a grande fazenda Amélia, a maior e mais rica propriedade construída até então nas terras altas da Huíla.

O *Planalto do Kisonde*, como em kimbundo se designa a formiga guerreira, fala-nos destes tempos agitados que marcam os últimos anos do século XIX, tempos de grandes iniciativas mas também de enormes desafios.

Esta edição tem o patrocínio de:

